

Adriana de Oliveira Gibbon
Artur Emilio Alarcon Vaz
Mairim Linck Piva
Organizadores

Socializando a leitura dez anos de uma experiência extensionista

MULTI
CONVERSAS
LITERÁRIAS

OFICINA DE
CONTACÃO
A FORMAÇÃO DE LEITORES



**Socializando a leitura:
dez anos de uma experiência extensionista**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL



ADRIANA DE OLIVEIRA GIBBON

ARTUR EMILIO ALARCON VAZ

MAIRIM LINCK PIVA

Organizadores

**Socializando a leitura:
dez anos de uma experiência extensionista**



Rio Grande

2023

© Adriana de Oliveira Gibbon; Artur Emilio Alarcon Vaz; Mairim Linck Piva

2023

Imagens da Capa: Marco Müller Filho e Sabrina Souza de Souza

Designer e diagramação da capa: Murilo Borges

Formatação e diagramação: Gilmar Angelo Meggiato Torchelsen

Revisão Ortográfica e Linguística: Milene Goulart

Ficha catalográfica

S678 Socializando a leitura: dez anos de uma experiência extensionista
[Recurso Eletrônico] / Organizadores Adriana de Oliveira Gibbon,
Artur Emilio Alarcon Vaz, Mairim Linck Piva. – Rio Grande, RS : Ed.
da FURG, 2023.

134 p. : il.

Modo de acesso: <http://repositório.furg.br>
ISBN 978-65-5754-200-2 (eletrônico)

1. Leitura 2. Literatura 3. Extensão Universitária 4. Universidade
Federal do Rio Grande – FURG I. Gibbon, Adriana de Oliveira II. Vaz,
Artur Emilio Alarcon III. Piva, Mairim Linck IV. Título.

CDU 028.5

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

INDICE

| | |
|--|----|
| PROGRAMA “SOCIALIZANDO A LEITURA”: da ação ao livro Adriana de Oliveira Gibbon Artur Emilio Alarcon Vaz Mairim Linck Piva | 7 |
| “CONVERSAS LITERÁRIAS”: o prazer da leitura para além dos muros da universidade Henrique Fernandes da Rosa Lucas Couto Duarte Prisciane Schroeder Teixeira | 12 |
| “DESCONVERSAS LITERÁRIAS”: adaptações pandêmicas Cláudia Mentz Martins Mairim Linck Piva Milene Gayer Goulart | 21 |
| “MULTICONVERSAS LITERÁRIAS”: a Feira do Livro da FURG sem muros Adriana de Oliveira Gibbon Artur Emilio Alarcon Vaz Mairim Linck Piva | 27 |
| “SOCIALIZANDO O ENEM”: construindo caminhos em meio ao isolamento social durante a covid-19 Gabriela Pinho Maiara Brandão | 32 |
| “SOCIALIZANDO A LEITURA”: a coluna quinzenal no jornal <i>agora</i> Adriana de Oliveira Gibbon Artur Emilio Alarcon Vaz Mairim Linck Piva | 41 |
| “OFICINA DE CONTAÇÃO”: experiência de leitura no ensino fundamental Lucas Dionizio Paz Bueno Pinto Bianca Matos de Barros | 45 |
| “ERA UMA VEZ”: um projeto que forma leitores e mediadores de leitura Analoren Fernandes Arthur Scapini Ana Luisa Feijó Cosme | 53 |

| | |
|--|-----|
| <p>“TENDA DO TERROR”: as histórias de horror na formação de jovens leitores Emilly Silva da Matta Giulia Guadagnini Barbosa</p> | 66 |
| <p>“LITERARTE: LITERATURA EM MOVIMENTO”: a realização de saraus como prática de incentivo à leitura Lisiane Ferreira de Lima Sara Nascente da Silva João Carlos Nascimento Bispo</p> | 75 |
| <p>“TROCA DE LIVROS”: socializando a literatura dentro da universidade Amanda Silveira Priscila Teixeira</p> | 85 |
| <p>“QUITANDA CULTURAL”: o “troca de livros” na comunidade externa da universidade Adriane de Araújo Rodrigues</p> | 94 |
| <p>“VEM LER”: projeto de incentivo à leitura numa escola pública rio-grandina Carolina Veloso Costa Wellington Freire Machado</p> | 97 |
| <p>“VEM LER POESIA”: uma reflexão docente sobre a imagem poética em sala de aula Elisa Moraes Garcia</p> | 107 |
| <p>“LEITURA DE CONTOS”: uma experiência de mediação na universidade Fernanda Gonçalves Vieira Thalena Evangelista Santos</p> | 124 |

PROGRAMA “SOCIALIZANDO A LEITURA”: da ação ao livro

Adriana de Oliveira Gibbon

Artur Emilio Alarcon Vaz

Mairim Linck Piva

A educação brasileira enfrenta nos últimos tempos uma profunda fragilização e, em especial, o ensino universitário tem sido alvo de mudanças que repercutem em toda a comunidade, pois a universidade é formadora de agentes que, tanto durante seu processo formador, como posteriormente, com sua formação e titulação, irão atuar em diversos campos da sociedade.

Pensando na responsabilidade que a formação de nível superior assume em um país de tantas desigualdades, é fundamental proporcionarem-se espaços de formação de excelência e de conscientização das necessidades da sociedade brasileira em seus diversos extratos. Dessa forma, criou-se o programa “Socializando a leitura”, coordenado pelas professoras Mairim Piva e Adriana Gibbon e pelo professor Artur Vaz, do Instituto de Letras e Artes (ILA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o qual se desenvolve com base no critério da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão como elemento formador essencial dos educandos.

Inicialmente proposto como projeto de extensão, em 2013, ramificado em diversas ações, o “Socializando a leitura” transformou-se em programa institucional em 2018, englobando projetos de extensão, cultura, ensino e pesquisa, assumindo, assim, o compromisso de estabelecer diálogos entre práticas de ensino e atividades de desenvolvimento da leitura e da escrita como instrumentos de emancipação dos sujeitos.

O programa intenta promover formação inicial e continuada para profissionais de várias áreas e para a comunidade em geral, resgatando a concepção cultural da leitura e da escrita. Promove, ainda, a leitura do texto literário que amplia valores socioculturais como o prazer de ler, considerando a leitura coletiva e formadora.

A linguagem é o ponto que entremeia a relação de conhecimento entre nós e o outro. A fala é considerada um processo natural, um desenvolvimento de aspectos

cognitivos inerentes à criança, já a leitura exige um processo de instrução, ou seja, o reconhecimento de sons em letras. No entanto, à medida que esse reconhecimento se estabelece, a leitura avança para uma dimensão cultural. Essa dimensão cultural envolve não apenas a aquisição de um conhecimento de mundo, mas também a possibilidade de se vir a interferir nesse mundo, reinterpretando os processos sociais e culturais e amadurecendo processos cognitivos, tanto de compreensão do mundo quanto do ato de ler.

Para Paulo Freire (2009), ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive e também promove sua representação, através de ações manifestas no diálogo com o outro, tanto no ato de fala quanto de escrita.

O processo de leitura em si, em sua abrangência cultural, está vinculado ao ato de escrever. Essa relação intrínseca aproxima estudos da Literatura e da Língua Portuguesa, pois o leitor competente vence as barreiras da escrita, seja pela multiplicidade de conhecimentos que a leitura oferece em suas diversas formas de realização, seja pelo amadurecimento do próprio processo cognitivo indissociável entre ler e escrever. Quanto mais o sujeito lê, mais adquire autonomia para processar outros textos e perceber a importância da produção escrita como registro da herança cultural. Engajado nessa percepção, a pessoa amadurece seu processo de escrita e compreende melhor a sua língua materna, dominando-a.

Apesar de sua importância, a leitura em nossa sociedade ainda encontra barreiras, seja no seu valor sociocultural ou no valor financeiro que o livro, seu instrumento, obtém no mercado. Assim, as ações propostas nesse programa permitem que a comunidade possa tanto ampliar quanto socializar sua bagagem de leitura.

A Literatura é uma das áreas de destaque na formação do profissional de Letras, constituindo, inclusive, diversas linhas de pesquisa dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande. Por outro lado, a leitura e a análise de textos literários amadurecem o processo de escrita, conferindo não apenas o reconhecimento da escrita e da leitura como consequências da integração de um complexo mundo socioeconômico, mas também fortalecendo os processos cognitivos dessa dupla faculdade da linguagem humana. Ao propor o trabalho com a leitura, a escrita e a oralidade dos alunos, o programa estimula diversos processos cognitivos e o desenvolvimento de habilidades interpretativas e expressivas, a partir dos projetos que desenvolve.

O programa organiza-se em função de diferentes eixos. Em primeiro lugar, deseja-se promover atividades de incentivo à leitura e à produção textual para estudantes e comunidade em geral. Objetiva-se também promover cursos de formação para professores, profissionais da educação, agentes culturais, bem como para a comunidade, qualificando e multiplicando o conhecimento sobre formas de incentivo aos atos de ler e escrever.

Considerando inquietações apontadas por estudantes universitários, em especial das licenciaturas, o programa almeja ainda oportunizar espaços para os discentes de graduação e pós-graduação que, envolvidos nas atividades, aplicam os conhecimentos adquiridos, proporcionando uma maior experiência docente em literatura, leitura e escrita. Esses objetivos podem ser focados no desejo maior de se oportunizar trocas de experiências culturais diversas. (GIBBON; PIVA, 2016, p. 2846).

O programa “Socializando a leitura”, além de contar com a coordenação dos professores do Instituto de Letras e Artes (ILA), tem em cada projeto um discente de graduação ou pós-graduação como vice-coordenador que participa da elaboração das atividades e lida com os convites das diversas entidades que desejam estabelecer parceria com o programa dentro da região sul do Estado.

O programa “Socializando a leitura” caracteriza-se como um conjunto de ações que, em sua base, possui um caráter extensionista e que procura incentivar a leitura e a formação de mediadores. Considerando o critério de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o programa abrange projetos de diversas facetas. Por exemplo, no ano de 2019, o programa englobou três projetos de pesquisa nas áreas de Literatura e Linguística: “Imaginário e intimismo: múltiplas representações literárias”; “Formação e consolidação do sistema literário no extremo sul brasileiro” e “Produção textual e sintaxe”.

Nesse mesmo período, envolveu quatro projetos de extensão, desenvolvidos a partir de parcerias com escolas e entidades particulares: “Troca de livros”; “Oficina de contação: a formação de leitores”; “Vem ler: incentivo à literatura” e uma coluna no jornal *Agora*, da cidade de Rio Grande, intitulada “Socializando e a literatura infantojuvenil”. O programa ainda possui três projetos de cultura, “Literarte: literatura em movimento”; “Conversas literárias” e “Tenda do terror” e dois projetos de ensino, “Práticas de literatura” e “Leitura: teoria e prática”.

Essa organização proporcionada pelas atividades de extensão, cultura, ensino e pesquisa traz impacto e transformação social, tanto na comunidade externa quanto em diversos aspectos da comunidade universitária.

No âmbito da pesquisa, o programa contribui para a formação acadêmica dos

estudantes de graduação e de pós-graduação envolvidos nos diversos projetos. A atuação dos estudantes desperta o olhar criativo e crítico, apontando possibilidades de pesquisa e incentivando o discente a procurar constantemente sua própria capacitação, dando continuidade aos estudos em programas de pós-graduação e/ou engajando-se em projetos de pesquisa, aprofundando os temas de seus estudos e estimulando ainda a participações dos envolvidos em eventos de natureza acadêmica e cultural.

Na extensão, observa-se a possibilidade do discente exercitar a docência e observar a realidade mais ampla do ato de educar. Além disso, as ações extensionistas promovem a interação e o envolvimento dos discentes na comunidade. Por outro lado, observa-se a participação da comunidade externa, especialmente no fato de que os projetos de cultura emanaram das necessidades dos alunos e/ou da comunidade.

No eixo do ensino, salienta-se que as práticas nos diversos projetos de extensão e cultura permitem aos discentes a prática docente. Além disso, o programa também aborda cursos de extensão, tais como “EntreTextos: literatura e leitura”, “O imaginário nos contos de fadas”, “Entre a magia e o sonho: a literatura infantil brasileira” e “Literatura e mitologia”; são especialmente organizados para levar à comunidade externa os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

A partir de parcerias com instituições como a Secretaria de Cultura e como a Secretaria de Educação do Município de Rio Grande - RS, bem como com convites da Secretaria de Educação do Município de São José do Norte - RS, como o Hospital Universitário da FURG, o Asylo de Pobres de Rio Grande, o SESC, a rede de livrarias Vanguarda, e diversas escolas da região Sul, o programa “Socializando a leitura” alcança um dos objetivos de destaque para seus coordenadores: voltar-se para os agentes formadores e fomentadores da leitura e da escrita, através do engajamento dos profissionais de redes de ensino/cultura. Essas parcerias ampliam a atuação do projeto e promovem a expansão dos espaços de mediação, envolvendo diretamente diferentes comunidades.

Dessa forma, mesmo diante de um cenário preocupante no que concerne à formação de leitores críticos, acredita-se que o objetivo principal de se observar a leitura e a escrita como bens culturais que estimulam aspectos sociocognitivos para além da informação, mas que também cultivam ações formadoras do indivíduo dentro da sociedade, vem sendo alcançado.

O livro “Socializando a leitura” apresenta as diferentes ações do programa e relatos de experiências na voz de seus agentes: professores, estudantes de graduação e pós-graduação e membros da comunidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GIBBON, Adriana de Oliveira; PIVA, Mairim Linck. Socializando a leitura: multiplicação de saberes. In: IV Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, Maringá. **Anais...** 2016. Maringá. Disponível em: www.cielli2016.com.br. Acesso em: 15 jul. 2023.

PIVA, Mairim Linck; GIBBON, Adriana de Oliveira; Socializando a Leitura: Trânsitos Atlânticos In: **Ensinar o Brasil a toda a gente.** Homenagem a Vania Pinheiro Chaves. Lisboa: Theya / CLEPUL, 2018, p. 541-551.

VAZ, Artur Emilio; MARTINS, Cláudia Mentz; PIVA, Mairim Linck; (orgs). **Práticas do Ensino de Literatura:** do cânone ao contemporâneo. Vinhedo: Horizonte, 2017.

"CONVERSAS LITERÁRIAS": o prazer da leitura para além dos muros da universidade

Henrique Fernandes da Rosa

Lucas Couto Duarte

Prisciane Schroeder Teixeira

O projeto "Conversas literárias" é, desde 2017, um dos desdobramentos do programa "Socializando a leitura", da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), vinculado ao Instituto de Letras e Artes (ILA). Um dos objetivos do grupo é promover o incentivo à leitura e o acesso à cultura. Enquanto outros projetos atuam na etapa escolar, tal como o "Oficina de contação: a formação de leitores", o "Conversas literárias" abarca o fomento à literatura em faixas etárias posteriores.

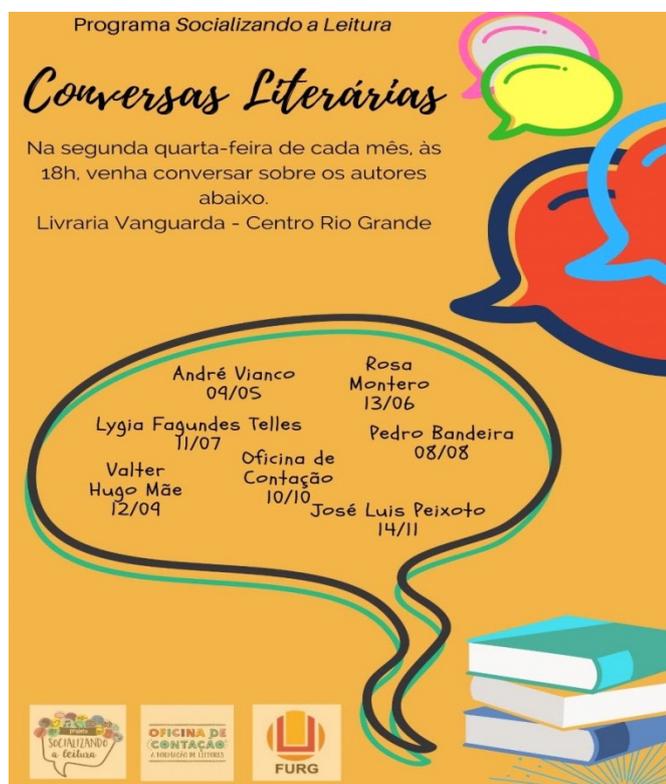
A perspectiva de formação do leitor, existente no "Oficina de contação", mantém-se nos encontros do "Conversas literárias", mesmo que o foco seja distinto. Enquanto o "Contação" busca conquistar leitores na infância e incentivar o contato com livros e narrativas, o "Conversas" objetiva fomentar a leitura em diferentes estágios da vida, além de trazer uma reconexão com o hábito, visto que é muitas vezes deixado de lado por diferentes afazeres e responsabilidades cotidianos. É a partir desses pressupostos que o grupo organiza a mediação dos encontros.

Em 2017, na primeira edição, realizada em parceria com a Livraria Vanguarda da cidade de Rio Grande, alunos de graduação e pós-graduação em Letras da FURG mediarão conversas sobre autores como Marina Colasanti, Cíntia Moscovich, Belén Gache, Daniel Galera e Caio Fernando Abreu, começando a partir das 18h. Em 2018, ainda em parceria com o mesmo espaço, foram realizados debates sobre André Vianco, Rosa Monteiro, Lygia Fagundes Telles, Pedro Bandeira, Valter Hugo Mãe e José Luis Peixoto, ainda no mesmo horário. Em 2019, foi formada uma parceria com a Biblioteca Rio-Grandense e, nesse espaço, o foco do "Conversas" foram os autores Artur da Távola, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Silvina Ocampo, Natalia Borges Polezzo e Tobias

Carvalho, dessa vez começando às 15h, objetivando abranger pessoas que não poderiam participar nos horários das edições anteriores. Em 2020, os encontros também aconteceram no espaço da 46ª Feira do Livro da FURG, em que os ministrantes abordaram os autores H.G. Wells, Margaret Atwood, Maria Firmina dos Reis e Vitor Martins, começando à noite, no horário da feira.

No total, foram mais de vinte encontros e autores abordados, com vinte e cinco ministrantes, alguns retornando a cada ano com novos escritores, novas abordagens e novos textos. Considerando os registros dos encontros, acredita-se que o público contemplado pelo projeto seja de mais de duzentas pessoas, algumas voltando também a cada edição, mas sempre com um rosto novo aparecendo.

FIGURA 1: O PROGRAMA



FONTE: Acervo do programa

A partir da seleção de autores das reuniões, é possível perceber que o grupo busca atingir os mais diversos grupos de leitores, preocupando-se com a diversidade de autores e temáticas: literatura brasileira e estrangeira, autores clássicos e contemporâneos, sem deixar de atender também textos infantis e juvenis.

Apesar dos ministrantes serem majoritariamente estudantes e pesquisadores da área de literatura, o foco dos encontros é compartilhar experiências da leitura, conversar

sobre impressões deixadas pelo texto, o que agrada ou desagrade na escrita, e não um enfoque tradicional da análise literária ou a historiografia literária. A ideia central de uma mediação cujo foco não é acadêmico é baseada em uma tentativa de aproximar a comunidade rio-grandina da leitura e da literatura, sem o peso que carrega a perspectiva de teoria literária – o propósito é, portanto, conversar sobre uma leitura por prazer, sem cobranças acadêmicas. Destaca-se que a equipe de ministrantes foi sendo ampliada, expandindo-se para leitores de outras áreas, não apenas pesquisadores em literatura, demonstrando o interesse do projeto em estabelecer diálogos sobre a leitura em diferentes contextos e espaços.

A metodologia desses encontros começa na seleção dos textos e autores. É solicitado aos ministrantes que selecionem *corpus* que eles mesmos tenham alguma relação afetiva, não necessariamente foco de análise, visto que este não seria o objetivo do projeto. A partir disso, são selecionados alguns contos ou trechos de romances para uma leitura conjunta no dia do encontro, com o objetivo que todos tenham contato com a leitura e, dessa forma, possam debater os textos junto com o grupo.

Dentre as bases teóricas utilizadas para elaboração do “Conversas literárias”, destaca-se os textos “Direito à literatura” (2011), de Antonio Candido, e *Literatura para quê?* (2009), de Antoine Compagnon. Apesar do foco do grupo ser majoritariamente prático, algumas teorizações sobre a literatura e a leitura prazerosa são abordadas, tornando-se a base para realização do projeto, além de um meio para justificar sua importância dentro da universidade.

Compagnon inicia seu texto questionando o porquê de se falar sobre literatura, visto que é um tópico muitas vezes perdido, considerando que certa parte da população não vê a utilidade dessa forma de arte – e outras tantas mais – em um mundo cada vez mais prático e mecânico. Pensando nisso, o autor usa do próprio texto literário, a obra de Marcel Proust, para responder alguns desses inquietamentos. Usando as palavras do autor francês, através da arte e, por conseguinte, da literatura, é possível conhecer o universo de outro, que é tão diferente para cada um. A experiência da leitura literária não se repete em nenhum outro espaço e é desse fator que Compagnon, a partir de Proust, revela uma finalidade da literatura: conhecer o outro e criar, de certa forma, empatia. A leitura, para Compagnon, torna a vida mais ampla, torna o sujeito melhor.

Outro ponto levantado pelo autor é a relação do jovem com a literatura. Na Europa ou na América do Sul, a situação é bastante semelhante. A obrigação de ler *Madame Bovary* na França assemelha-se com a obrigação de ler, por exemplo, *Dom Casmurro* no Brasil, com pouca ou nenhuma mediação de uma leitura complicada e sem o incentivo

prévio ao ato de ler. Isso apenas distancia o adolescente da leitura, causando certa repulsa a uma atividade que já não é vista com bons olhos na maioria das vezes, visto que, como apontado por Compagnon, a “solidão imóvel” (COMPAGNON, 2009, p. 22) da leitura não está de acordo com o jovem que se encontra em constante necessidade de comunicação. Essa perspectiva relaciona-se com a proposta do “Conversas”, mostrando que a literatura não é difícil ou inalcançável e, por meio de uma leitura coletiva e uma conversa sobre os textos, também não é, necessariamente, solitária.

Por fim, Compagnon discorre sobre alguns dos “para quês” da literatura. Segundo o autor, a literatura apresenta a libertação ao leitor, tornando-o capaz de perceber aspectos sobre a realidade que antes não percebia. O autor afirma que as obras literárias têm a capacidade de contestar a submissão ao poder. A leitura torna-se, então, capaz de “libertar” o seu leitor e é, por isso, que o teórico francês a chama de “remédio”. Acredita-se, portanto, que não é sem fundamento o “medo” que regimes totalitaristas têm da literatura e de outras formas de arte, visto que são esses os meios dos povos de refletirem sobre si próprios e perceberem sua submissão. Essas reflexões de Compagnon demonstram a relevância do fomento à leitura de textos literários em qualquer idade, não apenas durante a infância. Desse modo, através de seus diversos projetos, o programa “Socializando a leitura” realiza esse objetivo no município de Rio Grande.

A contribuição do texto de Antonio Candido para a realização do “Conversas” se dá de forma similar. O pesquisador também afirma que a literatura é perigosa, um fator de risco – tanto para o leitor, que a partir dela percebe novas situações, quanto para aqueles em situação de poder. Candido aponta também, similar a Compagnon, o poder humanizador da obra literária. Sobre esse aspecto, é explicado que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 180). Portanto, a literatura tornaria o ser humano mais *humano*, capaz de reflexão, de ter uma boa disposição para com o próximo, de aprender a entender melhor as emoções e de perceber a crescente complexidade do mundo.

Candido também dá atenção ao problema da circulação da literatura. É afirmado que em países em que existe uma preocupação com o incentivo à leitura e com a taxa de alfabetização, o número de leitores cresce e os textos literários circulam em maior quantidade. Por mais que o projeto “Conversas literárias” não seja capaz de alfabetizar ou aumentar a tiragem de livros, como no exemplo dado pelo autor, o grupo cumpre seu objetivo inspirado nas palavras de Antonio Candido, visto que faz a leitura literária circular para além do espaço acadêmico, conversando com a comunidade do município. Essa

tentativa de difundir a leitura não se encerra apenas na leitura de textos, mas também objetiva a conversa sobre a literatura, para que não seja solitária.

O autor, ao encerrar seu texto, ainda aponta que o texto literário ultrapassa as barreiras da estratificação social e redime a distância da desigualdade social. Reitera-se que este não é o objetivo central do projeto apresentado, mas se destaca a sua finalidade de estreitar a barreira entre a universidade e a comunidade. Como apontado, os ministrantes são orientados a não centrar sua fala com teorias literárias que não abarcassem a comunidade rio-grandina presente, que na grande maioria dos casos inclui de forma concomitante adolescentes, adultos e idosos. É a busca de unir a universidade e os cidadãos do município, além de uma forma para retribuir o investimento feito na FURG.

Procurando uma maneira de demonstrar o funcionamento do projeto e sua metodologia, encontra-se a seguir o relato de dois ministrantes de edições do “Conversas”, entre 2017 e 2019. Especificamente, escolheu-se dois ministrantes que não são da graduação em Letras, demonstrando que o interesse pela leitura literária não é específico de uma área.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRISCIANE TEIXEIRA

Quando fui convidada para participar do projeto "Conversas Literárias", o primeiro sentimento que tive foi de apreensão. Embora leitora ávida, não tenho formação em Letras e não sabia bem o que esperavam de mim. Havia pouco mais de um ano e eu descobrira a obra do escritor português José Luís Peixoto e estava procurando conhecê-la o máximo possível e, por isso, foi quase automática a escolha de seus livros para a minha participação no "Conversas Literárias". Li, reli, selecionei passagens, pesquisei sobre sua carreira, enfim tentei fazer o “dever de casa” o melhor possível.

FIGURA 2



FONTE: Acervo do programa

Como eu não conhecia o projeto, escolhi a última data e fui a quase todas as palestras anteriores à minha. À medida que assistia aos encontros anteriores, a expectativa crescia e meu nervosismo aumentava. Embora eu não seja tímida, pelo contrário, gosto muito de falar em público, a responsabilidade era grande e considerei um privilégio ter sido convidada. Desejava estar à altura e, quando novembro chegou, eu sentia-me preparada.

Foquei minha apresentação em três obras: *Livro*, *Morreste-me* e *Galveias*. Um bom público compareceu e a conversa fluiu muito bem. Penso que consegui atender à intenção do projeto e impregnar um pouco as pessoas com a minha paixão pela leitura e com a minha admiração pelo autor em questão.

No entanto, creio que o mais importante foi a trajetória percorrida desde o momento do convite até o dia da palestra. Ao longo dos meses, tomei consciência da bagagem que tenho acumulado com anos de leitura e o encantamento perpétuo em descobrir novas obras, autores e perspectivas que a literatura nos dá. O "Conversas Literárias" me fez viajar para dentro de mim através dos livros com uma consciência diferente da que eu tinha até então. Mudou minha percepção, aprofundou minha análise e melhorou minha crítica. O projeto transcendeu minha expectativa e espero ter contribuído para sua continuidade. Foi um grande prazer.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE LUCAS DUARTE

Minha relação com a leitura teve início na minha infância, proveniente de família pobre e morador de um bairro periférico localizado no município do Rio Grande – RS, nunca tive muito acesso a livros, quadrinhos, ou outras formas de leitura, então meu primeiro contato com alguma obra foi através de um projeto desenvolvido na escola durante meu ensino fundamental, que buscava incentivar o ato de leitura. Recordo-me até hoje de vagar por aquela pequena biblioteca em busca de algo que despertasse meu interesse e conseqüentemente meu primeiro contato com a literatura.

Entretanto, o acesso a livros é algo ainda bastante difícil principalmente vindo de uma origem pobre. Dentre as preocupações financeiras da minha família, optar entre comprar determinado alimento ou adquirir um livro não era uma opção, ou seja, o acesso era bastante restrito. Contudo, mais velho conheci as lojas de livros usados, os sebos, onde a maioria das obras tinham um valor muito mais acessível. A partir desse momento, ler tornou-se um hábito bastante recorrente; é um tanto redundante discorrer sobre, mas a ação da leitura realmente me permitiu visitar outros lugares, conhecer novas culturas e

até mesmo fantasiar sobre super-heróis e criaturas místicas.

FIGURA 3



FONTE: Acervo do programa

Ademais, ler acabou se tornando um hábito bastante solitário, a maioria dos meus amigos e colegas não tinha o acesso a livros ou não era incentivada a realizar alguma leitura, então todas as histórias que eu tinha contato acabavam sendo internalizadas, porque não tinha com quem dialogar sobre. Contudo, as poucas pessoas que eu tinha afinidade para dialogar, tornavam a experiência da leitura ainda mais gratificante, a comunicação permitia que a gente discutisse sobre as narrativas, teorias e possíveis desfechos para cada personagem, além disso, a troca de saberes entre nós possibilitava uma reflexão mais crítica sobre o que estávamos consumindo.

Apesar disso, conforme o passar do tempo e meu ingresso na universidade, minha relação com leitura acabou se tornando uma obrigação. A graduação no ensino superior consome muito tempo, grande parte desse dedicado a um período com cargas de leitura acadêmicas muito altas, quando lia eram apenas leituras obrigatórias e teóricas; de certa forma a leitura deixou de ser prazerosa e tornou-se uma atividade acadêmica. Os breves momentos em que tinha disponibilidade de tempo para lazer, a última opção que desejava era ler, ou seja, eu já não reconhecia aquela leitura prazerosa que eu realizava antes.

Contudo, no ano de 2018, tive a oportunidade de conhecer o projeto “Conversas literárias”, a partir da apresentação sobre as obras da autora Lygia Fagundes Telles. Nunca havia participado de algum evento ou apresentação no formato proposto pela atividade, era realmente um ambiente de troca e de diálogos que não se limitava apenas aos ministrantes, mas permitia que todos tivessem espaço para falas e contribuições.

Os discursos dos ministrantes não eram apenas discorrer sobre determinada obra de forma acadêmica e distante dos “leigos”, percebia que existia um objetivo de induzir o

ouvinte ao desejo de ler. Além disso, enquanto pesquisador de fora da área da literatura, a linguagem utilizada durante a apresentação era acessível a todos os presentes, o que deixava os ouvintes mais confortáveis. Portanto, experienciar enquanto público me trouxe de volta aquele interesse pela leitura literária que havia se perdido e também saber que existem espaços em que posso compartilhar minhas experiências literárias e me reconectar com a leitura.

No ano de 2020, recebi o convite para ser palestrante e discutir sobre as obras *Quinze dias* e *Um milhão de finais felizes*, do autor Vitor Martins. Lembro que fiquei muito intrigado por ser convidado e também nervoso, justamente por não ser da área de pesquisa em literatura, contudo, lembrei que o objetivo do projeto é estabelecer essa comunicação entre o público e a obra e promover a leitura literária para a comunidade; sendo um professor de Geografia em processo de formação, me comunicar não era problema algum.

Minha experiência enquanto palestrante foi muito divertida e enriquecedora. Apesar do nervosismo, poder discutir sobre um livro de que gosto e compartilhar minhas experiências a partir de sua leitura foi muito gratificante, poder ministrar esse diálogo e ouvir as demais pessoas me trouxe outra perspectiva a respeito do processo de leitura. Além disso, a obra também me permitiu tangenciar entre diversos temas, como a questão do padrão de beleza estipulado, sobre a formação do sujeito LGBTQIA+, as preocupações do jovem na atualidade. Enfim, a partir de um livro, todas essas temáticas de extrema importância foram tratadas e discutidas com o público da Feira do Livro da FURG.

Por fim, creio que projetos como esses, além de contribuírem para o meio acadêmico, agregam consigo um retorno enorme para a comunidade. Propiciar ambientes para o diálogo sobre literatura permite que a leitura literária torne-se muito mais acessível e atraente para os diversos públicos, contribuindo para o aumento de leitores no município. Além disso, o diálogo em grupo permite externar nossas vivências, o que torna o encontro muito mais que uma exposição, mas um projeto de aprendizagem em conjunto.

A partir do relato dos participantes, é possível concluir que o diálogo sobre literatura não pertence somente aos pesquisadores e professores da área, em seus pedestais com a comunidade cada vez mais distante. O projeto torna possível essa aproximação com os cidadãos e os estudantes da universidade, unidos pelo hábito da leitura, o qual pode estar sendo retomado ou constante, como no caso dos relatos de experiência dos ministrantes. O “Conversas”, enfim, une a universidade e a comunidade através do amor pela leitura.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades /Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

“DESCONVERSAS LITERÁRIAS”: adaptações pandêmicas

Cláudia Mentz Martins,
Mairim Linck Piva
Milene Gayer Goulart

Em um cenário pautado pela COVID-19¹, uma infecção respiratória aguda, que alterou o modo de as pessoas se relacionarem e de interagirem, era inevitável que as mais diferentes atividades que envolvessem o contato entre pessoas fossem afetadas. Consequências de ordem econômica, políticas e sociais logo se fizeram evidentes não tendo ficado à margem as vinculadas ao ensino. Segundo dados da UNICEF, em 2022, como resultado da pandemia, dois milhões de crianças e adolescentes entre 11 e 19 anos, que não tinham completado a educação básica, não estavam frequentando a escola pública, no Brasil². No âmbito do ensino universitário, o impacto não foi menor³.

Diante da declaração de pandemia pela Organização Mundial de Saúde e da necessidade de isolamento social, as questões voltadas às ações do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, fossem eles do ensino básico, médio ou superior, público ou privado passaram a ser debatidas na busca de soluções que permitissem a continuidade do estudo dos discentes. O caminho encontrado foi o uso de tecnologias que permitiu o ensino remoto emergencial o qual, vale a ressalva, não pode ser confundido como a modalidade de Ensino a Distância (EaD) que possui regulamentação própria e uma série

¹ Seu contágio se dava pelo coronavírus SARS-CoV-2, bastante grave, pois sua taxa era de elevada transmissibilidade, tendo uma distribuição global. A COVID-19 foi caracterizada como pandemia, em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Somente em 05 de maio de 2023, a OMS declarou o fim da emergência internacional.

² Segundo os dados da pesquisa, esse número corresponde a 11% do total da amostra. Para maiores informações consultar: Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão frequentando a escola no Brasil, alerta UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>. Acesso em: 06 maio 2023.

³ Segundo Gabriela de Souza Honorato e Eduardo Henrique Narciso Borges (2022), de acordo com pesquisa do Mapa do Ensino Superior 2021, em 2020, em função da inadimplência, “3,78 milhões de estudantes deixaram as IES privadas” (p. 142); e, em 2021, mais 3,42 milhões. Já na rede pública, “a evasão foi um pouco menos intensa, motivada, provavelmente, pelas políticas de permanência estudantil,” (p. 142). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61538/61538.PDFXXvmi>. Acesso em: 13 out. 2023.

de práticas pedagógicas. Cabe ressaltar o abismo entre ensino privado e público, mesmo no âmbito das instituições do ensino superior (IES). Segundo Honorato e Borges (2022), as instituições de ensino superior privadas por reunirem “mais experiência prática na oferta de cursos EaD, conseguiram se adaptar e migrar mais rapidamente para o novo formato” (p.144). Porém, as IES públicas, como a Universidade Federal do Rio Grande, por possuírem “poucos dados sobre seus estudantes, docentes e suas condições de vida” (p.144), precisaram primeiramente fazer esse levantamento para, então, poder promover uma aprendizagem que fosse significativa; isso sem mencionar que muitas dessas instituições não tinham “capacidade adequada para apoiar o uso de TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação” (p.144).

Dentre as várias dificuldades que se apresentavam às instituições de ensino superior e que precisavam resolvidas, uma questão era a forma como os alunos de licenciatura realizariam seus estágios. Se os cursos de licenciatura consistem em tornar aptos seus alunos à docência, ou seja, pressupondo o contato dos graduandos com o público do ensino fundamental e médio, como seriam viabilizados os estágios obrigatórios para a conclusão dos cursos?

Nesse contexto, criou-se o projeto de extensão e ensino denominado “Práticas de ensino de literatura Desconversas literárias: socializando a leitura”, divulgado junto à comunidade como “Desconversas literárias”. Diante das incertezas das escolas do ensino fundamental e médio, da rede pública ou privada, sobre a retomada das aulas presenciais ou híbridas em 2020 e 2021, procurou-se garantir aos alunos matriculados na disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV a viabilidade da disciplina. Considerando-se as circunstâncias sociais e educacionais do cenário pandêmico, a ações propostas para ocorrerem de maneira mais segura foi na forma remota e, considerando-se tanto as dificuldades socioeconômicas de acesso virtual tanto dos estagiários quanto do público-alvo, as atividades de modo assíncrono foram privilegiadas.

Neste contexto, no ano letivo de 2020, elaborou-se o projeto que se aliou ao programa Socializando a leitura, que tem entre seus projetos o “Conversas literárias: socializando a leitura”, cuja primeira edição data de 2017 e ocorria em diferentes espaços da cidade de Rio Grande, sempre com os ministrantes e o público no modelo presencial, até fevereiro de 2020. O desdobramento virtual intitulado “Desconversas literárias” se propôs ao ensino, à discussão de autores e obras literárias contemporâneas. O espaço de circulação e veiculação do “Desconversas literárias” foi a plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube no canal denominado “Desconversas Literárias: socializando a leitura”.

Destaca-se ainda que todos os estagiários assinaram um termo de liberação de imagem e voz fornecido pela FURG para que pudessem participar do projeto e para que, concluída a disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV, o material produzido passasse a integrar o acervo do programa Socializando a leitura e suas mídias sociais já estabelecidas, como o canal do YouTube do programa: <https://youtube.com/c/ProgramaSocializandoaLeitura> o Linktr.ee do programa: <https://linktr.ee/socializandoaleituraFURG>, e as páginas do Facebook e Instagram dos diversos projetos que compõem o programa.

O projeto teve duas edições e desde a primeira estabeleceu parcerias com escolas da cidade do Rio Grande para garantir acesso direto de seus estudantes através de seus professores de Literatura e Língua Portuguesa. Entre as escolas parcerias destacam-se: Escola Municipal de Tempo Integral Valdir Castro, Escola Municipal de Ensino Fundamental Helena Small, Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, Escola Estadual Lemos Júnior, Escola Estadual Bibiano de Almeida, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Rio Grande.

A primeira edição do projeto, cujo início de veiculação nas mídias sociais foi em abril de 2021, contou com vídeos semanais postados na plataforma YouTube e com podcasts veiculados na área aberta e gratuita da plataforma Spotify. A segunda edição, iniciada ainda no final de 2021 e concluída em 2022, contou apenas com os vídeos por terem sido o mecanismo de maior compartilhamento na primeira edição.

Na segunda edição, cada estagiário gravou seis vídeos de quinze a vinte minutos; contando-se ainda com um bolsista do projeto para apoiar as questões de edição e veiculação. O bolsista auxiliou os alunos estagiários a editarem seus vídeos, a fazerem a postagem desse material, gerenciarem o canal no YouTube “Desconversas literárias”, observando suas estatísticas, como a quantidade de inscritos e de visualizações, tempo de exibição, principais vídeos assistidos. O bolsista colaborou ainda para evitar possíveis ataques de hackers ao canal, impedindo - ou buscando ajuda, se necessária – para que o canal não fosse “derrubado” ou perdesse seu domínio.

A participação dos alunos envolvidos neste projeto foi muito positiva, sendo um desafio de grande porte para que habilidades até então não exigidas em situações de estágio fossem desenvolvidas. O retorno dos professores das escolas parceiras também foi de grande auxílio para se medir a aplicabilidade do projeto e seu alcance efetivo. Vale ressaltar que o projeto atingiu inscritos em seu canal e visualizações ao longo do tempo que superaram as expectativas, atingindo público em todo o Brasil.

O relato de experiência a seguir é de uma das estagiárias da primeira edição do Projeto “Desconversas literárias”.

RELATO DE EXPERIÊNCIA – MILENE GAYER GOULART

O projeto “Desconversas literárias” surgiu devido à necessidade de que os graduandos no curso de Letras realizassem seus estágios na área de literatura em período pandêmico, no contexto do isolamento social e do ensino remoto. Ao longo da minha formação, estando em um curso de Licenciatura em Letras, me preparei para atuar nas escolas, lidar com conteúdos formais na área de literatura, cumprindo com a grade curricular já estabelecida, conforme o ano do Ensino Médio em que lecionaria. Dentre tantos tormentos que a pandemia trouxe, há a quebra das expectativas, minhas e de outros formandos, em relação aos estágios e o desafio de se adequar a um novo modo de produzir conhecimento, de se adaptar ao distanciamento social e ao uso inevitável das tecnologias.

Devido às inseguranças causadas pela pandemia, a incerteza em relação ao futuro e ao tempo necessário de isolamento social, as escolas públicas tiveram um atraso em suas atividades quando comparadas às escolas privadas. Nesse sentido, nossa intenção ao propor o “Desconversas literárias” foi democratizar o conhecimento em literatura, incentivar a leitura e diminuir essa disparidade. Além disso, pensando no programa Socializando a Leitura, nosso grupo que inclui extensão, ensino e pesquisa, noto que recorreremos à literatura como uma forma de amparo e conforto nos tempos de angústia causada pelo isolamento social. Produzimos saraus, conversas e outros eventos on-line que, por meio do texto literário, buscavam significar de alguma forma aquilo que vivenciávamos. Assim, foi natural que nosso conteúdo no “Desconversas” estivesse voltado à literatura contemporânea, que poderia tanto ser tema de provas de ENEM quanto gerar reflexões e entretenimento durante esse período. Ao optar por literatura contemporânea, também buscávamos uma aproximação do público jovem, focando em pautas como a escrita de autoria feminina, a literatura marginal e à causa LGBT.

Diferente de um estágio tradicional, em que o planejamento das aulas é de exclusiva responsabilidade do estagiário, a realização do “Desconversas” em 2021 contou com a colaboração de sete estagiários e exigiu habilidades que estavam além dos conhecimentos acerca de determinados conteúdos formais ou da elaboração de planos de aula. O trabalho incluiu tudo aquilo que contempla a realização de um curso on-line: a produção escrita de notas e serem divulgadas nas mídias da universidade e no jornal

local, a criação das mídias do próprio projeto, como o canal nas plataformas YouTube e Spotify, assim como vídeos de apresentação, banners de divulgação e, posteriormente, a pesquisa, o planejamento e a execução por trás da gravação dos vídeos e dos podcasts. Com tantos detalhes que envolvem a concepção de um projeto on-line, acredito que todos os estagiários, ao fim do trabalho, desenvolveram habilidades inusitadas, como edição de vídeos, conhecimentos sobre iluminação, enquadramento ou habilidades em colagem e montagem de banners.

Como nos vídeos e podcasts abordamos obras contemporâneas, algumas pouco conhecidas, tivemos escasso acesso a materiais acadêmicos ou didáticos sobre os tópicos que discutimos. Assim, de certa forma, o estágio demandou habilidades em produção e pesquisa, já que partimos principalmente de nossas próprias leituras e interpretações. No meu caso, pude pesquisar e discutir parte da obra de dois autores de que gosto muito: João Gilberto Noll, atualmente objeto de pesquisa da minha pós-graduação, e Natália Borges Polezzo, escritora de linguagem fluida e que apresenta temáticas tão atuais e relevantes. Ainda que essa pesquisa e a elaboração dos roteiros tenha exigido esforço, meu maior desafio foi a gravação dos vídeos.

Ao lecionar, principalmente nas primeiras aulas, é comum hesitar, trocar palavras ou produzir um discurso menos coeso do que se gostaria. Entretanto, quando a aula é assíncrona e está sendo gravada, há um desconforto em olhar para a câmera, as palavras trocadas e a hesitação são ainda mais frequentes e, com a opção de excluir o vídeo e gravar novamente, a produção se torna interminável. Minha primeira tentativa de gravação se estendeu por horas, até que perdi completamente o desconforto em dialogar sozinha diante da câmera. Depois disso, só restaram os meus vícios de linguagem.

Acredito que assistir à gravação de uma das suas aulas é um privilégio – e desconforto – que todos os professores deveriam ter. Assim como a leitura e a revisão dos próprios textos permite que possamos melhorar a nossa escrita, evitando repetições, penso que ouvir o próprio discurso nos faz conhecer nossos vícios de linguagem. No meu caso, um “então” que acompanhava todas as mudanças de tópicos. Com a gravação de quatro vídeos, com duração de 15 a 20 minutos, pude perceber como, aos poucos, fiquei mais à vontade diante da câmera, o discurso mais monitorado, ainda que fluísse com maior naturalidade. Por ter sido realizada posteriormente, a gravação dos podcasts demandou menor trabalho, quase como uma conversa informal sobre as minhas leituras e impressões.

No contexto da pandemia e do ensino remoto, creio que muitos professores passaram por um longo processo de planejamento, experimentação e, por vezes,

improvisado em suas práticas docentes. No nosso caso, esboçar um projeto de modo coletivo, com o auxílio de duas coordenadoras, alunos bolsistas e estagiários, tornou a tarefa mais fácil e acolhedora. Acredito que a iniciativa em executar tarefas inéditas nos tornou mais criativos e adaptáveis às situações. Penso que, com essa experiência, posso idealizar, de modo realista e seguro, a execução de uma atividade de extensão, presencial ou on-line. Ainda, considerando o “Desconversas” como uma parte do programa Socializando a Leitura, creio que a experiência foi válida para o grupo como um todo, já que nunca antes havíamos nos deparado com um formato de produção e edição de vídeos tão completo e rigoroso.

Por fim, ao considerar as expectativas que eu tinha em relação aos estágios, provavelmente semelhantes às de outros colegas, não posso ignorar algumas das experiências das aulas presenciais que não tive, como o contato e a convivência direta com os alunos. Porém, percebo que a participação no “Desconversas literárias” me proporcionou novas experiências e exigiu o desenvolvimento de diferentes habilidades, como conhecimento de tecnologias e mídias, certo desembaraço diante da câmera, desenvolvimento de trabalho coletivo e, de certo modo, a oportunidade de rever meu posicionamento e discurso como docente através do material gravado. O trabalho abrangeu conhecimentos multidisciplinares, que certamente serão úteis em projetos futuros do “Socializando a Leitura” e na minha carreira docente.

REFERÊNCIAS

- HONORATO, Gabriela de Souza; BORGES, Eduardo Henrique Narciso. Impactos da pandemia da COVID-19 para o ensino superior no Brasil e experiências docentes e discentes com o ensino remoto. **Revista Desigualdade e diversidade**, n. 22, 2022, p.137-179. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61538/61538.PDFXXvmi=> . Acesso em: 13 out. 2023.
- UNICEF – Comunicado. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>. Acesso em: 06 maio 2023.

MULTICONVERSAS LITERÁRIAS: a Feira do Livro da FURG sem muros

Adriana de Oliveira Gibbon

Artur Emilio Alarcon Vaz

Mairim Linck Piva

Com a grave crise sanitária enfrentada com a pandemia de Covid-19 a partir de 2020, muitas atividades tiveram que se adaptar para garantir maior segurança para a população. Um dos eventos promovidos pela Universidade Federal do Rio Grande que se adaptou foi a tradicional Feira do Livro da FURG. No verão de 2020, quando as condições de propagação ainda não eram registradas no Brasil, a Feira foi realizada no seu formato tradicional, de forma presencial, no Balneário Cassino. Em 2021, sua realização foi suspensa, sendo retomada em 2022, com um caráter híbrido. Inicialmente marcada para ocorrer presencialmente em fevereiro, teve que ser transferida devido a uma nova alta de casos de contaminação, sendo realizada em formato presencial e virtual em maio de 2022.

O programa Socializando a Leitura havia sido contatado pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade para realizar um projeto de conversas com autores e/ou sobre temas literários de interesse em geral, que integraria a programação da pretendida Feira do Livro de fevereiro de 2022. Considerando os riscos ainda eminentes de saúde pública e as dificuldades orçamentárias impostas pelos severos cortes que o governo de então havia submetido as universidades brasileiras, os coordenadores do programa optaram por oferecer um evento totalmente virtual. Essa opção conferiu ainda a possibilidade de se contar com colaboradores de diferentes espaços geográficos e áreas de atuação.

Com a transferência de data para a realização da Feira, optou-se por manter o projeto como um evento autônomo, para se garantir a participação de todos os palestrantes confirmados. Os recursos humanos e materiais para a transmissão online ao vivo e gravação dos encontros foram providenciados pela Diretoria de Arte e Cultura (DAC) da PROEXC e pela Secretaria de Comunicação (SECOM) da Universidade. Os vídeos realizados encontram-se disponíveis no Youtube

O evento intitulou-se Multiconversas literárias, como um desenvolvimento dos projetos realizados anteriormente, “Conversas Literárias” (presencial) e “Desconversas Literárias” (virtual e gravado). Nessa primeira edição, optou-se por três vertentes: uma formada por autores literários estrangeiros debatidos por pesquisadores e professores também estrangeiros; debatedores nacionais desenvolveram duas vertentes, uma com obras de autores reconhecidos nacionalmente e outra com ênfase em autores literários locais.

As “conversas” foram realizadas ao vivo no período da noite durante dez dias. A abertura do evento ocorreu no dia 08 de fevereiro de 2022, com a presença de outro projeto integrante do programa, o “Literarte: literatura em movimento”. A edição de número XXIII, coordenada pela professora e pesquisadora Lisiane Ferreira de Lima, foi intitulada de “Sarau Vozes Latinas” e abriu espaço tanto para integrantes do programa como para diversos convidados das mais diferentes regiões da América Latina.

Lisiane Ferreira de Lima foi a responsável também pela condução da primeira ‘conversa’ no dia 09 de fevereiro, com a mediação da palestra da professora argentina María Inés Arrizabalaga, então da Universidad Nacional de Córdoba (UNC), sobre “Literatura *fantasy* latina”.

Destacando as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, no dia 10 de fevereiro, o professor Eder Silveira discorreu acerca da obra literária de Oswald de Andrade, mediado pela professora Cláudia Mentz.

Na noite de 11 de maio, Luís Augusto Fischer (UFRGS), com a mediação do professor Mauro Nicola Póvoas, abordou o lançamento do primeiro volume da obra coletivamente construída por diversos pesquisadores nacionais e publicada pela Editora da FURG, intitulada *A História da Literatura no Rio Grande do Sul*.

Na sequência, no dia 12, o escritor Enéias Tavares (UFMS) abordou os livros que escreveu sob a temática da literatura fantástica com a mediação da professora Adriana de Oliveira Gibbon. O escritor Caio Riter, no dia 15 de maio, tratou da literatura infantil que escreveu com a mediação da professora Fabiane Resende. O escritor Lourenço Cazarré, no dia 16, discorreu acerca da sua própria obra infantil e juvenil, com a mediação da professora Simone Xavier Moreira.

A perspectiva de escritores discorrendo sobre sua própria produção mostrou-se muito profícua nessa edição do projeto. A produção de Heleine Fernandes de Souza, com a mediação da professora Sara Nascente, foi alvo das conversas no dia 17 de fevereiro, em que a literatura feminina negra foi destaque. Além disso, o escritor uruguaio Fábian Severo, no dia 18 de fevereiro, apresentou um panorama acerca da literatura latino-

americana, com sua própria inserção, tendo como mediadora a professora Cátia Goulart.

O evento foi encerrado no dia 19 de fevereiro com uma destacada conversa acerca do desenvolvimento da literatura juvenil LGBTQIA+ contemporânea, com a participação da professora Fabiane Verardi, da Universidade de Passo Fundo, e do professor Henrique Fernandes da Rosa, cujas produções acadêmicas têm versado acerca dessa tema.

Finalizada essa primeira edição, cujo sucesso pode ser sentido pelas diversas contribuições e comentários advindos tanto por meios virtuais como presenciais, decidiu-se, apesar do curto espaço de tempo, organizar uma outra edição para integrar a Feira do Livro que se realizaria em maio de 2022.

Nessa segunda edição, integrada a 48ª Feira do Livro da FURG, que teve realização presencial no Balneário Cassino e atividades realizadas e/ou transmitidas de forma virtual, enfatizou-se tanto o viés dos autores discorrendo sobre sua produção artística como o dos especialistas debatendo tópicos emergentes da literatura contemporânea. Procurou-se seguir o mesmo formato, mas adotando o caráter híbrido da Feira, com a realização de eventos presenciais transmitidos para o canal do YouTube da Universidade, como com participações virtuais, transmitidas para o espaço presencial da Feira.

A abertura do projeto, no dia 5 de maio, foi novamente realizada pelo projeto “Literarte: literatura em movimento”. O XXIV Sarau Literarte, coordenado pela professora Lisiane Ferreira de Lima contou tanto com participações presenciais como virtuais.

No dia 8 de maio, o professor argentino Miguel Koleff, da Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), conversou sobre “Os personagens em Saramago” com o professor José Luis Fornos. A professora Cátia Goulart teve duas conversas sobre a literatura de fronteira. No dia 6 de maio, com o escritor uruguaio Fábian Severo e, em 12 de maio, com o escritor argentino José Gabriel Ceballos.

Sobre a temática local, a primeira conversa foi sobre “A cultura gaúcha é para todes?”, com Clarissa Ferreira e mediada por Lena Fuão. No dia 9 de maio, a professora Kelley Duarte falou com Aimée Bolaños, Eliane Campello e Núbia Hanciau sobre a autora rio-grandina Carmem da Silva. No dia 13 de maio, Lorena Dias recebeu Juliana Blasina e Suellen Rubira sobre “Do mar ao céu: o primeiro ano de uma revista literoartística rio-grandina: *Marítimas*”.

No dia 11 de maio, a escritora Taismin Ohnmacht falou sobre “Escrita, memória e imaginário social” com a professora Joselma Noal. No dia 14 de maio, a professora Cláudia Borges recebeu a romancista Ana dos Santos, que discorreu sobre sua obra e sobre a literatura feminina negra atualmente produzida no Brasil.

Ao fim da Feira do Livro de 2022, o saldo dos dois eventos realizados foi muito positivo, pois mobilizou um número considerável de estudiosos literários, escritores e produtores culturais, além de um retorno significativo do público, inclusive com propostas para novos debates e participação em outras ações. Além disso, o estímulo à leitura literária evidenciou-se pela procura do público pelas obras e autores em destaque.

Com esse sentimento de contribuição social, decidiu-se pela participação do projeto na 49ª Feira do Livro da FURG, realizada de forma presencial, no Balneário Cassino em maio de 2023.

Como abertura, houve um encontro sobre a literatura local no dia 26 de maio: “A literatura atual de autoria feminina em Rio Grande”, mediado por Cláudia Borges, e com participação das escritoras riograndinas Ju Blasina, Lena Fuão e Lilian Ney, que abordaram suas obras e também sobre as autoras que estão produzindo e publicando em Rio Grande nas últimas décadas.

A prática de tradução foi tema de três conversas. A primeira no dia 19 de maio, intitulada “Tradução, revisão interlocução em diálogo: experiências criativas, com a professora Gabriela Jardim e o professor Adail Sobral, mediados por Gabriela Porto Alegre. Logo após, no mesmo dia, houve a fala do autor argentino José Gabriel Ceballos, acompanhado de Cátia Goulart e Gêisela San Martins, as tradutoras do romance *Ivo, o Imperador dos prazeres*. A terceira ocorreu no dia 21 de maio, com Kelley Baptista Duarte e Gabriela Porto Alegre sobre “Traduzir na prática: a cotradução de *Mas meu vestido não ficou amassado*”, mediado pela professora Normélia Parise.

“Escritas, presenças e existências negras” foi o tema da feira e o projeto procurou enfatizar debates que dialogassem com a temática proposta pelo evento.

No dia 20 de maio, a professora Bianca Ramires mediu a conversa com a poeta e *slammer* Mel Duarte na conversa intitulada “Palavra como ferramenta de transformação social”. No dia 22 de maio, a professora Patrícia Trindade mediu a conversa com o Mestre Cica sobre a “Nação Òyó e suas sementes do Povo Yorubá”. Sarita Amaro, no dia 23 de maio, conversou com a professora Bilina Amaral Peres sobre “Feminismo negro, afrofuturismo e políticas educacionais afrocentradas: caminhos para sociedades em desenvolvimento”. No dia 24 de maio, as professoras Gabriele Costa Pereira e Lisiane Ferreira conversaram com Sara Nascente da Silva sobre “O ensino da literatura afro-brasileira”.

Seguindo a temática proposta pela Feira, no dia 25 de maio, Artur Barcelos, Adriana Fraga e Alisson Affonso, autores e ilustrador do “*O Pequeno Príncipe, uma história da África*”, uma das obras mais vendidas durante a Feira do Livro da FURG,

discorrem sobre a produção, mediados pela professora Renata Braz. Encerrando o evento em 2023, no dia 27 de maio, a afamada escritora Miriam Alves participou do debate “Escritas, presenças e existências negras”, com a professora Rosane Maria Cardoso de mediadora, encantando o público com performances poéticas.

A maioria das conversas desse evento também foi gravada e se encontra disponível no canal do Youtube da Universidade Federal do Rio Grande. Seguindo os propósitos do programa “Socializando a Leitura”, de não só integrar ensino, pesquisa e extensão, mas dar efetiva visibilidade para o conhecimento advindo das atividades universitárias e estabelecer diálogos concretos e atuais com a comunidade, a realização do “Multiconversas literárias” atinge diversos espaços e grupos que partilham – e compartilham – o gosto pela literatura, pela arte e pela cultura.

“SOCIALIZANDO O ENEM”: construindo caminhos em meio ao isolamento social durante a COVID-19

Gabriela Pinho
Maiara Brandão

PRIMEIROS PASSOS

Em março de 2020, a pandemia da COVID-19 parou a educação mundial em todos os níveis, da Educação Básica à pós-graduação, o que fez todos os envolvidos no processo educacional enfrentarem inúmeros desafios. Com isso, milhares de estudantes preocuparam-se com a continuidade de seus estudos, já que o ensino presencial na grande maioria das escolas brasileiras parou para respeitar o distanciamento social recomendado pela OMS e, assim, tentar diminuir o número de vítimas infectadas. Em especial, os estudantes que planejavam realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para ingressar no ensino superior foram os que mais sentiram-se preocupados com o retorno às aulas, uma vez que desejavam dar continuidade às suas aprendizagens e se prepararem para o exame.

Por ser uma prova que reúne mais de cinco milhões de estudantes, o ENEM chegou a ter a sua data de realização inicial modificada, inclusive com discussões no Judiciário e no Congresso Nacional, já que a data inicialmente prevista colocaria os participantes em risco. Após uma consulta aos participantes, estipulou-se a data da prova para janeiro de 2021, apesar do resultado da enquete à opinião dos que realizariam o exame ter sido a data de maio de 2021. Com todas essas incertezas, mudanças e desafios, milhares de alunos, principalmente da rede pública, foram prejudicados, já que estavam meses sem aula presencial e sem ainda saber quando se daria o retorno do ensino nas escolas. Além desses, outros estudantes que tinham foco de se dedicar para o ENEM também não conseguiram concretizar os seus objetivos.

Em meio a essas incertezas, em maio de 2020, um grupo de professores da Universidade do Rio Grande (FURG) elaborou o projeto “Socializando o ENEM”, em prol

de todos os estudantes que, de alguma forma, foram afetados pela pandemia da COVID-19. A ideia central era levar os conteúdos da prova do ENEM para esses alunos carentes de aulas que desejavam realizar o exame. Os conteúdos seriam disponibilizados de forma gratuita e virtual, para pessoas de baixa renda, com celulares simples e com rede de dados 3G. A rede social escolhida foi o WhatsApp, considerada como uma das redes mais acessíveis para professores e alunos. Com isso, o foco principal era de repassar aos estudantes os conteúdos, juntamente com dicas importantes para a prova, deixando espaço aberto também para dúvidas. A intenção era de não produzir material, usando como ferramentas *links* de vídeos, PDF e *lives*.

A seleção de professores para as cinco áreas específicas do exame deu-se através de indicações e de inúmeras tentativas, obtendo-se êxito para todas as disciplinas e foi possível contar principalmente com cerca de 40 integrantes, entre professores, graduandos e pós-graduandos da Universidade Federal do Rio Grande, além de professores das redes municipais e estaduais da cidade e de outras instituições de ensino médio e superior. Esses professores, ao entrarem no projeto, estavam cientes de que precisariam disponibilizar, pelo menos, um turno da semana para o projeto, além de outros para possíveis dúvidas vindas dos estudantes.

"SOCIALIZANDO O ENEM"

Levando em consideração a crescente importância do ENEM para a seleção do ingresso de alunos no ensino superior, o projeto "Socializando o ENEM" foi disponibilizado para todos os alunos interessados, não havendo restrições e/ou processos seletivos. Professores e interessados divulgaram em suas contas (Instagram, Facebook, Twitter) o *link* do grupo do WhatsApp em que seriam postados os conteúdos do exame e o *slogan* do projeto com algumas informações. Ademais, esses dados também foram divulgados na página da FURG. Em poucos dias, a procura pelo projeto foi grande e a demanda de alunos também. Por conta disso, foram criados quatro grupos de alunos no WhatsApp e a média de participantes ficou em torno de 600 estudantes, com alunos das diferentes regiões do Brasil, como se pode perceber através do DDD dos telefones cadastrados.

Além desses grupos direcionados para os alunos, também foi criado um grupo para os professores, em que ocorreram os acordos gerais do projeto. Para uma melhor organização, cada área também buscou um meio de se comunicar e preparar os materiais para as aulas. O cronograma de aulas do "Socializando o ENEM" foi montado considerando as áreas do exame. Assim, cada dia da semana ficou designado para uma

área de conhecimento: as Ciências Humanas postaram exercícios na segunda-feira; as Ciências da Natureza na terça; as Linguagens na quarta; a Matemática na quinta-feira e a sexta ficou reservada para a Redação. O final de semana ficou destinado para eventuais dúvidas dos alunos em qualquer das temáticas envolvidas.

Outras divisões, como a ordem das subáreas, foram acordadas entre os professores responsáveis pelas mesmas e seguiram uma ordem pré-determinada. Acertou-se também que apenas um professor da área possuía acesso aos grupos formados pelos alunos e, este, como representante, postaria semanalmente, no seu dia designado, os conteúdos programados.

As aulas do "Socializando o ENEM" iniciaram no dia 1º de junho de 2020 nos grupos do WhatsApp. Além disso, o projeto também contém uma página no Instagram e outra no Facebook, em que são divulgados quais os conteúdos que serão trabalhados na aula do dia e algumas dicas que auxiliam na realização da prova. Esse movimento de utilizar as redes sociais como meios de divulgações e dicas on-line deixou a ideia do projeto muito ativa e ocasionou na entrada de alunos nos grupos até mesmo depois do início das aulas. Em consequência, pensando em não prejudicar esses estudantes, criou-se um arquivo virtual para disponibilizar os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores, o qual se mantém sempre atualizado. Outro ponto levantado após o início das aulas, advindo da grande demanda de alunos e por pedidos deles mesmos, foi a criação de um *e-mail* para receber redações para correção. Professores da área organizaram-se e começaram a ajudar os estudantes, participantes do projeto, nesse quesito tão importante na prova do ENEM.

O projeto ainda conta com a ajuda da FURG com as bolsas EPEC e de Fomento a atividades de extensão que atendessem o enfoque da COVID-19, já que o trabalho desenvolvido no "Socializando o ENEM" é uma atividade de extensão que atende, não só estudantes da Universidade e da cidade de Rio Grande, como todo o território nacional, já que tem alunos de diferentes regiões do Brasil. Assim, os conhecimentos estão sendo repassados para além da sala de aula

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

A responsável pela área das Ciências Humanas destacou inicialmente a alegria e a animação ao ser contatada para participar do projeto, pois enxergou um modo de fazer a diferença na vida de outras pessoas, fazendo o que ama, justamente, em um momento tão delicado como o do distanciamento social causado pela COVID-19. As expectativas

dessa voluntária sempre foram boas e, sinceramente, não se decepcionou, já que sua experiência foi muito satisfatória. Ser professora, para ela, mais do que uma função social, é uma vocação que realiza com muito amor e dedicação. Sua felicidade centra-se em compartilhar um pouco daquilo que aprendeu durante anos com pessoas que realmente têm vontade de aprender e que possuem um objetivo definido.

A representante da disciplina de Literatura também adorou, logo de início, a ideia do projeto e, ao ser convidada, contatou outra professora que também poderia auxiliar na área, que igualmente - após o primeiro contato - também ficou muito empolgada. Para essa voluntária, foi um prazer em ajudar os alunos que, neste momento, estavam se sentindo "meio que órfãos" e, por isso, é uma alegria a cada retorno dos alunos ou mesmo nos momentos em que grava vídeos e áudios, apesar do desafio constante de trabalhar com literatura à distância e pensar na melhor forma de comunicação com as pessoas nessa modalidade. Para essa ministrante, os alunos merecem seu maior empenho e dedicação, pois ajudar – em tempos de pandemia "excludente" – os candidatos ao ENEM para que cheguem a uma universidade é o seu combustível e que espera que todos tenham sucesso, pois assim ela já se sente melhor.

Ainda na área das Linguagens, a representante da Língua Portuguesa destacou que, por ser recém-formada, o projeto foi uma experiência próspera e muito inovadora e foi muito rico dividir as tarefas com outros professores tão bem instruídos. Para essa professora, a parte mais difícil é a de tentar produzir um material que consiga dar conta de todas as dúvidas possíveis dos alunos, já que não são todos que entram em contato com os professores. Por fim, também reforçou que torce para que inúmeros alunos sejam aprovados por meio da ajuda que o projeto está levando a todos interessados.

Outra professora da área de Linguagens também relatou que, ainda no processo de formação, sentiu-se insegura no início, apesar da empolgação, e que, entrar no projeto, motivou-a a ter novas ideias, tentar aprender novas técnicas e que estava adorando preparar as aulas para o "Socializando o ENEM". A professora acredita que vai ser muito gratificante, ao final desse intensivo de estudos pré-ENEM, ver os alunos felizes pelo acesso ao material e trabalho, tendo conseguido fazer uma boa prova graças ao esforço de todos envolvidos no projeto.

Para outra integrante, que se encontrava no último ano da graduação em Letras em 2020, e está responsável pela área de redação, o projeto é uma experiência única para aprender com os outros integrantes e, mais ainda, com os alunos. Em seu relato, a professora destacou que o maior desafio do projeto é, por si só, o ensino à distância e que há, para além desse ponto inicial, uma dificuldade de se adaptar a essas novas

metodologias e fazer com que os estudantes se adaptem também, pois o material da aula precisa trabalhar o conteúdo e também dar conta das possíveis dúvidas dos alunos, já que apenas uma minoria busca entrar em contato com os professores e expor as suas dificuldades. No fim, lembrou que sempre quis compartilhar conhecimentos e que poder fazer isso, em um momento tão deliciado, tem sido gratificante.

A professora responsável pela disciplina de Biologia, na área das Ciências da Natureza, tinha no início uma ideia diferente em relação ao funcionamento do projeto, pois achou que seria algo que apenas iria auxiliar os alunos a “encontrar” materiais de estudo na internet. No entanto, com o andamento das aulas, percebeu uma carência de conteúdos nos materiais da área que eram disponibilizados nos mais diversos *sites*. Assim, acompanhando o trabalho de outros professores, ela compreendeu que teria que fazer algo mais “híbrido”, que juntasse diferentes materiais de acesso para os alunos e conseguisse alcançar um maior número de estudantes, já que no projeto pouco conhecemos os recursos que eles possuem para acessar as nossas aulas.

O fato de ser bacharel tornou-se também uma dificuldade, pois teve que aprender como dosar a complexidade dos conteúdos para passar aos alunos. Para isso, buscou apoio em livros didáticos e orientou-se pelo plano de ensino do Ensino Médio para facilitar e ajudar na compreensão dos alunos. E, é nessa parte, tal como outros professores licenciados, que sentiu falta de um *feedback*, pois gostaria de saber se os alunos estavam conseguindo acompanhar e entender as aulas. Também se sentindo muito bem por fazer parte de um projeto importante que leva conhecimento aos estudantes, a integrante mostrou que o projeto está sendo muito proveitoso também para ela, que está aprendendo bastante e está sendo uma experiência na parte de repassar conteúdos que ela viu durante sua formação.

Outra professora da área das Ciências da Natureza, responsável por disponibilizar os conteúdos nos grupos do WhatsApp, aceitou participar quase que imediatamente do projeto e afirmou que começou acreditando que apenas compartilharia algumas dicas e conteúdos para os alunos. No entanto, apaixonou-se pela ideia e logo se viu mergulhada na atividade docente “remota”. Para essa professora, o “Socializando o ENEM” permitiu extravasar o planejamento de professora que estava sendo gestado e que havia sido suspenso de forma tão abrupta pelo início da pandemia em março de 2020. O projeto, para ela, acabou se tornando uma escola de verdade, pois tem interação com outros professores na sala virtual, possui um diálogo com a sua própria área, já que se voluntariou a centralizar a área de Ciências da Natureza, o que tem a proporcionado dialogar com a Física e com a Biologia, dando-lhe uma vivência interdisciplinar inexistente anteriormente.

Das dificuldades, a professora acredita que a maior delas seja a adaptação a um sistema de ensinar que não conhecíamos ainda, que não estávamos acostumados. E não conseguir saber se o aluno está entendendo, como abordar as dúvidas, ou até onde podemos invadir seu espaço com mensagens, mais conteúdo, textos, exercícios e, principalmente, até onde devemos limitar nosso próprio espaço, até onde permitir o acesso deles a nós, pois não estamos mais limitados pelo presencial, pelo horário das aulas. Enfim, esses meses têm sido de puro aprendizado e a professora conta que fica muito feliz de ter a oportunidade de participar de um projeto tão grande, tão diverso e tão nobre.

Da área da Matemática, a professora representante destacou a ideia de organizar de forma voluntária um curso gratuito para o ENEM, visto que, durante a pandemia da COVID-19, as dificuldades socioeconômicas elevaram-se e, juntamente, a dificuldade de ter acesso a um curso desse tipo. Para essa integrante, o projeto adquiriu uma proporção maior do que ela esperava ao iniciar as atividades, reflexo do trabalho desenvolvido por toda a equipe e pelos alunos que se dedicam para passar na prova do ENEM 2020. Para essa professora, a maior dificuldade ao montar as aulas também tem sido conseguir dosar a complexidade do conteúdo, visto que não sabemos o nível de conhecimento e dificuldade dos estudantes. Além disso, a falta de *feedback* e de contato com os alunos dificulta entender suas motivações, principais dificuldades e opiniões sobre o projeto, além de buscar saber os motivos das desistências dos alunos ao saírem dos grupos no WhatsApp.

Outra professora da área de matemática, além dos pontos mencionados pela colega, destacou a dificuldade de preparar o material, pois ficava insegura em relação à sua explicação e se o aluno iria entender o conteúdo repassado, pois a aula em PDF - visando atender o público com rede de dados limitada - é o que mais dificulta no momento de deixar a aula coerente para o estudante. Destacou também o planejamento de gravar vídeos com os conteúdos, mas que não foi realizado ainda por ser um recurso desafiador. Mesmo com todas essas dificuldades, a professora reafirmou que, apesar dos problemas enfrentados, o projeto estava sendo muito gratificante e que ela buscou a cada dia dar o seu melhor para ajudar esses alunos que estão participando do projeto.

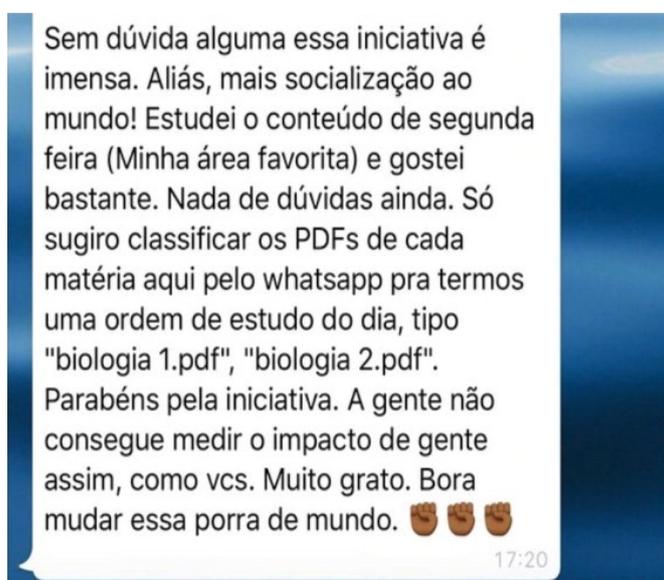
RETORNO DOS ALUNOS

Após o relato das experiências de alguns professores que compõem a equipe do "Socializando o ENEM", é importante também dar voz aos alunos, apesar da pouca

existência de *feedbacks*. Mesmo com saída e entrada constante de alunos nos quatro grupos no WhatsApp, o projeto contabiliza cerca de 600 alunos nesses grupos, além da interação existente nas demais redes sociais, que também recebem mensagens enviadas pelos alunos interessados.

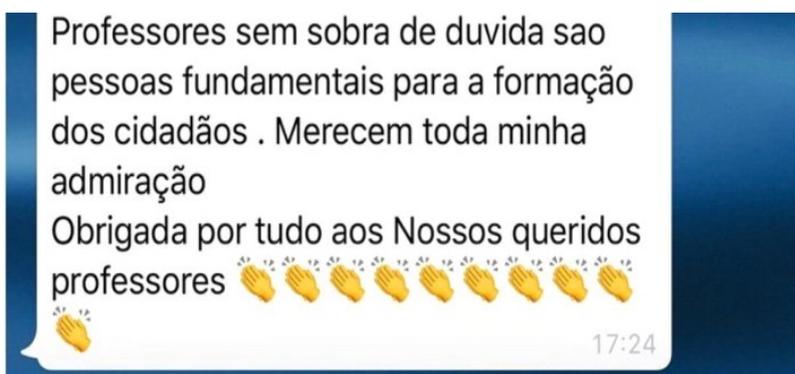
A maioria dos estudantes ainda está apreensiva ao entrar em contato com os professores, como se percebeu nos relatos que trouxemos de alguns representantes das áreas de conhecimento, o que dificulta ainda um pouco no momento de preparar o material, pois um *feedback* auxilia os professores a saber se os alunos estão entendendo ou se eles precisam mudar a forma de abordagem dos conteúdos. Por isso é importante ressaltar esses poucos, mas valiosos, retornos que recebemos dos nossos participantes.

FIGURA 1: ESTUDANTE 1



FONTE: Acervo do programa

FIGURA 2: ESTUDANTE 2



FONTE: Acervo do programa

FIGURA 3: ESTUDANTE 3

verdade!!! Um obrigado é pouco diante de tantos significados sociais, judiciais, humanos, econômicos, nacionais ... q há nesse gesto de transferência de conhecimento. Gratidão 🙏👉👉👊

20:08

FONTE: Acervo do programa

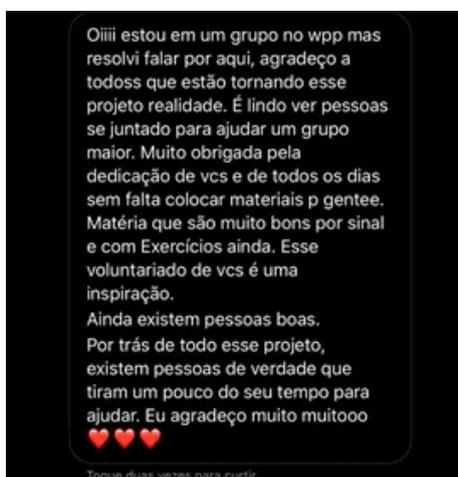
FIGURA 4: ESTUDANTE 4

Olá professores.
Antes de qualquer coisa quero agradecer por estarem disponibilizando conteúdos e ajudando no meio dessa pandemia.
Ainda não peguei os conteúdos pra estudar. Vou começar hoje, e em seguida venho trazer minhas dúvidas.

17:09

FONTE: Acervo do programa

FIGURA 5: ESTUDANTE 5



FONTE: Acervo do programa

As mensagens acima foram enviadas através dos grupos de WhatsApp e também pelo Instagram nos dias 3 e 20 de junho. São recados muito importantes para os professores que estão semanalmente preocupados em levar o melhor para os alunos. Além disso, esses elogios comentando sobre a organização dos materiais e dos exercícios são um combustível para os professores preparem suas aulas.

PASSOS FINAIS

As experiências relatadas e apresentadas nesse trabalho apontaram para dois caminhos distintos: a satisfação de fazer parte de um projeto que auxilia os alunos nos estudos para o ENEM e a dificuldade de realizar essas aulas de forma on-line, já que há pouco *feedback* dos estudantes. Esse último tópico é um fator problemático para algumas áreas de conhecimento, visto que certos conteúdos se complementam e necessitam da compreensão de todas as partes. Porém, essas dificuldades já eram previstas por conta da pandemia da COVID-19 e a necessidade de um ensino remoto, o qual não contempla as mesmas metodologias de uma aula presencial e, conseqüentemente, não apresenta os mesmos resultados.

Como o "Socializando o ENEM" ainda está no início, acreditamos que os estudantes estão apreensivos para entrarem em contato com os professores ou se manifestarem nos grupos do WhatsApp. No entanto, acreditamos que, com o desenvolvimento de mais aulas e o estímulo de uma maior interação, haverá mais *feedback* dos estudantes, melhorando os resultados do projeto.

Espera-se que o projeto auxilie os alunos e os mesmos consigam ser aprovados na prova do ENEM e, mais ainda, que consigam ser aprovados nos seus cursos e universidades almejados. Em um momento mundialmente tão delicado, o grupo de voluntários sente-se realizado por fazer parte de uma das ações de uma universidade pública e gratuita que procura fazer a diferença na vida desses estudantes, motivando-os a não desistir de seus sonhos.

SOCIALIZANDO A LEITURA: a coluna quinzenal no Jornal *Agora*

Adriana de Oliveira Gibbon

Artur Emilio Alarcon Vaz

Mairim Linck Piva

No intuito de promover a leitura e a literatura, o programa “Socializando a leitura”, depois de cinco anos atuando em diversas frentes de ações, recebeu – em meados de 2018 – o convite de publicar uma coluna sobre literatura infantil e juvenil no caderno “Agorinha”, publicado nos finais de semana, dentro do jornal *Agora*, tradicional jornal impresso rio-grandino.

Após uma etapa inicial de conversas sobre o formato, intenção e outros detalhes sobre os textos com o jornalista Alexandre Cozza Ferreira (ou Lorde Lobo, como profissionalmente assina), então coordenador do espaço, Artur Emilio Alarcon Vaz escreveu a primeira coluna que saiu no dia 27 de julho de 2018, sobre a proposta que estava nascendo. Até 22 de fevereiro de 2020, data da última coluna, saíram quinzenalmente 39 artigos acerca de uma diversidade de autores e obras, como *best-sellers*, clássicos, novidades no mercado editorial, ou tópicos específicos, como férias ou Feira do Livro da FURG.

Os autores das colunas também foram os mais diversos: professores do Instituto de Letras e Artes e da rede pública de Rio Grande, graduandos e pós-graduados de Letras da FURG e leitores apaixonados por literatura de outras áreas. Dessa forma, as visões sobre literatura foram as mais amplas possíveis, com uma abordagem que fizesse contato com a população em geral, enfocando na percepção de que os artigos seriam lidos por pais e crianças em busca de motivação para a leitura de textos literários. Assim, pedia-se aos interessados que buscassem temáticas que destacassem novos autores, novas obras, novos olhares, novas tendências, mas também se aceitavam artigos sobre temas clássicos.

Clássicos mundiais foram revisitados, por exemplo, por Tainá Menna Ferreira que indicou *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e por Prisciane Schroeder Teixeira que lembrou a importância de *O pequeno príncipe*, de Antoine De Saint-Exupéry, e suas múltiplas possibilidades de leituras em diferentes momentos históricos. Já Luciane Botelho Martins lançou novos olhares para o texto biográfico *O diário de Anne Frank*, apontando sua atualidade.

Houve também indicações sobre textos nacionais do século XX já tornados clássicos, como *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, com a análise de Rosane Cardoso, e *O mistério do coelho pensante*, de Clarice Lispector, destacado por Cibele Hechel Colares da Costa.

Novos autores nacionais e internacionais também tiveram espaço. Lana Acosta Maisonave escreveu sobre o então recém-publicado *Amoras*, de Emicida, e Louise Oliveira da Silva discutiu *Crônicas para ler na escola*, de Kledir Ramil. Gabrielli Valadão da Silva analisou a jovem escritora Paula Pimenta e seu *Fazendo meu filme*, enquanto que Elisandra Marques Braz abordou o amor propagado em *Flávia e o bolo de chocolate*, de Miriam Leitão.

Entre os novos autores internacionais, Rafaela de Oliveira propôs uma discussão acerca da ampla circulação da coleção relativa ao personagem Percy Jackson, de Rick Riordan, e Maiara Stéfani Costa Brandão analisou a importância dos livros da série *Jogos vorazes*, de Suzanne Collins. Thalys Amaral da Silva desenvolveu um estudo sobre o autor John Green e seus romances *A culpa é das estrelas*, *Quem é você, Alasca?* e *Will & Will – Um nome, um destino*.

Em outro caminho, algumas tendências novas também foram abordadas, tal como Wellington Machado escrevendo sobre *mashup* literária, a tendência de adaptar obras clássicas sob diferentes prismas. Nessa linha, foram destacadas as obras brasileiras *Dom Casmurro e os discos voadores*, de Lúcio Manfredi, *O alienista caçador de mutantes*, de Natália Klein, *A escrava Isaura e o vampiro*, de Jovane Nunes, e *Senhora, a bruxa*, de Angélica Lopes.

Considerando a área das adaptações, João Carlos Nascimento Bispo divulgou a adaptação em quadrinhos do clássico *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson, como forma de atrair jovens leitores. Igualmente, Luciana Zardo Padovani abordou a versão adaptada de Ruth Rocha do clássico *Romeu e Julieta*, enquanto Daniel Ramires divulgou a adaptação de Marcia Kupstas do clássico *A última chance*, de Charles Dickens. Gabriela Bock mostrou como uma adaptação machadiana - *Dona Casmurra e seu Tigrão*, de Ivan Jaf - pode servir de entrada para a leitura dos textos originais do autor

realista brasileiro. Na linha das releituras e atualizações, Bianca Matos de Barros mostrou um novo ponto de vista da clássica história do Lobo Mau em *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka.

A temática de horror, uma das preferidas dos jovens leitores, foi destacada, tanto pelo artigo de João Pedro Rodrigues Santos, sobre o prazer de ler histórias assustadoras, quanto pelo texto de Juliane Cardozo de Mello, sobre a releitura de contos de fadas tradicionais da obra *Contos de fadas sangrentos*, de Rosana Rios. Essa vertente ainda foi tema do artigo de Marina Penteado sobre a obra infantil *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak.

Outras obras foram indicadas a partir da promoção da reflexão acerca de temas sensíveis ao jovem leitor. Rejane Chagas escreveu sobre o romance juvenil *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira, e Silvia Gama abordou a importância de temas como a depressão a partir do livro clássico *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Ingrid Alves da Rocha Cunha tratou do tema do suicídio a partir do livro *Por lugares incríveis*, de Jennifer Niven, e Vanessa Almeida Matias abordou a gravidez juvenil a partir da obra *E agora, mãe?*, de Isabel Vieira. Já Lisiane Ferreira de Lima indicou o livro *Tainá, a guardiã das flores*, de Ayana Sobral e Cristine Sobral, como forma de promover um olhar reflexivo sobre a relação do ser humano com a natureza.

Alguns períodos e datas celebrativas nacionais também provocaram sugestões de leituras. Priscila Schroeder Teixeira escreveu sobre a importância das férias e como a leitura poderia ser uma companheira dos jovens leitores. Patricia Luiza Gonçalves Trindade, em celebração ao dia da mulher, em 8 de março, publicou artigo sobre *Para educar crianças feministas – um manifesto*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, destacando o empoderamento feminino.

Tratando de literatura antirracista, cabe destacar dois artigos. Vanessa Almeida Matias indicou o livro *O cabelo de Cora*, de Ana Zarco Câmara, para ajudar as crianças – e seus responsáveis – a enxergar o mundo como lugar de diferentes belezas, e Artur Emilio Alarcon Vaz mostrou a série de livro “Imigrantes do Brasil”, que resgata a origem das mais diversas nacionalidades (alemão, espanhol, grego, italiano, português, árabe, chinês, japonês), dando maior atenção para o exemplar *Meu avô africano*, de Carmen Lucia Campos.

Na trilha de promoção da leitura, Lisiane Ferreira de Lima desenvolveu texto sobre a possibilidade dessa promoção ocorrer através da realização de saraus nas escolas, e Sylvia Furtado Félix apontou como a inclusão das tecnologias no dia a dia e nos diversos ambientes pode contribuir para isso. No mesmo caminho, Artur Emilio Alarcon Vaz

dissertou sobre a importância do ato de ler, independente do tipo de texto literário ou veículo, e Luciana Zardo Padovani destacou como essa promoção deve ocorrer o mais cedo possível, desde a primeira infância, trazendo como exemplo o livro infantil *Cabe na mala*, de Ana Maria Machado.

Para além de, resumidamente, apresentar como se desenvolveu a coluna do programa “Socializando a leitura” no jornal *Agora*, cabe pensar no que a ação contribuiu acadêmica e socialmente. Graduandos e professores se comunicando, através de um jornal diário de ampla divulgação, com a população em geral faz com que se cumpram alguns dos objetivos das universidades públicas no Brasil, como produzir e partilhar conhecimentos. O caráter eminente extensionista das universidades é uma de suas razões de existir em um país que carece de políticas públicas de valorização da educação, da leitura e da promoção da reflexão crítica. Assim, promover um diálogo que colabore na formação de jovens leitores é não só contribuição relevante, mas essencial.

“OFICINA DE CONTAÇÃO”: experiência de leitura no ensino fundamental

Lucas Dionizio Paz Bueno Pinto

Bianca Matos de Barros

O presente trabalho consiste em um relato de experiência da oficina intitulada “As (re)leituras dos contos de fadas clássicos: a leitura e a escrita na formação do sujeito leitor” aplicada no VII Seminário Interfaces Pedagógicas: licenciaturas em diálogo, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). O projeto “Oficina de contação” foi criado em 2013 e, após um período de hiato, retomou as atividades em 2015, contando com cerca de sete voluntários, sendo a grande maioria deles graduandos do curso de Letras da própria universidade. Desde sua retomada até hoje, o projeto busca, através de atividades de leitura, proporcionar um momento prazeroso de contato com obras literárias e, assim, auxiliar na formação do sujeito leitor. Apesar do maior foco de atividades do projeto ser nas escolas públicas de Rio Grande, o “Oficina de contação” já fez atividades no município de São José do Norte, outra cidade, assim como atuou na 45ª Feira do Livro de Rio Grande, que resultou em uma nova extensão do projeto, a “Tenda do terror”.

O intuito do projeto inicialmente era proporcionar um momento de leitura em que os alunos pudessem ter um contato mais prazeroso e lúdico com as obras literárias, que não se resumisse, simplesmente, em atividades escolares. A literatura como disciplina sobrevive em um impasse de se mostrar, e se convencer, como área essencial para o desenvolvimento humano e de cidadania dos sujeitos. Dizemos convencer, visto que as mídias digitais, principalmente as redes sociais e os serviços de *streaming*, tornaram-se bastante relevantes na formação dos sujeitos contemporâneos. No artigo “Parâmetros Curriculares Nacionais e ensino da literatura”, escrito por Cecil Albert Sinani e Salete Pezzi dos Santos, podemos observar pela análise das autoras como a literatura como disciplina tem um papel essencial no desenvolvimento humano dos alunos, não simplesmente por apresentar o patrimônio cultural literário de nossa cultura, mas também no desenvolvimento do sujeito crítico:

Embora a literatura tenha um papel importante na constituição do imaginário coletivo, ela dispõe de um caráter de prática social e modalidade de conhecimento, o que remete para a importância do conhecimento literário não apenas de cunho decorativo,

como na época de sua instalação no Brasil, mas como elemento conscientizador que pode operar mudanças relevantes nas estruturas sociais [...] e psicológicas, na medida em que atua sobre as estruturas cognitivas. (ZINANI, SANTOS, 2004, p. 66)

A literatura, apesar de ter sido muito utilizada para a manutenção de uma elite econômica e intelectual, hoje é uma forma artística marcada pela diversidade de representações de realidades; sujeitos postos à margem hoje retomam às páginas literárias como agentes significantes no desenvolvimento da diversidade cultural. Retomando o texto de Zinani e Santos, a “literatura, muito mais que elemento conservador do patrimônio cultural, pode ser instrumento que vai contribuir para a adequação a um mundo novo e para formação total do ser humano.” (ZINANI, SANTOS, 2004, p. 67). Dessa forma, é na transdisciplinaridade que a disciplina de literatura irá se relacionar com o contexto dos alunos. Em suma, o papel do professor na disciplina de literatura não é “resumir” a história da literatura brasileira, ou explicar sobre características de determinados períodos literários; é através da mediação entre o texto literário e o contexto cultural dos alunos que a formação do leitor e do sujeito serão desenvolvidas.

Antes de adentrar no relato da prática da oficina, no próximo tópico iremos abordar aspectos teóricos que embasaram as discussões sobre as atividades feitas no “Oficina de contação”, assim como algumas questões que nortearam o planejamento da oficina.

A FORMAÇÃO DO LEITOR

Alguns dos problemas mais discutidos sobre o ensino de literatura na escola se dá pela reflexão sobre a exigência de leitura de algumas obras e autores clássicos da literatura brasileira. Por um lado, há um certo sentido afirmar que determinadas obras apresentam um texto que exige um leitor mais experiente, além de uma mediação – que é esperado por parte do professor – entre alguns contextos históricos que são importantes na compreensão da linguagem de determinada obra. Por outro, é importante que o leitor saiba sobre as obras clássicas escritas em sua língua, visto que são histórias que apresentam elementos atemporais nas experiências humanas. No artigo “Clássicos ou contemporâneos? A mediação da escola na formação do leitor”, de Magda Furtado, é discutido alguns aspectos importantes sobre a presença dos textos clássicos no ensino de literatura:

Um clássico é parte do patrimônio cultural de uma sociedade, o qual todos têm o direito de conhecer; cada leitura feita vai se somar ao cabedal de leituras que constitui a história da recepção daquela obra, que se modifica e se enriquece a partir das

nuances de sentido que essas novas leituras acrescentam. [...] Assim, enquanto um clássico enriquece a visão de mundo do leitor, é enriquecido e renovado por este ao receber uma nova leitura. (MAGDA, 2004, p. 102)

Além disso, a autora discorre sobre como, em determinadas ocasiões, a postural “reverencial” do professor diante do texto clássico pode acabar por afastar os alunos de uma leitura mais crítica e ativa da obra, como se determinada leitura que fuja dos “elementos principais” fosse ser incorreta e irrelevante. Assim a autora propõe o que ela chama de “carnavalização” da leitura do texto clássico, mas que pode ser, também, entendido apenas como estratégias de mediação entre o contexto da obra clássica e o contexto dos alunos. Dessa forma, “é extremamente profícua a utilização de variadas estratégias de aproximação com o texto clássico, mas é igualmente decisivo o estímulo a se proceder a outras leituras, ao menos a outras reflexões sobre o texto, com releitura atenta de algumas passagens.” (MAGDA, 2004, p. 104).

O papel de mediação do professor torna possível um desenvolvimento do sujeito leitor, que irá, gradativamente, aprofundar sua leitura de forma a compreender, cada vez mais, elementos do texto que não seriam percebidos por um leitor menos experiente. Utilizamos o ensaio “Formação de leitores e razões para a literatura”, de Ricardo Azevedo, para compreender melhor o que consideramos como leitor e o seu processo de formação. Consideramos, portanto, o leitor como qualquer sujeito que tenha capacidade de usufruir os diversos tipos de “literatura” – no sentido mais amplo da palavra. Além disso, os leitores “podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações”. (AZEVEDO, 2004, p. 38)

Para que se chegue no estágio do sujeito leitor ter a habilidade de compreender, de forma aprofundada, diversos gêneros textuais e literários, devemos pensar de que forma ocorre essa formação. Sobre isso, Azevedo comenta:

para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2004, p. 39)

Pelo seu caráter contínuo e gradativo, a formação do sujeito leitor deve ser feita por etapas, respeitando as diversas bagagens de leituras dos alunos e possibilitando que, a partir de seus conhecimentos já estabelecidos, possam se aprofundar em outras obras. A mediação do professor quando toma por base os alunos como leitores ativos e não meras tábulas rasas possibilitam um dos aspectos mais positivos sobre o texto literário, como

levantado por Azevedo:

o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre as palavras [...] Tal tipo de discurso tende à plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. É possível dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será sua qualidade. (AZEVEDO, 2004, p. 40)

Tais percepções embasaram teoricamente o grupo no desenvolvimento das atividades do projeto “Oficina de contação”. Além disso, tendo por base que os textos literários têm uma presença relativamente baixa no ensino básico público – principalmente pela disciplina de Literatura ser iniciada apenas no ensino médio – o projeto busca através de atividades extracurriculares proporcionar alguns momentos de lazer e contato com os alunos e as obras literárias. A ideia de demonstrar como o livro acaba em afeto quando nos permitimos adentrar na história que é contada, não que as intervenções nas escolas irão, propriamente, “iniciar” ou “desenvolver” o processo de formação de leitor dos alunos, mas as atividades propostas buscam, pelo menos, incentivar o livro como objeto de lazer.

A partir dos pressupostos levantados, passaremos, agora, para o próximo item deste texto, que será focado no relato de experiência da oficina “As (re)leituras dos contos de fadas clássicos: a leitura e a escrita na formação do sujeito leitor”, desenvolvida no VII Seminário Interfaces Pedagógicas: licenciaturas em diálogo, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

SOBRE A PRÁTICA

O desenvolvimento de uma oficina sobre as práticas feitas do projeto surgiu, primeiramente, pelo convite de uma professora do curso de Pedagogia da FURG, que ministrava, no momento, a disciplina de “Literatura infantojuvenil”. A ideia era de que alguns integrantes apresentassem uma atividade e, logo em seguida, falassem um pouco das experiências que tiveram no projeto, assim como possíveis indicações para livros e práticas para os alunos da disciplina. Assim, foram feitas duas apresentações, uma para a turma do período da manhã e outra para a turma do período da noite; a atividade escolhida foi uma interpretação teatral – no sentido mais amador do termo – sobre o livro *A verdadeira história dos três porquinhos*, escrito por Jon Scieszka e ilustrado por Lane Smith.

A experiência da atividade levantou uma outra área de atuação do projeto, que

poderia não apenas pensar atividades voltadas para os alunos das escolas, mas que pudesse, também, proporcionar um apanhado de teorias base, juntamente com a experiência das atividades já efetuadas pelo projeto pensando na formação de professores que atuarão nas escolas. Pelo pressuposto de trazer uma leitura mediada que pudesse dialogar com o contexto cultural dos alunos, foi escolhida para a oficina uma abordagem através de releituras dos textos clássicos; a escolha de abordar a releitura de contos de fada clássicos surge pelo grande número de atividades já feitas pelo grupo com adaptações e releituras desses contos, por onde foram obtidas experiências bastante positivas na recepção dos alunos.

Os contos de fadas são um gênero da literatura que, pela própria extensão, possibilitam, em determinados contextos, serem trabalhados e lidos na íntegra com os alunos, além de as diversas adaptações, paródias e releituras feitas, tanto na literatura, quanto no cinema tornarem essas histórias parte de um imaginário coletivo social. O aluno pode não ter lido a versão de *Chapeuzinho vermelho* dos Irmãos Grimm, por exemplo, mas é familiarizado com a personagem e com a história. Voltando ao texto de Magda Furtado, a intenção, aqui, é de fazer uma retomada utilizando o que os alunos já são familiarizados – as adaptações dos contos de fada – e fazer a mediação necessária para que se chegue ao conto clássico.

A oficina “As (re)leituras dos contos de fadas clássicos: a leitura e a escrita na formação do sujeito leitor” foi organizada na seguinte ordem: apresentação dos objetivos da oficina; panorama histórico sobre os contos de fadas clássicos; leitura do conto *Rapunzel*, na versão dos Irmãos Grimm; leitura do conto “Rapunzel”, de Beatriz Assis Cruz, retirado do livro *Releitura de contos dos Irmãos Grimm*; leitura do texto “Conto de fadas para mulheres modernas”, atribuído erroneamente a Luis Fernando Verissimo¹; um panorama sobre adaptações e releituras dos contos clássicos; e, por fim, uma atividade em grupo com os participantes. Vale ressaltar que todos os participantes da oficina eram professores em formação e graduandos do curso de Pedagogia da FURG, que disseram se interessar pela proposta da oficina principalmente pela temática dos contos de fadas e suas releituras.

Após as explicações introdutórias sobre a oficina, os ministrantes fizeram um panorama histórico para proporcionar um contexto sobre a origem, produção e adaptação dos contos de fadas clássicos. Assim, com base nos textos da autora Nelly Novaes Coelho, *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil* (1985) e *Contos de fadas:*

1 No entanto, através de pesquisas, não há a comprovação dessa autoria. Acreditamos que seja uma falsa atribuição ao autor gaúcho.

símbolos, mitos, arquétipos (2003), foram discutidas a origem dos contos clássicos na literatura oral, assim como a adaptação e compilação das histórias, inicialmente feita por Michel Perrault no livro *Os contos da mãe ganso* (1697), que foi uma releitura das histórias que ele ouviu nas comunidades. Posteriormente, houve uma nova compilação – assim como adaptação – dos contos, que deram origem às versões que conhecemos dos Irmãos Grimm (entre 1812 e 1815).

Ainda com base nos textos da autora, a discussão com os participantes da oficina foi direcionada para a mudança das formas de violência bastante presentes nas versões, principalmente, de Perrault, mas que foram – quase – totalmente apagadas nas adaptações modernas. Nas versões de Perrault e dos Irmãos Grimm, as histórias carregavam uma carga moral e pedagógica bastante presente, sendo a “moral”, na versão de Perrault, um fragmento externo do conto – explicitando exatamente qual é a moral daquela história. Nas versões dos Irmãos Grimm essa moral já é “diluída” na narrativa e a violência das histórias já é relativamente amenizada. Foi apenas no período do Romantismo europeu que as crianças começaram a ser percebidas como seres que necessitavam de cuidados e atenções específicas, deixando de serem compreendidas como uma espécie de “mini adultos”. A partir disso, começaram as preocupações com a violência e o teor assustador de algumas histórias, culminando nas adaptações cinematográficas dos estúdios *Walt Disney*, em que foram amenizados nas narrativas a violência, o teor sexual e a morte.

Em seguida, os ministrantes fizeram a leitura em conjunto com os participantes do conto clássico *Rapunzel*, dos Irmãos Grimm, e da releitura retirada do livro *Releitura de contos dos Irmãos Grimm* (2015). Esse momento de discussão foi bastante direcionado pela percepção e interpretação dos participantes da oficina, mas, em geral, foram levantados e destacados os elementos similares em ambas as histórias, assim como a “atualização” do momento histórico da narrativa. A releitura foi escolhida pelos ministrantes especialmente por se tratar de um projeto de reescrita feita por alunos do 9º ano de uma escola pública da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Consecutivamente, os ministrantes leram o texto paródico do conto “A princesa e a rã”, atribuído erroneamente a Luis Fernando Verissimo². Os comentários em geral eram relacionados a mudança do fim da narração e da mudança de tom da história em relação à original.

A partir das discussões e leituras já feitas com os participantes, os ministrantes

² Após diversas pesquisas em busca da confirmação dessa autoria, acreditamos que seja uma falsa atribuição ao autor gaúcho.

discorreram sobre algumas adaptações e releituras, presentes em diversos tipos de textos e de mídias. Com o intuito de indicar para os participantes algumas possibilidades de leituras e abordagens mais próximas do contexto dos alunos, foram apresentadas as seguintes obras: *Branca dos mortos e os sete zumbis*, de Fábio Yabu; *Over the rainbow*, um compilado de releituras pela perspectiva LGBTQIA+; *Contos de fadas politicamente corretos*, de James Finn Garner; o já mencionado *A verdadeira história dos três porquinhos!*, de Jon Scieszka.

Também foram apresentadas versões dos contos originais que, dependendo da faixa etária e da série, podiam ser trabalhados com os alunos; assim surge a série de releituras dos contos de fadas trazendo elementos da cultura sul-rio-grandense, com os textos *Prenderella*, *Gato de Bombacha*, *Prenda da Neve* e *Sulliver*. Voltados para um público adolescente e de jovens adultos, foram apresentados a versão de Neil Gaiman *A bela e a adormecida*, em formato de HQ, e, para representar uma série de adaptações cinematográficas mais “adultas” sobre os contos, o filme *A garota da capa vermelha*, dirigido por Catherine Hardwicke.

Após as apresentações dos possíveis textos – e mídias – que podem ser utilizados para aproximar o contexto dos alunos com o texto original, os ministrantes organizaram uma atividade de escrita em grupo. Para isso, foi solicitado que os participantes formassem grupos de até cinco integrantes e que cada grupo escolhesse um conto de fadas clássico. Logo em seguida, cada grupo deveria escrever uma releitura do conto original, mas que respeitaria a proposta recebida pelos ministrantes.

Dessa forma, algumas das releituras deveriam fazer uma mudança de cenário, de perspectiva ou de gênero da personagem protagonista; cada grupo recebeu apenas uma proposta que deveria ser seguida. Finalizados os textos dos grupos, cada grupo leu sua história para compartilhar com o resto dos participantes da oficina. O intuito era de compartilhar e discutir algumas das possibilidades que surgem da atividade de reescrita, visto que, além de colocar os alunos em uma posição ativa na releitura dos clássicos, ainda possibilita que eles utilizem elementos que lhes são familiares, resultando nas mais diversas releituras. No entanto, a leitura em voz alta foi apenas opcional, ficando a caráter de cada grupo decidir fazer ou não a leitura.

O *feedback* dos participantes da oficina foi bastante positivo. Com apenas uma obrigatoriedade na hora de criar suas histórias, a imaginação fluiu – desde uma Rapunzel revolucionária até Cinderelas em favelas. Foi interessante notar que existiu realmente uma troca entre as partes, com os alunos também contando sobre outras adaptações dos contos de fadas que não eram conhecidas pelos ministrantes. Ademais, alguns alunos

ainda entraram em contato com os proponentes em busca de material, teórico ou de ficção, e também procurando caminhos para participar do projeto “Oficina de contação: a formação do leitor”, do programa “Socializando a Leitura”.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p. 38-47.

FURTADO, Magda. Clássicos ou contemporâneos? A mediação da escola na formação do leitor. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Org.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 99-105.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino da literatura. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Org.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 63-73.

ERA UMA VEZ: um projeto que forma leitores e mediadores de leitura

Analoren Fernandes

Arthur Scapini

Ana Luisa Feijó Cosme

Os textos literários provocam reflexões de natureza cognitiva e afetiva, permitindo ao leitor a entrada em um mundo desconhecido, porém, instigante, que desenvolve o imaginário, despertando a curiosidade, a criatividade e o senso crítico. Considerando a leitura como uma forma de se perceber o mundo e a realidade que o cerca, a literatura possibilita a formação de cidadãos capazes de entender a realidade social, atuar sobre ela e transformá-la.

Sabe-se, ainda, que as crianças têm um enorme potencial de criatividade que precisa ser despertada e promovida, todavia, nem sempre essas crianças encontram na sala de aula atividades que cativem seu interesse pela leitura e pela criação de histórias, visto que, muitas vezes, o texto literário é utilizado como um pretexto para o trabalho da gramática por parte dos professores, principalmente nos Anos Iniciais, fase em que o estudante está ávido por experiências que o motivem enquanto leitor.

A partir desse enfoque, é que o projeto de extensão “Oficina de contação: a formação de leitores” foi idealizado. Desde seu início, o projeto é coordenado pelos professores Mairim Linck Piva, Adriana de Oliveira Gibbon e Artur Emílio Alarcon Vaz, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, e integra o programa “Socializando a leitura”, dos mesmos coordenadores.

O foco principal do projeto é despertar o interesse pela leitura e criação de histórias por parte do público-alvo, trabalhando a criatividade de crianças e adolescentes, desenvolvendo a expressão oral e escrita dos mesmos e aguçando, de maneira lúdica, o hábito da leitura. Ademais, o projeto objetiva formar mediadores de leitura, já que o foco é a contação de histórias por parte dos acadêmicos integrantes do projeto.

Dessa maneira, o projeto proporciona aos integrantes uma experiência enriquecedora, pois há uma aproximação maior com os alunos, visto que - ao desenvolver atividades nas escolas – escuta-se suas histórias, suas experiências, seus medos e seus sonhos.

As ações do projeto “Oficina de contação: a formação de leitores” foram iniciadas no ano de 2013, quando era composto apenas pela então graduanda Ana Luisa Cosme e pela professora Mairim Linck Piva – fundadoras do projeto. A universidade não possuía nenhum projeto em atividade que possibilitasse a alunos de graduação a contação de histórias em escolas da cidade. Assim, fundou-se o projeto com o intuito de proporcionar o incentivo da leitura bem como o contato com a realidade escolar por parte da acadêmica.

Em seu primeiro ano de funcionamento, as ações aconteceram na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Duprat. As atividades aconteciam semanalmente e contavam com a participação de 20 crianças do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Essas crianças participam do projeto Mais Educação do Governo Federal. A escola contava com uma oficina de futebol, e autorizou que as atividades do projeto de contação ocorressem no mesmo dia da referida oficina, dividindo o tempo com ela. Dessa maneira, semanalmente eram realizadas atividades de contação de histórias e mediação de leitura, criação de narrativas por parte dos estudantes, empréstimos de livros etc.

No ano seguinte, em 2014, as atividades deixaram de acontecer nessa escola, pois a acadêmica terminou seu curso de graduação e iniciou no Mestrado em Letras da mesma universidade. Durante esse tempo, foram apresentados trabalhos em eventos acadêmicos que abordavam o projeto além de participações em cursos de extensão na universidade. A partir de uma apresentação do projeto em um evento de acolhida do Curso de Letras, no início do ano de 2015, surgiu a ideia de agregar mais voluntários e retomar as ações do projeto de contação, levando-o para outras escolas, inclusive onde a acadêmica, então aluna do Mestrado, atuava.

Assim, o projeto vinculou-se à Escola Municipal de Ensino Fundamental em Tempo Integral Prof. Valdir Castro e teve a adesão de mais seis voluntários. Neste mesmo ano, além das ações desenvolvidas nessa escola, o projeto também fez intervenções em atividades literárias que aconteceram em diversas escolas da cidade de Rio Grande. Essas intervenções consistiam em contações de histórias através de diversos recursos além de saraus literários. Os integrantes do projeto seguiram divulgando o mesmo nos eventos que participaram, expondo como ocorriam as atividades fora da universidade, além de participarem de cursos de extensão acerca da formação do leitor e incentivo à leitura.

No ano de 2016, o número de voluntários cresceu, chegando a onze integrantes. Dessa forma, foi possível integrar-se a mais uma escola da cidade, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidade do Rio Grande – CAIC. As intervenções seguiam os mesmos moldes: contações e criações de histórias coletivas. Na EMEF em T.I. Prof. Valdir Castro as ações eram semanais e no CAIC em datas esporádicas, como semana da criança, dia do livro, feira literária etc.

No ano de 2017, o projeto cresceu ainda mais, totalizando 20 integrantes. Além das duas escolas parceiras, que contavam com ações fixas de contação de histórias, os voluntários passaram a realizar atividades na ala pediátrica do Hospital Universitário. Além disso, o projeto também realizou ações em atividades literárias de outras escolas da cidade, além da participação em eventos maiores como a Feira do Livro da FURG, a Festa de Literatura de Rio Grande (FLIRG) e Ondas de Leitura, desenvolvido pela Secretaria de Município de Cultura.

Nesse mesmo ano, o projeto foi procurado pela Secretaria de Educação do Município para realizar um curso de extensão acerca da mediação de leitura com professores da Educação Infantil do Município, o qual aconteceu em duas edições e contou com a participação de mais de 90 professores da rede municipal.

Em 2018, outros voluntários passaram a fazer parte do projeto, enquanto alguns deixaram o mesmo por terem concluído sua graduação e terem seguido outros rumos acadêmicos. As atividades na Escola Valdir Castro tiveram continuidade, porém, através de oficinas semanais onde eram realizadas atividades de contação e criação de histórias com alunos dos Anos Iniciais – as atividades nessa escola seguem os mesmos moldes atualmente.

Ainda em 2018, o projeto participou da Feira do Livro da FURG através de uma tenda localizada na Rua das Crianças, intitulada “Tenda do terror”, onde foram realizadas contações de histórias com essa temática ao longo da Feira. Nesse ano, a parceria com a rede municipal teve continuidade, oferecendo novamente o curso de mediação de leitura para os professores. Esse curso foi ministrado pelos voluntários do projeto com a orientação dos coordenadores.

Em 2019, as atividades tiveram continuidade e o projeto, mais uma vez, cresceu, passando a realizar ações no Asilo da cidade. As atividades nas escolas permaneceram, assim como a participação em Feiras Literárias, eventos na cidade, participação em eventos acadêmicos, saraus literários etc.

METODOLOGIA

O projeto é composto por ações contínuas visando o estímulo à leitura e à produção textual de estudantes da Educação Básica. Ele acontece em parceria com escolas da rede pública e atua também em eventos escolares, como feira de livros, oficinas de literatura e outros, a partir de convites. As atividades do projeto consistem em contar histórias e estimular as práticas de produções textuais e desenho, ações essas que são executadas por graduandos e pós-graduandos da Universidade Federal do Rio Grande. As práticas das contações iniciam-se através da escolha das histórias que serão contadas pelos acadêmicos, considerando sempre a faixa etária do público que irá participar como ouvinte das atividades. As histórias são narradas ou dramatizadas pelos bolsistas que participam do projeto, após a contação, os graduandos iniciam uma mediação entre os estudantes, em que eles interagem, apresentando suas interpretações sobre a história contada, contam suas próprias histórias, desenvolvem sua criatividade e sua imaginação, expondo assim suas emoções e medos, confrontando-os sempre de uma maneira lúdica.

As práticas em questão iniciaram-se através de leituras, narrativas e/ou dramatizações de obras clássicas e contemporâneas por parte dos integrantes que atuam no projeto: Analoren, Arthur e Ana Luisa, algumas histórias foram dramatizadas por eles, os mesmos atuaram como personagens, caracterizando-se com máscaras. Em outras ocasiões os acadêmicos deram enfoque ao livro com o objetivo de familiarizar os alunos ao objeto, para que assim se sentissem incentivados e despertassem o hábito pela leitura.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ANALOREN FERNANDES

Como graduanda de Letras Português da Universidade Federal do Rio Grande, conheci o projeto por meio de colegas que já participavam há algum tempo e que me relataram as experiências e as atividades que praticavam.

Foi dessa forma que me interessei e me voluntariei no início do ano de 2019. Minha primeira atividade no “Contação” ocorreu em abril na Escola Estadual Revocata Heloisa de Mello, em Rio Grande (RS), e a primeira história contada foi *O lago dos monstros*, para alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, na faixa etária de oito a nove anos. Como era um conto de “terror”, as crianças adoraram e ficaram alvoroçadas, cheias de perguntas, algumas ficaram com medo, outras contaram suas próprias histórias de terror. Foi então que percebi o quanto as atividades do “Contação” eram importantes para o desenvolvimento da interpretação, imaginação, criatividade e criticidade daquelas crianças.

Os docentes da escola avisaram que a segunda turma - um quinto ano com idades mais variadas, dos dez aos quinze anos - era bem desordeira, o que me causou apreensão. Fizemos uma releitura da história *A metamorfose*, de Franz Kafka, em que relatávamos a transformação de um menino em um inseto e que, após a sua transformação, todos seus amigos e familiares o excluíram. Os alunos, descritos como agitados, silenciaram-se, todos se voltaram a nós com olhos atentos e curiosos e, quando terminamos de narrar a história, continuavam em silêncio. Perguntamos então qual a interpretação deles, o que eles acharam da história e destacamos a possibilidade de todos fatos narrados serem uma metáfora sobre um indivíduo que foi excluído apenas por ser diferente de seus semelhantes. Indignados, os alunos responderam que: “não se abandona alguém porque ela mudou ou é diferente, a família e os amigos têm que se amar sempre.” Essa foi a análise crítica deles sobre a história e ali eu vi a literatura fazendo seu papel de formar cidadãos empáticos que percebem e questionam a realidade da sociedade em que vivem e querem transformá-la.

FIGURA 1: Turma do 4º ano (abril de 2019)



FONTE: Acervo do programa)

Após efetuar minha primeira atividade no projeto, fiquei responsável por realizar outras atividades no Revocata. Diante disso, eu e outros bolsistas íamos mensalmente ao longo de 2019 à escola ler, narrar e dramatizar histórias para todas as cinco turmas que lá estudavam. Sempre tivemos a preocupação de apresentar histórias com temáticas que despertassem o interesse dos alunos e apresentassem questões sociais para refletirmos juntos, claro que sempre de uma maneira lúdica, respeitando a idade dos discentes.

Em uma dessas contações, lemos o livro *O mistério do coelho pensante*, de Clarice Lispector, pois era um livro que eles poderiam ter acesso, já que estava disponível na biblioteca da escola. Enquanto eu lia, ia apresentando as ilustrações do livro aos alunos e eles muito atentos analisavam cada detalhe, à medida que a narrativa acontecia

mais curiosos eles ficavam e iam criando através do imaginário suas próprias versões da história e usavam sua criatividade para solucionar o mistério do João, o coelho pensante que franzia o nariz e fugia da sua gaiola. Sempre resgatado pelos seus donos, o animal retornava à gaiola, mas nessas escapadas ele descobriu que a Terra era redonda, que as nuvens se mexiam e formavam coelhões no céu e que há coisas que é bom cheirar, mas não comer. João, o coelho, tornou-se um coelho pensante. Mas afinal para onde ia esse coelho? Esse era o maior questionamento da história e das crianças, mas todas tinham uma teoria: “Tinha um buraco na gaiola.”, “O Paulinho abria a gaiola escondido e o coelho fugia.”, “O coelho era mágico igual aqueles que aparecem no circo.”, etc. A história narrada não tinha um final, mas ela cumpriu seu objetivo e do projeto, que é incentivar o imaginário e promover o gosto pela leitura.

FIGURA 2: Turma 3º ano (maio de 2019)



FONTE: Acervo do programa

No mês de junho de 2019, experienciei minha terceira prática do projeto. Eu e outros bolsistas fomos a mais um encontro na escola Revocata, dessa vez a atividade era voltada só para as turmas do quinto ano do Ensino Fundamental.

Ao chegarmos à escola nos dirigimos para biblioteca e lá ficamos à espera das professoras, pois elas eram as responsáveis por levarem as turmas ao nosso encontro, ao nos ver os alunos ficaram entusiasmados, pois já sabiam do que se tratava - era hora da Contação de histórias. A felicidade deles era tanta que não conseguiam parar de falar, todos queriam contar alguma história ou comentar sobre a última história que foi contada, ainda tinha os curiosos que tentavam a todo custo adivinhar qual era a próxima história que iríamos contar.

Após o alvoroço, começamos nossa introdução, primeiro perguntei quem gostava de contos de fadas, a maioria das meninas disseram que gostavam mais ou menos e os meninos disseram que gostavam dos Vingadores e do Slender Man, depois perguntei quem conhecia a história da *Cinderela*, todos muito animados disseram – EU, aos berros. Questionei se eles sabiam o que significava a palavra releitura – eles disseram que não, expliquei que era quando criávamos uma história a partir de outra que já existe. Informei que iria contar uma releitura do conto de fadas *A cinderela* e nessa versão a Cinderela se chamava Cindy e a estória é ambientada nos tempos atuais. No conto a Cindy era uma jovem que morava com o pai, pois sua mãe morreu quando ela era criança. Um belo dia ou não tão assim belo, o pai da Cindy conheceu uma mulher no Tinder e resolveu casar, (nessa parte da história todas crianças caíram na risada), essa mulher tinha duas filhas que eram bem malvadas e faziam *bullying* com a Cindy, pois morriam de inveja da inteligência, bondade e beleza da garota. Algumas meninas relataram que sofrem *bullying*, perguntei se era na escola e elas afirmaram que sim, então comentei que quando isso acontecer elas precisavam informar a professora ou algum responsável, pois fazer *bullying* é muito errado e não podemos fazer com os outros o que não gostaríamos que fizessem conosco. Todos eles concordaram.

Em sequência continuei narrando a história, contei que um dia o pai da Cindy ficou muito doente e morreu, então a madrasta ficou responsável pelos cuidados da protagonista, mas a viúva tratava a garota muito mal. Alguns alunos contaram que tinham madrastas, umas disseram que as madrastas eram boazinhas, outras disseram que eram meio más, mas não como na história. Mencionei que diferente da Cinderela que conhecemos a Cindy era empoderada e não aceitava ser tratada mal, ela corria atrás dos seus sonhos. Ao continuar a narração, relatei que a menina soube que iria ter uma festa bem legal na escola e queria um vestido bem estiloso e como ela não tinha dinheiro porque a madrasta não dava para ela, resolveu trabalhar, então teve a brilhante ideia de cobrar para passear com os cachorros dos seus vizinhos, ela amava animais, ia fazer algo que gostava e ia ser paga por isso. Depois de duas semanas passeando com os *pets* diariamente, conseguiu o dinheiro para comprar o vestido.

Chegando na festa, conheceu um *crush* chamado Prince. Eles dançaram, conversaram, se divertiram, mas em determinado momento ela olhou o celular e viu que estava na hora de voltar para a casa, saiu correndo e deixou o garoto ali, sem saber onde encontrar com ela, foi quando ele olhou para o chão e viu que a jovem tinha deixado cair um colar. O menino muito interessado pela Cindy postou um *story* no Instagram dizendo que queria encontrar a dona do colar, avisando que estaria no *shopping* às 15 horas,

sentado na frente do Burger King esperando a garota. Ela viu o *story* e foi encontrar com ele, pois era o colar preferido dela - herança de família. Chegando lá o rapaz disse que a amava e a pediu em namoro, então Cindy respondeu que... Nesse momento pausei a narrativa e perguntei o que eles achavam que ela tinha respondido. As respostas foram diversas: “Ela disse que ama ele e aceitou.”; “Ela disse que gosta de meninas.”; “Ela disse que gosta de outro menino.”; “Ela disse que queria ficar sozinha e não precisa de homem.”; “Ela disse que namorava a Branca de neve.”, etc. Depois de tantos relatos e finais diferentes, eu fiz suspense e disse que então iria contar o final verdadeiro, todos me olharam com curiosidade, diante disso narrei o final: – Cindy disse não, ela era muito nova para namorar, queria viver outras experiências e eles mal se conheciam, mas ofereceu sua amizade e ele aceitou. Viraram melhores amigos e a menina continuou trabalhando no ramo de passeios com cachorros, até que o negócio começou a dar muito certo e ela não só passeava com os cachorros dos vizinhos, mas donos de *pets* da cidade inteira ligavam para ela. Cindy abriu um *pet shop*, virou uma empresária de sucesso e foi morar bem longe da madrasta malvada e das meias-irmãs invejosas.

Após terminar a estória, comecei a mediação para incentivar a interação dos alunos com o conto, eles adoraram o fato de ser uma narrativa com várias referências do mundo atual. Outro fator importante é que a releitura traz, diferente do conto original, é ser mais representativa para aquelas crianças, tanto pela linguagem, pelo espaço, quanto pela maneira que a estória acontece, eles conseguiram se ver em inúmeras situações. Como quando é relatado o *bullying*, a presença da madrasta, a ausência de príncipes e princesas e todos personagens condizem com a realidade. Mas ainda assim, os discentes não deixaram de exercitar o imaginário, pois ao pensar em um final para aquela estória eles recorreram à imaginação e à criatividade.

O projeto está sendo fundamental na minha vida acadêmica, profissional e pessoal e de tantos outros acadêmicos que integram e já integraram o projeto, pois – ao contar uma história – estamos criando um ambiente de encantamento, suspense, emoção e isso faz com que sejamos instrumentos de incentivo ao imaginário, estimulamos o gosto pela leitura nos discentes da Educação Básica e ampliamos o seu vocabulário.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Além de que ao desenvolvermos e planejarmos nossas práticas nas escolas, estamos tendo a oportunidade de criar vínculos e obter uma proximidade maior com a docência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ARTHUR SCAPINI

Em 2014, mudei-me para cidade de Rio Grande para ser estudante de Letras pela Universidade Federal do Rio Grande. Em 2019, por indicação de amigos que estavam comigo no Diretório Acadêmico de Letras, interessei-me pelo projeto "Oficina de contação: a formação de leitores", no qual entrei como voluntário.

A possibilidade de estar inserido nas escolas e ter a oportunidade de trabalhar com o imaginário das crianças despertou minha motivação para o futuro docente. Com uma certa semelhança com os filósofos da Grécia antiga que contavam suas teorias e histórias para os demais curiosos em praças públicas, os contadores de histórias trabalham as formas de cativar as crianças para proporcionar emoções distintas, como felicidade, curiosidade, aprendizagem e, acima de tudo, para desmistificar a ideia de que livros são inalcançáveis.

Minha primeira experiência no projeto foi na Escola Estadual Revocata Heloisa de Mello, com contos de terror e as crianças estavam ansiosas, apreensivas e com muitas indagações. A história que contei baseava-se em um pequeno susto no final em que as crianças participavam com muitas risadas ao descobrirem o final do enredo. Quando terminava a história, sempre se ouvia um "eu nem tive medo", o que geralmente era falado pelas crianças mais apreensivas, com unhas roídas. Tudo isso era motivo de muita descontração e felicidade, todos que estavam presentes se divertiam, inclusive as professoras que levavam suas turmas para participar do projeto.

FIGURA 3: TURMA DE 3º ANO (JULHO DE 2019)



FONTE: Acervo do programa

Minha segunda experiência - na Escola Municipal de Educação Infantil Vovó Zoquinha - foi um pouco mais agitada, pois as crianças estavam mais animadas e, dessa forma, foi mais difícil conseguir prender a sua atenção. A solução foi despertar a memória afetiva de todos perguntando quem conhecia a história da Chapeuzinho Vermelho, em que todos responderam em alto e bom tom “SIM” e, para surpresa de todos, declarei então que isso era “bom, porque não vai ser essa história que será contada”. Partindo disso, consegui prender a atenção dos pequenos curiosos para aquela história que eles não conheciam, que seria a história da lebre e a tartaruga que pilotava um foguete.

O sucesso das atividades elaboradas deve-se ao ótimo trabalho em equipe de seus participantes, pois todas as ideias são debatidas e executadas da melhor forma possível para que todos os envolvidos tenham a melhor experiência não só como ouvintes, mas também como contadores de histórias.

ANA LUÍSA COSME, RELATO DE EXPERIÊNCIA

É incrível ver o crescimento do nosso projeto de extensão. Sabemos que fica delegada, principalmente, à escola a função de despertar o gosto pela leitura e isso tem se tornado cada vez mais complexo e desafiador, visto que muitos professores utilizam o texto literário como pretexto para o ensino e trabalho com a Língua Portuguesa, esquecendo-se das riquezas que o mesmo carrega.

Nesse sentido, mesmo antes de realizar nossa primeira ação em uma escola já sabíamos o que queríamos do projeto “Oficina de contação: a formação de leitores”: promover o gosto pela leitura, sem atrelá-la a conteúdos gramaticais ou a escolas literárias, queríamos que as crianças sentissem prazer na leitura e cultivassem o hábito da leitura deleite.

No começo, em 2013, não tínhamos nem livros para levar para as crianças. A atividade mais significativa que vivenciei enquanto aluna da graduação foi quando levei para as crianças, no primeiro ano do projeto, uma atividade com histórias em quadrinhos. Minha ideia era mostrar para elas que poderiam criar suas próprias histórias. Como eram alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, alguns não eram alfabetizados ainda, portanto, o trabalho com esse tipo de história permitiria que todos participassem.

Para começar, levei um vídeo chamado *Duelo em quadrinhos*, da Turma da Mônica. No vídeo, os personagens Cebolinha e Cascão criam suas histórias em quadrinhos, com super-heróis, o Capitão Cebola e o Super Mosca. Após o vídeo, distribui

alguns Gibis que tinha e algumas cópias em preto e branco que havíamos conseguido. Em seguida, sugeri que cada criança criasse a sua própria história em quadrinhos.

Foi surpreendente ver como os alunos se superaram, olhavam aquelas folhas copiadas com os olhos brilhando, os não alfabetizados vinham me perguntar o que estava escrito, outros queriam saber se poderiam levar para casa. Após manusearem os gibis – e suas cópias – as crianças foram convidadas a criar suas próprias histórias. Cada uma recebeu uma folha, uma régua e materiais para desenhar e colorir. Enquanto eu passava para ver como estava ficando a atividade, me surpreendia de como estavam interessados e criativos. O resultado foram as produções originais, crianças se sentindo autores das histórias que criaram. Após a criação das histórias em quadrinhos, cada um apresentou sua história para os demais.

FIGURA 4: crianças manuseando os materiais (agosto de 2013)



FONTE: Acervo do programa

FIGURA 5: HQ PRODUZIDA POR UM DOS PARTICIPANTES (AGOSTO DE 2013)



FONTE: Acervo do programa

Uma atividade simples, sem grandes recursos, mas que me mostrou o quanto o incentivo é essencial em uma escola. No início dos encontros aquelas crianças mal interagiam comigo, eu precisava disputar o interesse delas com o futebol que acontecia no mesmo horário. Com o passar dos encontros, foi possível perceber que os estudantes se interessavam cada vez mais pela leitura e pela produção de histórias, expressando-se de forma criativa tanto na oralidade quanto na escrita, contribuindo assim para o despertar do gosto pela leitura e seu desempenho como leitor. Percebi, também, que as leituras estavam aumentando significativamente, os alunos se apropriavam dos livros literários assim que os mesmos eram oferecidos, solicitando também o empréstimo semanal.

Após esse encontro, já realizamos diversas atividades através do projeto “Oficina de contação: a formação de leitores”, passamos por muitas escolas, muitos alunos e inúmeras histórias e experiências. Atualmente, atuo em uma escola da rede municipal e tive o prazer de levar o projeto de extensão para essa escola. O projeto me transformou enquanto estudante e educadora, levo sempre em minha prática a lembrança do quanto conseguimos fazer a diferença incentivando a leitura prazerosa e desvinculada dos conteúdos gramaticais.

Temos 19 voluntários no nosso projeto e percebo que ele sofreu uma grande transformação. Em 2013, quando o criamos, nosso intuito era apenas formar leitores, contribuir com o despertar do interesse pela leitura nos estudantes. No entanto, depois, o projeto também forma mediadores de leitura – acredito que formou desde o início, pois foi assim que me constitui uma contadora de histórias. Cada graduando que passa pelo “Oficina de contação: a formação de leitores” sai transformado, pois vivencia na prática um dos maiores prazeres de um educador: cativar o interesse pela leitura e pela criação de histórias. As trocas que realizamos entre nós integrantes e com as crianças é enriquecedora para a nossa prática docente.

Assim, concluo que as ações do projeto têm proporcionado que os voluntários integrantes, predominantemente acadêmicos de Letras, percebam a importância do incentivo à leitura com os alunos do Ensino Básico e o quanto é essencial que as histórias abordadas relacionem-se com os interesses do público ao qual se dirige para que sejam, de fato, significativas. Além disso, o projeto proporciona que esses voluntários aliem a teoria aprendida na universidade com a prática do cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto nesses relatos, é possível constatar que o projeto “Oficina de contação: a formação de leitores” vem sendo realmente produtivo, não só para os graduando e pós-graduando que fazem parte do projeto, obtendo uma maior proximidade e reflexão sobre a docência e o âmbito escolar, mas principalmente para os alunos da Educação Básica, pois as ações do projeto estimulam o imaginário e fomentam o gosto pela leitura, quando lemos, narramos ou dramatizamos uma história para os estudantes compreendemos que estamos criando uma atmosfera de aprendizagem, sendo assim, contribuindo para a aprendizagem de conteúdo, o fortalecimento do raciocínio, a socialização e a comunicação desses discentes, que será refletido nos anos posteriores como futuros cidadãos.

Além disso, o “Oficina de contação” promove múltiplas oficinas e atividades para professores da rede pública com o intuito de desenvolver uma formação continuada a esses docentes, cumprindo assim seu papel como projeto de extensão.

REFERÊNCIA

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: s/l, 2005.

“TENDA DO TERROR”: as histórias de horror na formação de jovens leitores

Emilly Silva da Matta
Giulia Guadagnini Barbosa

O programa "Socializando a leitura", coordenado pelo professor Artur Emilio Alarcon Vaz e pelas professoras Adriana de Oliveira Gibbon e Mairim Linck Piva, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FURG), tem como principal objetivo fazer que a população tenha acesso ao meio literário, podendo usufruir de forma acessível e prática na cidade.

O programa divide-se em diversas vertentes, contendo projetos que buscam inteirar a cultura, a literatura e a arte com a sociedade; assim, levando o acesso ao meio literário e artístico à população, sendo acessível para todas as idades. Desde então, o programa conta com diversos projetos e cursos de extensão que visam estimular a leitura e a arte. Conforme afirma Antonio Candido (2011), sabemos que a cultura literária é uma necessidade humana, já que:

As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo [...] ela é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. (CANDIDO, 2011, p. 179-180)

Dessa forma, observando a necessidade de incentivar a população a ter a leitura como hábito prazeroso e não como obrigatoriedade, o programa "Socializando a leitura" leva a cultura literária para seus projetos, que entram em contato com a população, pretendendo que as pessoas possam adentrar em um mundo novo, experimentando novos saberes.

O presente artigo visa proferir acerca da “Tenda do terror”, evento presente na “Oficina de contação”. Essa atividade teve início em 2018, tendo a sua primeira aparição na 45ª Feira do Livro da FURG, na Rua das Crianças (espaço da feira dedicado ao

público infantil e juvenil), tendo por objetivo instigar a produção oral, a leitura, a criatividade e a imaginação.

O principal eixo da atividade é a contação de histórias de terror para jovens e crianças. Para a realização dessa atividade, montamos uma tenda de tecido preto e, dentro, organizaram-se inúmeros objetos que remetiam ao universo do terror, como, por exemplo, aranhas, vampiros, bruxas, teias e etc. Ademais, utilizamos maquiagens e fantasias “assustadoras”, para que a experiência se tornasse ainda mais imersiva.

Em sua primeira edição, foram contadas quatro histórias autorais - “A vingança da sereia”, “O filho do cientista”, “O monstro de olhos vermelhos” e “As aventuras de Fizban e Thakiziz: em busca do livro perdido” – e outras adaptadas de textos já existentes: “O lago dos monstros”, de José Tiberius; “A fera na caverna”, de H. P. Lovecraft; “Livre”, de Mary Cholmondeley; “A sétima filha” e “Silêncio”, de Mary Cholmondeley, e a lenda urbana “O cachorro embaixo da cama”. Posterior às duas semanas na 45ª Feira do Livro, o projeto participou da “Feirinha do CAIC”.

Para melhor apresentarmos a trajetória da tenda, relataremos a seguir nossas experiências com a atividade, demonstrando nossos sentimentos, opiniões e comentando acerca da importância de trabalhar em programas como o “Socializando a leitura”.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GIULIA GUADAGNINI BARBOSA

Sempre gostei de ler e escrever. No Ensino Fundamental, adorava o dia da redação, a visita à biblioteca, a hora do conto nas aulas de português. Quando começaram as aulas de Literatura no Ensino Médio, então, foi como um encontro transformador de vidas. Eu havia encontrado ali o caminho pelo qual a minha trajetória seria traçada.

“Rata” de livraria e frequentadora assídua da biblioteca da escola, com um livro diferente debaixo do braço a cada semana, a literatura ia me levando da fantasia ao contemporâneo, das distopias aos clássicos, do jovem-adulto às literaturas de testemunho. As portas eram muitas, e todas elas eram luminosas e convidativas. Nem mesmo precisava sair de casa quando descobri a quantidade de histórias que existiam na internet, como as *fanfictions* e os diversos tipos de literatura digital que tanto me encantam.

Foi a partir da colisão de todos esses mundos que comecei a perceber em mim uma necessidade de me transformar como leitora. Tantas histórias habitavam o meu ser, tantas palavras de autores das diversas partes do mundo circulavam como um carrossel

na minha cabeça, que houve uma noite que algumas delas saltaram para fora, numa página em branco do Word. Lembro-me exatamente como foi o meu primeiro encontro significativo com a escrita. Era a virada de uma noite de Natal, e ali nascia um sonho.

Não contei para ninguém, a princípio. Ia escrevendo e guardando, até entender exatamente do que se tratava a minha história. Comecei a me aventurar nas *fanfictions* também, inspirada nas muitas histórias desse gênero que eu acompanhava on-line na época. Comecei a postar em um site alguns capítulos por semana, não esperando de forma alguma ter leitores de imediato ou que a história tivesse sucesso. Eu estava apenas experimentando, entendendo como funcionava aquele mundo tão pouco explorado por mim. E, de novo, não contei a ninguém. Tinha certo receio de mostrar para meus amigos ou familiares e receber algum tipo de comentário que me deixasse chateada ou desanimada, então tudo foi ficando em segredo. Se alguém me lesse, seria uma pessoa desconhecida, e aí não teria problema. Sentia-me cheia de coragem, de empolgação.

O colégio foi ficando para trás, veio o início da graduação em Letras e eu sentia estar no caminho certo. Logo que entrei, já busquei participar como voluntária de projetos que envolvessem livros e literatura, e foi assim com o “Oficina de contação: a formação de leitores” e o “Troca de livros: socializando a leitura”, ambos coordenados pelas professoras Adriana Gibbon, Mairim Piva, assim como pelo professor Artur Vaz, do Instituto de Letras e Artes da FURG.

Estar nesses projetos foi essencial para que minha visão sobre o livro e a contação de histórias fosse mais realista, para que eu percebesse que muitas pessoas – diferentes de mim, que estava num lugar de privilégio – não tinham acesso ao objeto livro, tanto por seu valor no sentido econômico como no sentido afetivo. Conversar com essas pessoas que não tiveram a oportunidade de ter uma biblioteca em sua escola, que nunca haviam frequentado a livraria da cidade, que nem mesmo tinham tido livros em casa que não fossem os fornecidos pelo governo - na maioria livros didáticos -, foi como abrir os olhos para uma realidade que eu ainda não havia conseguido enxergar. Dentro dos muros da universidade, em escolas periféricas e de difícil acesso, assim como em praças públicas e nas bibliotecas de Rio Grande, onde o projeto “Troca de livros” e o “Oficina de contação” circulavam, o encontro de pessoas de contextos muito diferentes e plurais também acontecia, e mesmo que a grande maioria dessas pessoas não tivesse a relação que eu tinha com os livros, com a leitura e a escrita, era inegável que nenhuma delas não tivesse uma história para contar.

Digo que o que aconteceu comigo foi uma espécie de aventura, porque foi. A cada encontro, uma pessoa nova surgia, e com ela, diversas histórias. Durante os verões,

então, a Feira do Livro da FURG no Cassino era sempre um sucesso. Junto com diversos voluntários, o projeto “Troca de livros” era um dos espaços mais frequentados, uma vez que, todos os dias, os livros do acervo coletados durante um ano inteiro circulavam entre as pessoas dos mais diversos contextos. Os livros achavam novos lares, e os leitores, novos mundos para embarcar. E o mais importante de tudo: sem nenhum custo. Um livro por outro, e assim as estantes iam se renovando, as pessoas também.

O projeto “Oficina de contação” também marcava presença, dividindo o palco da Rua das Crianças com diversos outros contadores de histórias, entre eles alunos de diversos cursos, como da Biblioteconomia e Pedagogia. Tratava-se de um espaço coletivo, com apresentações respeitando horários e cronogramas da feira. Até que chegou a Feira do Livro da FURG do ano de 2018, a 45ª edição. Era a estreia da “Tenda do terror”, um projeto que fornecia um ambiente criado e monitorado por voluntários do “Oficina de contação: a formação de leitores”, no qual, todos os dias, histórias de terror seriam contadas para as crianças, além das que eram encenadas no grande palco, aberto ao público.

Antes da estreia da “Tenda”, no entanto, todos os voluntários precisaram decidir qual história de horror iriam contar no dia em que estivessem escalados. Diversos colegas foram se ajudando, indicando livros para aqueles que não estavam muito familiarizados com o gênero terror, e assim aconteceu comigo. Busquei os que haviam na minha estante, na biblioteca do *campus* Carreiros, nas prateleiras pessoais de amigos e familiares, mas nada ali me parecia ser a história certa para escolher. Foi então que, escutando uma música no ônibus, uma espécie de clique aconteceu. Tratava-se da canção “Desaparecido”, da banda *O Terno*, que inspirou um dos primeiros contos que eu havia escrito em minha vida: “O filho do cientista”. Meio insegura de que seria uma boa ideia, tomei coragem e mostrei aos colegas do projeto, durante uma reunião do grupo, algumas semanas antes da Feira começar. Para minha felicidade, todos gostaram e aprovaram.

Dividir com essas pessoas a minha escrita, que por tanto tempo havia ficado escondida em um lugar na internet e lida por pessoas que dificilmente tinham ideia de quem eu realmente era, foi um dos primeiros passos para a construção da minha confiança como escritora. Aventurar-me no gênero conto, e mais do que isso, em um conto de terror psicológico, foi a porta de entrada para que muitos outros contos nesse estilo viessem até mim, com menos obstáculos e inseguranças.

Estava acostumada a escrever na solidude do quarto, apenas eu, minhas ideias e a luta com as palavras. O leitor era alguém que só teria participação num depois, quando eu

sentisse que tinha finalizado da melhor maneira possível aquela história, aquela construção. Ainda que incerta sobre o que esse leitor acharia do que leu, o tempo da escrita seria algo meu, um tipo de controle que eu detinha sobre as palavras que estariam ali, os acontecimentos, personagens e diálogos. Contudo, escrever é diferente de contar.

Contar histórias exige uma certa dose de improviso, de coragem, de segurança para lidar com o inesperado. Estar na frente de alguém, mais precisamente de um coletivo de alguéns, demanda que a história não seja apenas lida, mas entoada, interpretada. Quando esse coletivo é formado por crianças, então, a voz torna-se um elemento essencial para que, dentro da imaginação de cada um, cada detalhe se torne marcante, vivo, em movimento.

No projeto “Oficina de contação”, mais precisamente na “Tenda do terror”, eu acabei por descobrir em mim uma parte mais teatral, uma parte que dificilmente se manifestava no decorrer dos anos, apesar de sempre estar envolvida na criação de histórias. Participar de um projeto como esse permite que conheçamos uma série de outras vozes que moram dentro de um mesmo eu, vozes completamente desconhecidas por nós mesmos. O corpo que lê apenas com os olhos é também o corpo capaz de pronunciar palavras em voz alta, torná-las melodiosas e cheias de ritmo, e assim causar encantamento àqueles que estão apenas de passagem, de passeio. E assim foi mesmo, muitas crianças se encantavam com a tenda por fora, toda decorada no estilo *Halloween*, e entravam para conhecer mais daquele mundo.

Lá dentro, eu e meu conto esperávamos por eles, prontos para apresentar um pouquinho da mágica que só a Literatura é capaz de fazer. Talvez aquela fosse a primeira contação de histórias da vida de muitas das crianças que sentaram em volta para me ouvir, e saber que estava ali a responsabilidade de encantar um leitor pela primeira vez me fez sentir ainda mais o poder que só as palavras detêm. Emprestei minha voz, meu corpo e todas as expressões faciais que pude, e tenho certeza que, naquela tenda, em meio a diversos olhinhos brilhando, atentos à história que eu mesma havia criado, eu encontrei uma parte de mim que jamais deixarei escapar.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EMILLY SILVA DA MATTA

Os livros, felizmente, sempre foram presentes na minha vida; sempre tive a leitura como um hábito prazeroso, como lazer. Quando criança, gostava de ler “Turma da Mônica”, gibis da Marvel, histórias de princesas e Harry Potter – que me acompanhou até a adolescência. Quando cresci, fui descobrindo meu “gosto literário”, meu gênero

preferido: romance, poesias e ficções em geral. Ao decorrer da minha vida, fui entendendo que minha profissão seria voltada ao universo das Letras: dito e feito; aqui estou, cursando licenciatura em Letras.

Ao entrar na faculdade, busquei me inteirar em projetos que me fizessem evoluir, e, de certa forma, que pudessem me fazer entender se eu tinha escolhido a profissão certa. Conheci o programa “Socializando a leitura” e logo comecei a participar dos projetos “Literarte”, “Troca de Livros” e “Oficina de contação”. Embora não tivesse muito contato com crianças fora da família, me arrisquei na contação de histórias; conheci a atividade da “Tenda do terror”, e, assim que soube o objetivo da atividade, lembro que fiquei espantada, pois lembrei da minha infância, e pensei que não fosse dar certo, pois quando criança, nem eu nem meus amigos gostávamos de histórias de terror.

A primeira vez em que participei de uma contação de histórias, mais especificamente da Tenda, lembro que fiquei espantada ao ver as crianças com a idade entre sete e nove anos não sentirem medo da história em que estávamos contando; era o livro “o monstro debaixo da cama”, do escritor Adriano Messias, que falava sobre um monstro que vivia debaixo da cama, e sempre que chovia ele aparecia; penso que, normalmente, isso pudesse causar um certo desconforto nas crianças, pois esperamos que tenham medo do escuro e que acreditem em contos com monstros que vivem embaixo da onde dormimos, dentro do armário e afins. Contudo, as crianças não sentiram medo, disseram que, caso um monstro aparecesse no quarto, era só bater e matar o monstro.

Na minha segunda experiência com contação de histórias de terror, pedi para as crianças - com a idade entre dez e onze anos - criarem um final para a história; e mais de trinta crianças optaram por falar que o monstro era traficante, usava drogas, morreu com um tiro, morreu esfaqueado, ou ainda relataram o possível assassinato do monstro, no qual as próprias crianças o teriam matado. Sendo assim, penso que essa atividade é uma reflexão acerca de muitas visões sobre o mundo, principalmente em como as crianças enxergam o que as cerca.

Em ambas situações que presenciei na “Tenda”, posso afirmar que fiquei triste, de certa forma, ao ver que as crianças vivem na mesma realidade dos adultos; não temem monstros debaixo da cama, não temem o escuro, pensam que podem enfrentar o perigo; falam sobre tráfico e se imaginam matando criaturas sobrenaturais. Penso que isso seja fruto das histórias da atualidade, as crianças estão ativas dentro do universo do terror adulto; obras como as de Stephen King, por exemplo, são lidas e assistidas por crianças muito novas, o que pode ser considerado um pouco avançado demais para fazerem sozinhas.

Não digo que as crianças não possam estar familiarizadas com o terror adulto; é claro que podem. Contudo, ao entrarem em contato com histórias tão acima da idade delas, devem procurar a família, amigos, a escola. Devem conversar sobre, e assim, os adultos devem explicar de forma mais sutil aquelas histórias trágicas (como deveria acontecer em todas as situações, não somente em histórias de terror). Parto da opinião de que as crianças não devem abandonar o terror da sua faixa etária, não devem abandonar suas histórias, não devem partir para o mundo adulto tão precocemente, já que a sociedade assim está fazendo. É correto que saibam sobre os perigos que há no mundo, mas não é necessária uma exposição que, conseqüentemente, faça nossas crianças deixarem de pensar e agir como crianças.

É notório que a “adultização” de crianças é algo cada vez mais frequente, infelizmente. O mundo mudou, evoluiu, mas as crianças não devem crescer mais rápido. Aos sete anos devem temer os monstros debaixo da cama, temer o escuro; aos onze, devem saber que precisam contar tudo aos adultos, e não enfrentar o perigo sozinhas. Devem ler histórias voltadas para as suas idades, e, quando “fugirem da normalidade”, devem procurar adultos, que devem orientá-las. Infelizmente, a sociedade não dá a atenção necessária para as crianças; projetos como o “Oficina de contação” me fazem ter uma certa esperança para elas, para o futuro.

Assim, vivendo essas experiências e criando opiniões que antes nunca havia pensado, tenho certeza de que escolhi a profissão certa. E programas como o “Socializando” me fizeram enxergar que sou privilegiada em ter crescido no meio dos livros, por ter tido fácil acesso. A “Oficina de contação” me deu esperança para o futuro das crianças, meus futuros alunos; e agora, como bolsista da “Tenda do terror”, certifico que farei o possível para que as crianças tenham acesso ao terror de criança; que saibam imaginar, criar e temer as histórias de infância; projetos como esse são de extrema importância. É preciso que as crianças saibam e imaginem os monstros, os vampiros, as bruxas; é preciso que se inteirem no meio literário, nos desenhos infantis. Nossas crianças devem continuar sendo crianças!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contador de histórias é aquele que empresta sua voz de forma a fazer um convite, um chamamento a um instante de imersão, de escuta. É assim que começa. Às vezes esquecemos que as primeiras histórias contadas a nós não foram através dos olhos, da leitura, mas dos ouvidos, da escuta.

Conviver em meio a narrativas é um chamado diário a pensar na criatividade, nos desejos, nas vontades de texto. Depois de um tempo contando histórias escritas por outras pessoas, passa a nascer no peito de alguns a necessidade de uma história que venha de dentro, que seja nossa.

Ler e escrever são dois caminhos muito emaranhados, simultâneos. Percebe-se um esforço muito grande em tentar separá-los, na tentativa de entendê-los e estudá-los da maneira mais profunda possível. Contudo, não há quem escreva que não seja, antes, um leitor, e não há leitor se não houver em seu caminho oportunidades para conviver com as histórias, sejam elas através de materiais escritos, seja através da voz de contadores.

Segundo Lajolo,

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última frase da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (LAJOLO, 2001, p. 44-45).

Dessa forma, projetos como a “Tenda do terror” têm um grande papel nisso, na tentativa de fazer com que esses “ecos de leitura” sejam contínuos na vida das crianças e jovens, que se tornem um dos meios pelos quais possam enxergar a vida de outra maneira.

Paulo Freire aponta que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1988, p. 1). Concordamos com o autor quando afirma que a leitura é um ato de constante transformação individual, e que a partir de um *eu*, ela ecoa na maneira de estar e agir no mundo, sendo um constante agente de mudança para um *nós*.

Logo, pode-se observar que a Literatura, quando chega para a população, pode a impactar de diferentes formas, e dessa maneira, é válido ressaltar a importância de programas como o “Socializando a leitura” para a comunidade externa. É necessário que as pessoas tenham acesso aos livros, que as histórias sejam contadas, que as crianças possam imaginar, pensar e sonhar como crianças. Citando Abramovich, “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1989, p.16). Essa é a proposta do “Socializando a leitura” e de todas as suas vertentes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades /Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MESSIAS, Adriano. **O monstro debaixo da cama**. São Paulo: Mundo Mirim, 2011.

“LITERARTE: LITERATURA EM MOVIMENTO”: a realização de saraus como prática de incentivo à leitura

Lisiane Ferreira de Lima
Sara Nascente da Silva
João Carlos Nascimento Bispo

Cientes dos múltiplos cenários sociais vivenciados no país, observamos que urge, cada vez mais, a necessidade de desenvolvermos projetos – sejam estes de ensino, pesquisa ou extensão – que tenham como objetivo propagar o acesso à cultura, incentivar à leitura, promover a produção escrita e a arte em geral, principalmente, em um contexto político-social no qual diversos direitos socioculturais estão sendo questionados e, como afirma Antonio Candido (2004), “em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população é analfabeta, ou quase”. (p. 186-187).

Sabemos ainda que proporcionar ações que se desloquem da universidade e que dialoguem de forma democrática com a comunidade em geral é um dos eixos indissociáveis das atividades de extensão, sendo um dos papéis fundamentais das instituições de ensino. Assim, partindo dessas premissas, o presente trabalho tenciona elucidar o desenvolvimento das dinâmicas do projeto de cultura “Literarte: literatura em movimento”, que consiste em encontros lítero-artísticos realizados em formato de sarau envolvendo literatura e, muitas vezes, outras artes, tais como dança, desenho, fotografia, música e teatro, sendo coordenado pelo professor Artur Emilio Alarcon Vaz e pelas professoras Adriana de Oliveira Gibbon, Lisiane Ferreira de Lima e Mairim Linck Piva, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FURG).

O projeto é resultado de múltiplas ações de incentivo à leitura realizadas ao longo dos últimos anos pelos professores coordenadores, no âmbito da pesquisa e extensão universitária, e nasce como um desdobramento do programa intitulado “Socializando a leitura”, que desde sua idealização visa estimular um maior contato da sociedade com os

livros, buscando contribuir também na formação de leitores e contadores de histórias. Além disto, as práticas do “Sarau Literarte” dialogam com outros programas de extensão, como a “Oficina de contação: a formação de leitores” (ILA/FURG) e com o projeto “Troca de livros” (ILA/FURG).

PRESSUPOSTOS QUE NORTEIAM A ATUAÇÃO DO “SARAU LITERARTE”

A proposta do “Sarau Literarte” surge a partir do entendimento da literatura como uma necessidade humana, pois, como afirma Antonio Candido, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (2011, p. 180). Desta maneira, consideramos que para propor um desenvolvimento do pensamento crítico pungente se faz necessário que tenhamos como propósito a impulsão ao livre acesso à literatura, através de um contato mais acessível ao livro e a outras expressões artísticas, já que a literatura se faz presente nas demais artes, sendo estas constituídas de elementos intrínsecos, paralelos e que vivem em constante harmonia.

As elaborações de iniciativas como o “Sarau Literarte” mostram-se essenciais para desconstruirmos alguns estigmas que, por muitas vezes, ainda pairam sobre as práticas literárias, moldando-as como inacessíveis ou quase sempre atreladas a ideias estáticas ou a apenas registros escritos e sabemos que as mesmas não se resumem somente a isso. Em contrapartida, a literatura em constante movimento busca tocar as múltiplas faces e nuances na formação do ser humano, e como corrobora Candido:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2011, p. 186)

A partir disso, desde a participante que performa *slam* como forma de resistência até o participante que toca no violino a *Aquarela*, de Toquinho, percebemos a forte determinação e presença de uma literatura que não é fechada ou acabada, pelo contrário, é uma ciência aberta ao outro, aberta à diversidade, aberta à escuta ancorando e amparando indivíduos que através de discursos são demonstrados a partir do *locus* do dizer – historicamente, socialmente, politicamente – já que a língua delata, denúncia e nos entrega, e para além, conforme afirma Rildo Cosson (2009), “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (p. 17).

Assim, pensando em espaços que sejam propulsores culturais, sabemos que a presença do sarau é uma constante no imaginário social, pois, segundo Lucía Tennina (2013), “a palavra sarau não é recente. Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos” (p. 11). Ademais, como elucida Marcos Júlio Sergl (2013) o sarau se faz presente desde o tempo do Brasil Imperial, período no qual as reuniões familiares de cunho artístico tomavam força, pois os encontros se apresentavam como espaços nos quais, muitas vezes, eram mostrados os dotes musicais das mulheres. Corroborando com essa premissa, entre obras canônicas da literatura brasileira podemos observar como o sarau era descrito no período, tomando como exemplo o romance *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhados abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos. (MACEDO, 2010, p. 131)

Essas reuniões artísticas proporcionavam oportunidades de visibilidade para essas figuras femininas, nas quais estas podiam se aproximar dos centros acadêmicos e culturais, que eram praticamente exclusivos aos homens naquela época. Recordamos ainda que ao longo dos séculos houve um apagamento das vozes femininas, principalmente, nos meios artísticos e acadêmicos, onde as mulheres só poderiam se expressar ou serem validadas a partir de uma voz masculina. Logo, ao pensarmos na realização de saraus como locais de livre expressão, cabe enaltecermos o caráter de abrangência social dessas ações, pois, em sua maioria, tende a ser um encontro de celebração plural.

Deste modo, intensificamos que a realização de saraus não é uma prática que nasce na contemporaneidade, mas estes espaços se perpetuam até os dias atuais, remodelando suas temáticas e adaptando suas performances, podendo ser definido por Fransuelen Geremias Silva et al. (2016), “como reuniões de pessoas que têm algum vínculo com a arte e com a cultura, sendo essas reuniões, muitas vezes, de caráter informal” (p. 150), no entanto, mesmo que por muitas vezes possuam esse caráter despojado, os saraus seguem sendo espaços de socialização do conhecimento, de múltiplas conexões de saberes através das manifestações culturais.

Conforme o exposto, observamos que o sarau percorreu séculos sendo este espaço de convívio cultural, no entanto, aparece reformulado na atualidade, sendo pensado a partir de novas metodologias de atuação, pois já não se aplica mais um sarau como encontros restritivos, nos quais a arte era vista como acessível apenas aos mais abastados ou letrados, pois nos dias de hoje o sarau é articulado de forma mais coletiva, visando a apropriação popular desses espaços culturais, sendo compartilhado por coletivos e ativistas, visando usufruir destes locais para a livre expressão artística. Logo, as temáticas sociais ganham força quando a prática da realização de saraus ultrapassa os muros das academias e ganha força também nos centros periféricos e marginalizados, dando voz para artistas locais e anônimos.

Desta forma, o projeto de cultura “Literarte: literatura em movimento” entende as potencialidades da intervenção do sarau como uma metodologia participativa de estímulo à leitura e elevação da arte em geral, tendo a intencionalidade de acentuar os sentidos acerca da literatura por entender que uma sociedade só se desenvolve com pensamento crítico a partir dessas práxis e como bem menciona Antonio Candido sabemos que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela” (2011, p. 174).

É nesse sentido que o “Sarau Literarte” é pensado, como um espaço para múltiplas manifestações artísticas, no qual os participantes podem se aproximar a partir da leitura ou escuta de textos próprios ou de outros autores, onde escritores, cantores, pintores, musicistas, poetas ou interlocutores ganhem espaço e visibilidade, não apenas no universo acadêmico, mas, principalmente, com a comunidade externa. É na troca que a literatura e as demais artes se constroem: troca de experiências ao término de cada apresentação, troca de palmas, troca de opiniões, troca de referências, alusões, releituras de obras e afins.

“SARAU LITERARTE” E SEUS DESDOBRAMENTOS

Por acreditar que a realização de saraus possui a potencialidade de ressignificar espaços públicos tornando-os áreas de formação humana, o “Sarau Literarte” atua, desde 2015, no fomento de espaços de desenvolvimento socioculturais, compreendendo estes encontros de celebração como organismos vivos que promovem aprendizagem, incentivam a leitura e endossam o apreço pela arte como um todo.

Com a intencionalidade de uma participação coletiva, o “Literarte” tem como eixo norteador a construção de um sarau no qual as pessoas possam participar livremente, em

um palco aberto, a partir das mais variadas expressões artísticas de seu interesse. É nessa construção conjunta que o projeto pretende impulsionar encontros múltiplos - centrado ou não em uma temática específica - por meio da participação de diferentes colaboradores.

FIGURA 1: Primeira identidade visual do sarau, criada por Marco Müller



FONTE: Acervo do programa

É relevante ressaltar que para a execução do projeto não há um espaço fixo, constituindo-se primordialmente como itinerante, podendo chegar aos mais distintos lugares, como centros culturais, feiras, mostras, universidades e nas escolas do município de Rio Grande/RS. Ademais, diante de um novo cenário de pandemia, a partir dos planos de contingência frente à COVID-19 e respeitando o distanciamento social, as edições de 2020 foram pensadas no formato virtual, utilizando plataformas on-line como Google Meet e Zoom, além da utilização de mídias digitais e redes sociais, como Instagram e Facebook, na divulgação das propostas.

Com grande parte das atividades culturais, pensando nos equipamentos necessários para a realização dos saraus, usufruímos de aparelhagens de som, banners, cartazes, cavaletes, fotos, livro e varais e para os procedimentos on-line necessitamos de acesso à rede e computadores. Já quanto às metodologias avaliativas, os resultados das praxes são coletados através de formulários, questionários e pesquisas de opinião, recebendo constantemente sugestões dos participantes.

Inicialmente atuando na extensão e posteriormente como projeto de cultura, já foram realizadas mais de vinte edições do “Sarau Literarte”, proporcionando encontros

artísticos contemplando as cidades de Rio Grande, São José do Norte e Pelotas, contribuindo para a indissociabilidade das ações de extensão e cultura da universidade para com a sociedade em geral, servindo também como aporte para a promoção da cultura no extremo sul do país.

Com uma temática diversificada, o “Sarau Literarte” conta em suas edições com múltiplas intervenções artísticas, explorando leituras literárias, apresentações musicais, performances teatrais e de dança, exposição fotográfica de diferentes artistas locais, divulgação de projetos, e interação entre estudantes da universidade, de escolas da rede municipal de ensino e da comunidade em geral.

FIGURA 2: Realização do “Sarau Literarte” no Café Cultural da FURG Colaboração musical de Henrique Meneses (violão) e André Soares (violino)



FONTE: Acervo do programa

O projeto participou da programação cultural de eventos acadêmicos organizados pela FURG e UFPel, realizando edições com temáticas específicas, como aquelas que homenagearam autores como Caio Fernando Abreu e Marina Colasanti, mas foi a partir da participação do sarau em eventos como Março Lilás, Acolhida Cidadã e 15ª Mostra de Produção Universitária (MPU) da FURG que o “Sarau Literarte” ganhou maior visibilidade e parcerias foram firmadas intensificando a proposta itinerante de suas atuações. A partir disso, recebemos convites da Secretaria de Município da Cultura (SeCult), da Prefeitura Municipal de Rio Grande, para integrar as edições do Verão Cultural e também do II Portugal em Rio Grande, como também recebemos o convite da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de São José do Norte, onde realizamos uma edição em alusão ao

Dia Internacional da Mulher. Ademais, dentre estas parcerias também recebemos a proposta do Sesc Rio Grande para fazer parte do planejamento da Semanas do Idoso, realizando dinâmicas com a terceira idade.

FIGURA 3: Realização do “Sarau Literarte” no Verão Cultural na Biblioteca Pública Municipal Amaury dos Santos, Cassino/RS



FONTE: Acervo do programa

A integração social do sarau se faz evidente quando sua atuação chega também nas escolas do município, onde o projeto desenvolveu atividades nas E.M.E.F de Tempo Integral Prof. Valdir Castro, E.E.E.F. Revocata Heloisa de Mello e E.E.E.M Lilia Neves, demonstrando como o sarau pode ser uma prática pedagógica de incentivo à leitura, como uma estratégia de aproximação no espaço da sala de aula, apresentando textos contemporâneos aos alunos para, posteriormente, introduzi-los aos textos canônicos, auxiliando na formação de leitores de literatura, conforme o indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Dentre as metas para os próximos anos, está a inserção, ainda mais efetiva, do programa nesses espaços de educação municipal, visando aprofundar as praxes já realizadas nas escolas, pois a carência de atividades culturais que envolvam a literatura é um dos pontos cruciais que pretendemos explorar e buscar amenizar. Para além, a iniciativa nos serve como um ponto de partida para o desenvolvimento de outras dinâmicas extensionistas, propondo outras práticas pedagógicas como a oportunidade de ofertar oficinas de rap, batalhas de conhecimento e a realização de *slams*.

FIGURA 4: Realização do “Sarau Literarte” em alusão ao Dia Internacional da Mulher, organizado pela Prefeitura Municipal de São José do Norte/RS



FONTE: Acervo do programa

Como resultados parciais dessas práticas desenvolvidas pelo “Sarau Literarte”, foram apresentadas diversas comunicações em eventos de ensino, pesquisa e extensão, como também em mostras universitárias¹, além de comentários e divulgações feitas em rádio² e TV a fim de promover as realizações do “Sarau Literarte” e dar maior visibilidade ao projeto, bem como para todas as intervenções desenvolvidas no âmbito do programa “Socializando a leitura”³. Para mais, também foram publicados o relato de experiência intitulado “Sarau Literarte: a socialização da leitura e da arte”⁴, pela *Caminho Aberto - Revista de Extensão do IFSC* e o artigo intitulado “Literarte: sarau poético-musical como instrumento potencializador de leitura”⁵, pelo *Jornal Fuxico*, da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.

Diante disso, ao longo das edições, foi possível mensurarmos o potencial socioeducativo das ações propostas pelo projeto, intensificando a importância de realizar atividades fora do currículo, que atravessem a instituição de ensino e que nos façam refletir sobre a construção de nossas competências intelectuais e as conexões que são feitas como retorno para com a sociedade a qual estamos inseridos. Nesse sentido, os resultados demonstrados no presente trabalho são parciais, uma vez que respeitando a

¹ Disponível em: <https://mpu.furg.br/anais>. Acesso em: 20 jul. 2023.

² Disponível em: www.youtube.com/watch?v=7JRzY8kxTH0. Acesso em: 20 jul. 2023.

³ Disponível em: www.furg.br/noticias/noticias-cultura/socializando-a-leitura-conheca-o-programa-do-instituto-de-letras-e-artes. Acesso em: 20 jul. 2023.

⁴ Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2054>. Acesso em: 20 jul. 2023.

⁵ Disponível em: www.uefs.br/modules/documentos/index.php?curent_dir=4172. Acesso em: 20 jul. 2023.

nova realidade que nos exige o distanciamento social, as próximas edições estão sendo pensadas em formato remoto/não presencial, pois entendemos a relevância de seguirmos criando espaços, mesmo que no formato virtual, que proporcionem uma interação social entre os pares, buscando formar uma rede onde se possa processar coletivamente sentimentos como o luto, o medo ou saudade através da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos o presente exposto observamos nas práticas desenvolvidas pelo projeto de cultura “Literarte: literatura em movimento” a essência transitória e adaptável do sarau, que ao longo de suas edições presenciais conectou mais de 120 colaboradores diretos, dentre outras centenas de ouvintes e contempladores por onde passou e neste momento de incerteza, no qual há uma restrição de afetos pelo distanciamento social, o “Sarau Literarte” busca novamente se remodelar e proporcionar novas edições em formato virtual, preservando a intencionalidade de incentivar o desenvolvimento artístico e intelectual de seus participantes, fazendo o que cabe a nós para inspirar o ser humano a ser criativo e crítico, pois entendemos que este é um trabalho fundamental em nosso contexto social.

Na contemporaneidade a construção de espaços socioculturais como os que são proporcionados pelo “Sarau Literarte” se fazem ainda mais necessários na medida em a cultura é diariamente atacada por um projeto político que visa, por muitas vezes, desqualificar setores acadêmicos e culturais. Assim, para além das conexões intelectuais, o ambiente artístico se mostra um espaço de resistência frente a uma conjuntura de constante tentativa de desmonte das instituições de ensino, pois como bem sabemos, a literatura e demais artes possuem o poder de elucidar, por muitas vezes de forma até mesmo denunciativa, os momentos de ruptura social.

Desta maneira, avaliamos as ações do “Sarau Literarte” de forma satisfatória, pois através dos resultados coletados em questionários aplicados e pesquisas de opinião realizadas, compreendemos que a iniciativa possui de fato esse caráter itinerante e de constante movimento, representando um espaço democrático de socialização – seja ele presencial ou virtual –, no qual o produto final é a propagação da cultura, o estímulo à leitura, a promoção da literatura e das demais artes de forma plural e coletiva, criando momentos de cumplicidade a partir das mais diversificadas linguagens artísticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades /Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009. LIMA, Lisiane Ferreira de; RAMOS, Twyne Soares. Sarau Literarte: a socialização da leitura e da arte. **Caminho Aberto – Revista de Extensão do IFSC**. Ano 03, n. 5, jul./dez. 2016, p. 88-92. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2054>. Acesso em: 20 maio 2023.

LIMA, Lisiane Ferreira de; RAMOS, Twyne Soares. Literarte: Sarau poético-musical como instrumento potencializador de leitura. **Jornal Fuxico**. Núcleo de Investigações Transdisciplinares-NIT - Departamento de Educação/UEFS Ano XIV – Nº 36 - set./dez. 2016, p. 12-13. Disponível em: www.uefs.br/modules/documentos/index.php?curent_dir=4172. Acesso em: 20 maio 2023.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. São Paulo: FTD, 2010.

SERGL, Marcos Júlio. Saraus, récitas líricas, bailes e concertos ituanos: as sinhazinhas e seus dons musicais, embebidos em gengibirra e quitutes. **9º Encontro Internacional de Música e Mídia: 'o gosto da música'**, 2013, São Paulo. O gosto da música: 9º Encontro Internacional de música e Mídia. São Paulo: MusiMid, 2013.

SILVA, Fransuelen Geremias et al. Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**. Série Ensaios. Nº 29. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2016, p. 150-167.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 42. Brasília, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2316-40182013000200001>. Acesso em: 20 maio 2023.

“TROCA DE LIVROS”: socializando a literatura dentro da universidade

Amanda Silveira

Priscila Teixeira

INICIANDO A CAMINHADA

Por acreditar no poder transformador da leitura e no direito ao acesso, o projeto “Troca de Livros” que compõe o programa “Socializando a leitura”, promove a interação com o livro e a leitura em diferentes esferas da sociedade. Coordenado pelas professoras Adriana de Oliveira Gibbon, Mairim Linck Piva e pelo professor Artur Emílio Alcaron Vaz, vinculados ao Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tem como principal característica a gratuidade da troca, viabilizando essa interação independentemente da condição socioeconômica do leitor.

Além do vínculo com a comunidade acadêmica, atua-se de forma itinerante em diferentes espaços da cidade, oportunizando o acesso ao livro a uma parcela da sociedade desprovida de privilégios. Por isso, aproximar os cidadãos das práticas de leitura e escrita significa também contribuir para a construção de uma sociedade crítica, capaz de ressignificar conceitos e despir-se de preconceitos, incentivando assim a transformação coletiva.

Pensar em um Brasil letrado está para além da elite intelectual, é preciso que a obtenção do conhecimento seja parte da vida de todos, sem qualquer distinção. Sabendo disso, é inevitável pensar que a viabilização da leitura em tempos tão hostis abarca muitas questões, contexto social, os impostos sobre o livro no país e principalmente a condição econômica da população. Justamente por isso, a atuação do projeto baseia-se em conceitos como os de Antonio Candido sobre a necessidade e urgência da literatura na vida das pessoas.

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal

que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é negar nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual (CANDIDO, 2011, p. 188).

Ao tratar não apenas do acesso à literatura, mas ao livro independente do gênero, como um direito humano, entende-se que negá-lo significa ferir uma das principais premissas que regem as sociedades, os direitos humanos. Sabendo da importância de tal questão, o “Troca de livros” possibilita um elo entre o leitor e seu imaginário, confiando no poder humanizador e transformador que esse encontro pode promover.

METODOLOGIA

O projeto de extensão e cultura, fundado em janeiro de 2013, mantém-se através de doações, como mencionado anteriormente, sua finalidade origina-se do incentivo e formação de leitores. Para que exista a troca, os livros devem pertencer a mesma categoria determinada por gêneros: ficção, não ficção e literatura infantil e juvenil. Dessa forma, mantém-se o fluxo contínuo contemplando todos os gostos, garantindo ainda a manutenção do acervo. Possui-se dois espaços fixos, a sala do programa a qual detém boa parte dos livros e o armário, no centro de convivências da universidade, contendo os que irão ser trocados durante as atividades ocorridas nas terças e quartas-feiras.

São cerca de doze voluntários e uma bolsista, totalizando o número de treze pessoas envolvidas, as quais são responsáveis por monitorar todas as ações. Por isso, a participação em atividades propostas pela FURG, como por exemplo, “Feira do livro”, “Trilha cultural”, “Acolhida cidadã” tornaram-se frequentes, compondo assim o quadro organizacional das práticas. Eventualmente, as escolas públicas da cidade solicitam a participação do projeto em suas respectivas feiras literárias, são propostas como essa que promovem o caráter itinerante do “Troca de livros”.

Participa-se ainda do projeto Quitanda Cultural, na praça Xavier Ferreira, dois sábados por mês, durante o ano todo, iniciativa da Secretaria de Cultura, que divulga e oferece um espaço público para artesãos e movimentos culturais da cidade. O “Troca” é apoiador e incentivador dessa atividade há 4 anos, além desse, outros eventos de caráter interinstitucional, tornaram-se costumeiros, tais como o “Quitanda Cultural” e o “Eu Amo Ler”.

Todos os números correspondentes às atividades são computados e ao final de cada ano são somados no relatório de atividades. No ano de 2020, registrou-se cerca de 2410 movimentações somente na Feira do Livro da FURG, dados como esse refletem o comprometimento daqueles que participam e, principalmente, a relevância desse trabalho para a cidade. Ademais, conta-se ainda com as redes sociais (Facebook e Instagram) as quais servem como ferramentas importantes para a divulgação das obras, das atividades, bem como para estabelecer uma relação de proximidade com a comunidade virtual.

RELATO DE AMANDA SILVEIRA

Meu nome é Amanda Silveira, sou professora de Língua Portuguesa e pós-graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Desde o início da minha graduação, admirava as atuações propostas pelo programa “Socializando a leitura”, principalmente, a possibilidade de trocar livros, no entanto, somente ao final do terceiro ano que venci a timidez e voluntariei-me. Sem dúvidas, tornou-se uma das minhas melhores escolhas durante este período tão intenso de experiências, aprendizagem conciliado a uma série de incertezas.

O projeto acalentou um dos meus maiores anseios, a necessidade de promover o acesso à leitura aos mais diversos âmbitos da cidade de Rio Grande. Além disso, associava tal necessidade à minha experiência no período em que fui estudante das escolas públicas e estaduais e de como a prática de frequentar a biblioteca afastava-se do meu cotidiano escolar. O “Troca” aproximou-se da criança que um dia eu fui que, por muitas vezes, emocionou-se com histórias e sonhou em um dia poder frequentar livrarias.

Por essa razão, quando percebi a possibilidade de conversar com as pessoas, estimular as práticas, principalmente de leitura, senti-me contribuindo de forma efetiva para uma sociedade que respeite sua própria diversidade e pluralidade. Também, pude perceber o quão privilegiada eu sou por poder ler, interpretar, significar e ressignificar o mundo ao meu redor, pude perceber o meu dever enquanto mulher-professora em viabilizar ferramentas que sirvam à luta contra todo e qualquer tipo de opressão e, sem dúvidas, o livro é a principal delas.

Existiram muitos momentos importantes em minha atuação como bolsista, ao longo desse depoimento, destacarei dois. O primeiro, corresponde às manhãs no Centro de Convivências da universidade, todas as terças-feiras abria o armário antes do horário previsto, minha intenção era poder apresentar o projeto às pessoas do turno da manhã. Nesse espaço, pude estabelecer muitas conexões, ouvir diversas histórias sobre livros e

sobre a vida, de forma prática, conheci a significância de socializar leituras.

O segundo momento, refere-se à apresentação do projeto no Encontro Nacional de Estudantes de Letras (ENEL), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estar nacionalmente representando nossas ações, que tanto significam para mim, serviu como estímulo para seguir fomentando a leitura e a escrita. É inevitável ressaltar o caráter formador do “Troca de livros” em minha vida, são incontáveis experiências e leituras das quais pude desfrutar. Atualmente, ser voluntária aloca-me em um lugar de resistência e de luta pela equiparidade intelectual de todos, sem distinções.

FIGURA 1: Apresentação do projeto na UFRJ (2019)



FONTE: Acervo pessoal

FIGURA 2: Ato em defesa da Educação Pública no ano de 2019.



FONTE: Acervo pessoal

FIGURA 3: Apresentação na 18ª Mostra da Produção Universitária (MPU), ano de 2019.



FONTE: Acervo pessoal

FIGURA 4: V Ciclo literário para terceira idade. SESC, ano de 2019.



FONTE: Acervo pessoal

RELATO DE PRISCILA SCHROEDER TEIXEIRA

Um marco na minha graduação, na minha vida! Foi no projeto que fiz amizades, conheci trabalhos em educação que fazem diferença para alunos e profissionais, cresci como professora, leitora, desenvolvi minha comunicação e ajudei algumas pessoas a ter as mesmas experiências. Conheci e fiquei conhecida. Vi e fui vista. Troquei livros e ajudei leitores a diversificar as leituras. Virei bolsista! Enfim, cresci!

Comecei no Armário do CC (assim mesmo, como um nome próprio; o Armário se transformou no queridinho do projeto e passou a ser um integrante vivo) e não foi a ação mais fácil que fiz na universidade. Quem frequenta o Centro de Convivências (CC) quer conversar, comer, passar o tempo, jogar truco! O Armário do “Troca” impõe-se naquele cantinho, como um totem de leituras e bons papos. É lá que os estudantes vão para trocar seus livros pelos livros de alguém, que, como eles, acreditam na inutilidade de um livro parado, abandonado na estante. A troca é um processo de renovação. Nós, os “troqueiros”, temos, antes de tudo, muito prazer em trabalhar no Armário, as conversas com as pessoas que nos procuram para suas trocas sempre têm um tempinho para conversar e compartilhamos impressões de leitura tanto quanto livros e isso é, talvez, o mais importante, porque faz crescer a todos.

Temos um acervo diversificado e tão grande, que conquistamos uma sala no prédio do Instituto de Letras e Artes (ILA), onde o programa “Socializando a leitura” montou sua sede, com todos os exemplares organizados e de onde renovamos o do Armário de tempos em tempos, embora o acervo de lá se renove sozinho, dado o movimento que tem.

FIGURA 5: Sala do Socializando (ILA)



FONTE: Acervo pessoal

FIGURA 6: Armário de Trocas – Centro de Convivência



FONTE: Acervo do programa

Em setembro, temos a MPU/FURG e é a oportunidade de mostrar para o público universitário o nosso projeto. É quando mostramos nossas atividades e resultados e é com prazer que o fazemos...

A FEIRA DO LIVRO... a nossa feira! Lá o “Troca” cresce! Em tamanho e importância, tanto para si, enquanto expositor, como para cada um de nós, que passamos quinze dias das férias envolvidos com esse evento. O “Troca” tem um espaço amplo e estratégico na feira. Por lá passam todos que frequentam a feira, e param. Param para olhar as raridades, as edições antigas, os novos e populares, os antigos e já quase esquecidos. E nós trabalhamos antes mesmo da feira ser inaugurada. Organizar e embalar o acervo para o transporte, enviar para o local da feira, receber e organizar tudo para quando a Feira do Livro da Furg começar. Chegamos cedo para a montagem do espaço, arrumamos os livros para que fiquem acessíveis a todos, montamos o cantinho para as crianças, que leem lá mesmo, deixamos tudo preparado para que os livros sejam a estrela daquela festa da leitura. E trabalhamos um pouco mais, quando o dia termina e temos que desmontar tudo e guardar, para no outro, recomeçar.

É gratificante ver nosso esforço e o da FURG transformar-se em uma festa dos livros. Trocamos mais livros a cada ano de participação na feira. Há casos de pessoas que compram livros para trocar conosco, já que sempre temos exemplares que já não

circulam muito por livrarias e sebos. Não posso deixar de grifar que trocamos livros, não os vendemos, e isso nos amplia o alcance de pessoas que, como nós, damos a eles, os livros, um valor incalculável!

O “Troca de livros”, como atividade itinerante, participa de feiras literárias nas escolas do município de Rio Grande e arredores, como São José do Norte e Santa Vitória do Palmar. Esse aspecto extensionista me proporcionou experiências múltiplas de conhecimento de outras realidades e só fez crescer minha convicção que a educação, a leitura, a cultura enfim, é determinante na vida de todos, desde os primeiros anos de vida, já que as feiras literárias das escolas atingem todos os níveis educacionais.

FIGURA7: Feira do Livro FURG 2019



FONTE: Acervo do programa

A CAMINHADA AINDA NÃO TEM FIM

Descrever tais realizações destina-se a um estado de coletividade, afinal, todas só foram e são possíveis porque contam com uma rede de apoio incansável. Essa carga histórica tão significativa tornou-se possível com o auxílio de muitos voluntários, alguns bolsistas e coordenadores dispostos a impulsionar cada passo dado por seus orientandos. Sendo assim, Paulo Freire contempla a visão igualitária do projeto para com a sociedade, principalmente, com quem enfrenta a dura realidade sem prerrogativas, quando menciona que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 52). São tempos controversos para o sistema educacional brasileiro, manter ações como essas destina-se a uma escolha diária pela educação pública e de qualidade.

O caráter cultural e extensionista rompe com os muros da universidade, aproxima a população do que é seu por direito. Por outro lado, une o acadêmico com o contexto que lhe espera durante a vida docente, aproxima-lhe das demandas sociais das quais ele fará parte. Por fim, o “Troca de livros” representa o desejo de qualquer professor ciente de seu papel, a emancipação intelectual e crítica de cada cidadão e cidadã deste país.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades /Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

“QUITANDA CULTURAL”: o “troca de livros” na comunidade externa da universidade

Adriane de Araújo Rodrigues

O “Troca de livros” é um projeto no qual as pessoas têm a oportunidade de adquirir diversos livros sem custo financeiro algum, contribuindo para que exista uma circulação sem que obras fiquem paradas nas estantes e assim incentivando a leitura e a formação de novos leitores, e é exatamente isso que me chama a atenção até hoje. Lembro que quando ingressei na FURG, no curso de Engenharia, nunca imaginei que me apaixonaria pelas Letras, pelas pessoas de lá, e foi o que aconteceu. Para mim esse projeto é lindo, eu só consigo enxergá-lo assim, quando se tem o contato, principalmente com as crianças, é gratificante saber que faço parte de algo tão grandioso e incrível. A cada escola que levamos o projeto, a cada Quitanda Cultural, é uma alegria, ver no rosto das pessoas, tão machucadas com os abusos da vida, a felicidade de poder levar um livro e SÓ TROCÁ-LO, sem ter que pagar por isso.

O “Quitanda Cultural” é um projeto criado no ano de 2015, localizado no largo João Fernandes Moreira, entre a Praça Xavier Ferreira e a Prefeitura Municipal, cujo objetivo é a criação de um espaço de arte, cultura, integração e geração de renda, valorizando o Centro Histórico do Município e é promovido pelo Executivo Municipal, por meio da Secretaria de Cultura (Secult) com o funcionamento no primeiro sábado de cada mês das 10 horas às 17 horas. As atividades contam com um palco à disposição para apresentações da comunidade, como contação de histórias, leitura de poesias, músicas, dentre outros, vale lembrar que o Quitanda é isento de tarifas para todos os participantes.

FIGURA 1:Projeto Troca de Livros no Quitanda Cultural



FONTE: Acervo do programa

Levando em conta esse projeto, quando fui convidada a participar com o “Troca de Livros”, logo aceitei, porque ali eu já sabia que seria mais um passo de sucesso para o nosso projeto, e foi! As pessoas, no princípio, chegavam até nosso espaço na feira para saber mais informações, ficavam tão animadas com as informações que recebiam como: “– é só trazer um e levar outro!”. Lembro-me das histórias que eram contadas lá, geralmente através das pessoas mais velhas, sentavam pra conversar sobre os livros, a leitura de uma obra específica, aquilo era encantador, adultos e crianças chegando, pegando livros para ler, ali mesmo, na praça, debaixo das árvores. O tempo foi passando e cada vez mais a ideia principal do projeto, formar leitores, foi crescendo, as pessoas já chegavam animadas com suas sacolas para fazer as trocas, muitas já iam direto ate o Centro de Convivência na FURG, onde o número de livros é muito maior.

FIGURA 2: Projeto Troca de Livros no Quitanda Cultural



FONTE: Acervo do programa

A cada evento da FURG, como a Mostra de Produção Universitária ou em eventos externos a Universidade, o “Troca de Livros” faz questão de sempre mencionar o Quitanda Cultural pelo fato de agregar tanta troca de experiência a cada feira e por ser uma forma tão simples e importante de colaborar com a comunidade em geral na questão de poder oferecer uma leitura de qualidade sem que seja cobrado um valor financeiro.

FIGURA 3: Projeto Troca de Livros no Quitanda Cultural



FONTE: Acervo do programa

Se considerarmos que “a pessoa que decide cursar o ensino superior é convidada a entender que sua formação e sua futura ação profissional têm como fim, finalidade, a transformação social (BISCALCHIN, 2013)”, sinto-me extremamente satisfeita em ser bolsista desse projeto (Troca de Livros), pois sei que, assim, estou desempenhando plenamente e constantemente o meu papel de estudante de universidade pública, consciente da responsabilidade de promover a transformação social.

REFERÊNCIAS

BISCALCHIN, Fabio Camilo. **Sobre a Responsabilidade Social do Estudante Universitário.** Unisal, 2013. Disponível em: <http://unisal.br/hotsite/mostraderesponsabilidadesocial/sobre-a-responsabilidade-social-do-estudante-universitario>. Acesso em: 18 maio 2023.

“VEM LER”: projeto de incentivo à leitura
numa escola pública rio-grandina

Carolina Veloso Costa
Wellington Freire Machado

PRIMEIROS PASSOS

O projeto “Vem ler” é um projeto de vocação extensionista que surge para auxiliar no processo de formação de leitores. Consideramos parte da filosofia pedagógica deste projeto o objetivo de apresentar a literatura a alunos/as do ensino fundamental e/ou médio de escolas estaduais. Durante as aulas, com frequência são explorados diferentes gêneros textuais, de modo a estimular o hábito de leitura dos estudantes e gerar também interesse pela biblioteca da escola. O presente texto retoma ao ano de 2010, no exercício das práticas pedagógicas obrigatórias dos então formandos Carolina Veloso Costa e Wellington Freire Machado. A experiência ora relatada se biparte em dois momentos: o estágio nas turmas 52 e 53 da Escola Municipal de Ensino Médio Dr. Augusto Duprat.

Assim, criando uma ponte sobre o eixo escola-universidade, o projeto “Vem ler” surge como uma importante ferramenta de auxílio, constituindo uma sólida tríade graduando-aluno-escola, em que o objetivo principal é o incentivo à leitura nos seus mais diversos níveis, visando o despertar do prazer em ler. As aulas ocorreram ao longo de dez encontros. Em cada um deles, buscou-se uma alternativa ao ensino tradicional de literatura e textos na sala de aula, visando sempre a experiência empírica como fonte primária de uma imersão mais aprofundada no rico universo das letras. Logo, para auxiliar na concretização do objetivo principal do projeto, — o incentivo à leitura — buscou-se em primeiro lugar priorizar o ambiente: para que o aluno passasse a ter uma relação próxima aos livros, antes de tudo seria necessário ele estar presente num ambiente de imersão, onde houvesse ao seu alcance a materialização do conhecimento intelectual: o livro. Assim, a escola disponibilizou a própria biblioteca (que naquele momento estava desativada) para a realização das aulas

Segundo o professor Richard Bamberger:

A principal deficiência de muitas bibliotecas escolares é não oferecerem escolha suficiente. As crianças têm de pegar o que encontram, e, quando o livro não se ajusta aos seus interesses, sentem-se decepcionadas; em lugar de desenvolver-se, os hábitos de leitura são prejudicados. [...] Muitos entendidos em bibliotecas escolares, isto é, membros da Associação de Bibliotecas Escolares, são de opinião que uma boa biblioteca escolar deve ter, pelo menos, dez livros por criança. (BAMBERGER, 2008, p. 78)

Logo, não foi necessária uma busca muito minuciosa na biblioteca da escola para encontrar não só a principal deficiência elucidada pelo professor Bamberger, como também inúmeras outras pelas quais passava a comunidade escolar. Contudo, a partir de um plano de ensino adequado à realidade dos alunos que frequentavam as aulas, logrou-se estipular objetivos e elaborar métodos didáticos próprios, de modo que a participação dos estudantes daquelas turmas de quinta série pudesse ser a mais proveitosa possível. Nesse sentido, o projeto “Vem ler” surgiu como uma alternativa hedônica de ensino, onde a aprendizagem, o prazer pela leitura e a produção textual fossem a mola propulsora que impulsionava-os a retornar à sala de aula a cada dia, pois a realidade do projeto oferecia alternativas a rotina, sempre com práticas de leitura e produção associadas ao lúdico.

A HISTÓRIA EM SI

No dia 26 de agosto de 2010, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto Duprat, deu-se início das atividades de estágio obrigatório do então acadêmico Wellington Freire Machado na condição de professor estagiário da turma 53, sob orientação do professor Artur Emilio Alarcon Vaz.

Para estipular um plano de ensino apoiado em conteúdos estabelecidos, antes de qualquer ação, foi necessária a realização do primeiro contato entre o professor e a turma. Sabia-se que não haveria qualquer possibilidade de implantar um plano com obras e textos pré-selecionados a um grupo de alunos desconhecidos, sem considerar o horizonte de expectativa e as predileções destes. Dessa forma, a primeira aula da turma 53 no projeto “Vem ler” foi fundamental para definir a seleção de textos e a escolha de uma metodologia adequada àquela turma.

Segundo Maria da Glória Bordini, para que um professor obtenha êxito no cumprimento de sua tarefa, antes de tudo é preciso que ele consiga conjugar três princípios básicos na sua atuação diante dos alunos, a fim de garantir a eficiência dos

métodos:

Em primeiro lugar, precisa conhecer sua classe em termos de expectativas, interesses, necessidades e aptidões. Em segundo, deve dominar suficientemente os fundamentos do método que elegeu como mais adequado ao propósito do seu grupo de alunos. Finalmente, é necessário que tenha nítida a finalidade educacional que o move. Só assim a tarefa educativa poderá contribuir para a formação de leitores capazes de transformar a sociedade. (BORDINI, 1993, p. 155)

Logo, a partir deste contato inicial, pode-se perceber uma turma bastante heterogênea. Este grupo possuía, ao contrário do que se pré-concebera, um gosto literário bastante diversificado, oscilante entre o infantil e o adulto, entre o romântico e o mórbido. Assim, para contemplar o romantismo das meninas e a obstinação dos meninos por histórias macabras, preconizou-se um plano de ensino tão heterogêneo quanto a turma a que este se aplicava.

Entre as obras selecionadas, trabalhou-se: 1) histórias sobrenaturais — em sua grande maioria de vampiros, embaladas pela saga pré-adolescente *Crepúsculo*, da escritora Stephanie Meyer e pelo romance *Os sete*, do brasileiro André Vianco; 2) histórias ambientadas em terras e lugares distantes, lugares onde a imaginação podia ter passe livre — neste ponto a opção de encerrar o curso com as aventuras de Sherazade em *As mil e uma noites* —; 3) histórias misteriosas que instigavam a participação constante do leitor — como o conto “Almofada de penas”, do uruguaio Horácio Quiroga —; 4) histórias breves, que acontecem sem muitas delongas, como os microcontos de Carlos Seabra, gênero naquela altura não reconhecido pela teoria da literatura e em constante expansão e popularização a partir do advento da internet, mais especificamente o Twitter. Além disso, os poemas de teor social de Manuel Bandeira, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade, foram de suma importância no processo de leitura e reflexão da relação sujeito-mundo.

Ainda de acordo com Bordini (1993, p. 105), o professor deve incentivar o/a aluno/a ao hábito de ler durante a sua estadia na vida escolar, de maneira que esse hábito se mantenha nas futuras etapas da vida, e assim, de modo que a leitura seja vista como uma alternativa existencial. Para tanto, é preciso que se incentive a leitura de textos que estejam mais próximos à realidade do/a aluno/a, de modo que haja identificação com as situações abordadas. Sendo assim, é natural que ocorra o interesse por determinados tipos de leituras. Bamberger identifica cinco idades de leitura, incluindo a infância e a adolescência:

1ª fase – Idade dos livros, das gravuras e dos versos infantis (2 a 6 anos)

2ª fase – Idade dos contos de fadas (5 a 9 anos)

3ª fase – Idade da história ambiental e da leitura factual (9 a 12 anos)

4ª fase – Idade da história de aventuras ou fase de leitura psicológica, orientada para as sensações (12 a 14 anos)

5ª fase – Os anos de maturidade ou desenvolvimento da esfera lítero-estética de leitura (14 a 17 anos). (BAMBERGER, 2008, p. 36-38)

Logo, a idade de leitura a qual pertenciam aqueles educandos correspondia a quarta fase estabelecida por Bamberger: importava a eles textos que despertassem imediatamente o reconhecimento seguido pela catarse: neste aspecto a anterior divisão entre meninos e meninas na predileção literária, encontrava neste âmbito uma uniforme junção: quase todos tinham uma curta história de amor a contar. Despertar o interesse deles por textos que falassem sobre amor não constituiu uma tarefa árdua, graças ao auxílio de poemas como “Poeminha Sentimental” de Mário Quintana, que constituíram uma sólida ponte entre o livro e o leitor.

Em *Letramento literário*, Rildo Cosson compara a atual situação da literatura nos níveis básicos de ensino com a fábula do imperador chinês, que não lograra nomear um sucessor devido as três maiores inimigas da educação: a arrogância, a indiferença e a ignorância. Por arrogância, Cosson entende que são as pessoas que consideram a literatura um saber desnecessário, um instrumento utilizado por uma burguesia morta pertencente a um passado longínquo. Já a indiferença é a associada às pessoas que têm consciência de que não conhecem a disciplina e que não vale a pena conhecê-la melhor. A cargo da ignorância, ficam aqueles que têm muita vontade de conhecer a literatura, só que por diversos fatores, como a falta de referência e a imagem como a literatura lhes é retratada dificultam incomensuravelmente o acesso.

Eliminadas estas três grandes inimigas não só do professor, mas principalmente do/a aluno/a, no projeto “Vem ler” objetivou-se colocar o/a estudante enquanto uma extensão do processo de criação literária: não mais somente como receptor, mas também como um crítico e produtor de textos. Preconizando estas metas, ao longo das aulas o trabalho de leitura e interpretação manteve-se fortemente atrelado a atividade de produção. Como as aulas aconteciam de forma temática (conto, poesia, romance, microconto), geralmente na primeira aula da semana trabalhava-se com o material pretendido e na aula seguinte se fazia com que os alunos produzissem à luz daquele material. A atividade de produção se mostrou um importante aliado do professor, pois auxiliou com êxito o processo de compreensão e instigou o interesse dos educandos pelo tema, pois a partir do momento em que se encontravam imbuídos da missão de escrever buscavam também estudar e ler o quanto podiam para cumprir com as metas do projeto. O resultado deste empenho coletivo pode ser observado na incrível quantidade de textos escritos pelos alunos.

Dessa forma, o projeto “Vem ler” cumpre uma das principais observações

atentamente colocadas em pauta pelo teórico búlgaro Tzvetan Todorov, no capítulo “O que a literatura pode” da sua obra *A Literatura em perigo*:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos de outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 79)

É possível dizer que desde o começo do projeto visou-se localizar os devidos gostos e predileções literárias dos alunos, para então guiá-los a algo maior: àquilo a que eles não estavam habituados.

FIGURA 1: Liberdade para escrever, encontrando o seu lugar preferido na biblioteca.



FONTE: Acervo do programa

Um dos grandes desafios do projeto foi alcançar — somente nos seus dias finais — o ponto de rompimento com a barreira que separava o universo imaginado pelos alunos (através de histórias fantásticas) e trazer a eles questões menos problematizadas ao longo do projeto, como a pobreza, por exemplo. A poesia de Manuel Bandeira foi uma importante ferramenta para desobstruir este tabu até então intocável: o poema “O bicho” foi pauta de uma extensa discussão, na qual os próprios alunos relataram situações de semelhante abandono do ser humano.

Assim, é indubitável que a proposta de trabalhar literatura em sala de aula, a fim de oferecer ao aluno possibilidades de ampliar o seu universo cultural, transcende de

maneira que conforme a prática, o aluno romperá com a passividade a que supostamente estaria acostumado, e passará a ser um ser mais atuante e crítico no seu grupo. Gradualmente, o hábito de ler passará a fazer parte da vida do leitor, de maneira que haja um sentido na leitura: atender aos interesses da pessoa que lê. Assim é vista a literatura como algo que contempla, que condiz com as expectativas ou com os interesses individuais. Há também uma dualidade entre dois polos: o conhecido e o desconhecido. O conhecido impulsiona o leitor em direção ao desconhecido, de maneira que ele encontre a si mesmo no texto. Diante disso, se abre um leque de possibilidades. Possibilidades novas, novas concepções e uma nova maneira de buscar o próprio eu.

LEMBRANÇAS DA ATIVIDADE

Há dez anos realizei o estágio em docência para conclusão do curso de graduação em Letras Português, foram onze encontros com uma turma da quinta série do Ensino Fundamental. Apesar de nunca ter cogitado lecionar para o ensino básico, essa etapa de formação foi essencial para definir os passos seguintes de minha vida profissional.

A turma 52, o segundo grupo de estudantes, era composta apenas por meninas e isso tornou o processo de ensino-aprendizagem um desafio tanto para mim, como professora em formação, quanto para as discentes. A princípio, o fato de a turma ser formada apenas por alunas parece ser uma informação irrelevante, no entanto, fez bastante diferença para o planejamento e execução das aulas. Com o objetivo de ensinar literatura e fomentar o gosto pela leitura, os encontros do projeto ocorreram na biblioteca e em horário contrário ao turno regular da turma. Eis o primeiro ponto de intervenção ao qual nos propomos com o projeto “Vem ler” na escola Augusto Duprat: ocupar a biblioteca como espaço de ensino.

Praticamente abandonada devido à falta de profissionais, a biblioteca tornou-se entre os/as estudantes um local desconhecido, inexplorado e até mesmo desimportante. Por esse motivo, houve um grande interesse da direção da Escola por este projeto, pois possibilitou reativar a biblioteca e suscitou o interesse por parte das estudantes pela leitura e pelos livros. Afinal, conforme afirma Regina Zilberman, em *A Literatura Infantil na escola*:

O fato de a literatura infantil não ser subsidiária da escola e do ensino não quer dizer que, como medida de precaução, ela deva ser afastada da sala de aula. Sendo agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar. (ZILBERMAN, 1987, p. 10)

Assim, torna-se indispensável reafirmar a importância da inserção da leitura no Ensino Fundamental como parte do processo educativo. Independentemente de ser estipulada por alguma disciplina, a leitura nem sempre deve servir de lição para o aluno, mas sim, como uma atividade lúdica prazerosa que eles façam por gosto, não por obrigação. Com base nesse pensamento, no primeiro encontro foi proposta uma apresentação do espaço, de modo a ressaltar sua importância e relevância para o contexto escolar, bem como uma exploração orientada pelas estantes de livros.

No segundo encontro, realizado no dia seguinte, foi proposta uma espécie de degustação de leitura, em que as estudantes conheceram um pouco de cada gênero literário e praticaram a leitura guiada e breve discussão do livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado. Ao final, as estudantes escolheram um livro para realizar a leitura em casa.

Todos os encontros iniciaram com um relato sobre a leitura de cada estudante. A primeira experiência comprovou a falta do hábito de leitura, de tal modo que foi necessário interromper o que havia sido planejado e optei por uma nova abordagem: leitura individual com acompanhamento e reescrita do texto literário. A proposta consistia no exercício de reescrever o texto, por meio da linguagem verbal e não verbal, e compartilhar com as demais colegas. Como eram alunas da quinta série, elas optaram por trabalhar com desenhos, colagens e, por fim, com a descrição escrita e oral.

Por meio dessa atividade prática de leitura, que se repetiu em outros encontros, houve a constatação que o texto escrito configura-se, para a maioria dos leitores aqui considerados, o mais importante ou o mais legitimado para a conferência de sentidos a uma leitura. Mesmo quando solicitadas a reconstituir a narrativa por meio do texto não verbal, as crianças costumavam buscar o texto escrito e, posteriormente, oral como apoio. O texto não verbal por vezes teve leitura mais descritiva do que interpretativa. As alunas somente fizeram uma leitura crítica depois que foram instigadas a tal, caso contrário, era realizado apenas um breve resumo do que havia sido lido, nem sempre a obra completa.

Nesse sentido, acredito que o/a educador/a deve manter uma postura que não termine no objetivo planejado, mas que possibilite ao educando executar sua própria aprendizagem.

A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que o mediatiza, e não a de dissertar sobre eles, de dá-lo, de estendê-lo, como se se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado. (FREIRE, 2011, p. 81)

Isso exige que o/a educadora se faça um no grupo, ou seja, dialogue com diferentes níveis intelectuais e respeite a capacidade do/a educando/a de ter opinião,

formar opinião e ser o/a protagonista de sua própria aprendizagem. Conforme o pensamento de Paulo Freire:

Tudo isso nem sempre é fácil de ser vivido, mas é preciso. No fundo é preciso fazer a descoberta dessa óbvia, de que, expondo-nos a uma série de pensamentos e de expressões [...] estamos crescendo juntos, re-aprendendo, re-conhecendo, na atividade de conhecimento que os estudantes vêm desenvolvendo. (FREIRE, 2011, p. 43)

Por ser uma atividade extraclasse, não obrigatória, procurei fazer de nossos encontros momentos lúdicos, em que as estudantes pudessem ser livres para entrar na biblioteca e escolher as leituras realizadas no âmbito domiciliar conforme seu gosto pessoal. Desse modo, os momentos iniciais dos encontros possibilitaram uma surpreendente troca, bem como proporcionaram uma certa cumplicidade entre as educandas e a educadora.

Já as leituras realizadas durante os encontros foram guiadas conforme planejamento prévio, com o intuito que as estudantes ao final do projeto tivessem contato com diferentes gêneros literários. Nesse sentido, ao longo dos onze encontros, trabalhamos com conto, quadrinhos, teatro, cinema e poesia. Em cada encontro, as alunas, além de realizarem uma leitura, por vezes guiada, individual ou coletiva, também produziram textos autorais, reescritas ou resumos. Esses momentos foram ricos e de grande importância no processo de ensino-aprendizagem, pois despertaram nas estudantes o desejo de melhorar a escrita e a oratória através da pesquisa em dicionários e exercícios orais. Esse movimento resultou em uma breve apresentação de teatro e na produção e declamação de poesias entre o nosso pequeno grupo de meninas.

Devo ressaltar que não constava nos planos de ensino trabalhar com o gênero teatral, foi uma demanda levantada pelas próprias estudantes. Isso ocorreu devido à solicitação de uma outra disciplina que elas elaborassem uma peça de teatro. No entanto, elas não conheciam o gênero e pediram minha colaboração e suporte através de dicas e exercícios de como escrever diálogos, distribuir personagens, cenas etc.

Posteriormente, como encerramento das atividades do projeto, realizamos um sarau com as turmas 52 e 53. As estudantes da turma 52 organizaram uma peça teatral com fantoches em que todas as falas apresentavam rimas simples, agregando os conhecimentos adquiridos durante os encontros sobre teatro e poesia. Apesar da resistência de realizar uma apresentação para outra turma, o encontro foi muito gratificante para nós, professores, e para os/as estudantes que terminaram o projeto com uma sementinha do gosto pela leitura.

FIGURA 2: Encenação com fantoches



FONTE: Acervo do programa

Conforme declaração das alunas, os momentos de encontro do projeto eram “a hora do recreio cultural”. Afinal, por ser uma atividade extraclasse, não havia obrigatoriedade, cobrança de presença e avaliação, mas, ainda assim, as jovens alunas se comprometeram e a turma se manteve até o final. Às vezes, com alguns alunos visitantes, que apareciam para saber como era o projeto, provavelmente, motivados pelos relatos das alunas participantes. Acredito que após essa atividade, a biblioteca deixou de ser um local desconhecido, ao menos para os e as estudantes da quinta série de 2010.

HORA DE REFLETIR

Escrever esse breve relato a quatro mãos sobre nossa experiência de estágio docência da graduação foi, de fato, um exercício que envolveu diferentes vias. Principalmente, o trajeto da memória e da *práxis*, afinal, passou-se dez anos. Através desse resgate memorialístico e profissional, conseguimos perceber o quanto essa experiência contribuiu para a atual função que exercemos no sistema educacional e em nossas práticas pedagógicas.

Atualmente, o professor Wellington Freire Machado exerce a função de professor da área de Língua Espanhola na Universidade Federal do Rio Grande no *campus* Santa Vitória do Palmar. A leitura e a extensão seguem sendo variáveis que se consonam ao ensino e à pesquisa. A democracia da leitura é uma bandeira que jamais deverá ser abandonada por nenhum profissional que se dedica seriamente a carreira docente.

Já a professora Carolina Veloso Costa trabalha com a Educação de Jovens e Adultos do Município de Florianópolis, a qual tem como princípio educativo a pesquisa e a experiência pessoal do/a educando/a. A biblioteca e o laboratório de informática são os principais locais do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, a sala de aula vai além do espaço atribuído para tal. Ademais, o método avaliativo consta de escritas de si e de produções textuais monográficas, individuais e em grupo, de modo que o incentivo à leitura de diferentes gêneros literários e textuais é basilar para a formação desse/a estudante.

Agradecemos ao projeto “Vem ler”, aos nossos estudantes e também ao professor Artur Emilio Alarcon Vaz, por cumprir com maestria o seu papel como formador de professores. Seguimos acreditando que somente a educação poderá nos salvar do obscurantismo e da descrença generalizada que assola o nosso país, neste 2022, tão difícil para nós como sociedade. Apenas uma formação leitora, investimentos na educação e uma formação básica de qualidade poderá devolver a dignidade ao nosso povo tão carente de recursos, de consciência social e de sentimento de comunidade.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2008.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **A formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A formação do leitor**. Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 7ª ed. São Paulo: Global, 1987.

“VEM LER POESIA”: uma reflexão docente
sobre a imagem poética em sala de aula

Elisa Moraes Garcia

Este texto nasce da soma da experiência docente durante o Estágio Curricular de Literatura, em 2016, exigido para a obtenção da Licenciatura em Letras – Português e respectivas literaturas, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, e do olhar atual, 2020, em relação às minhas escolhas para o desenvolvimento do estágio e aos resultados – nunca acabados – dessas escolhas. A primeira e principal escolha foi a de desenvolvê-lo através do projeto “Vem ler”, existente desde 2009, antes mesmo do projeto “Socializando a leitura”, e integrante do programa “Socializando a leitura”, coordenado pelas professoras Adriana de Oliveira Gibbon e Mairim Linck Piva e pelo professor Artur Emílio Alarcon Vaz. Propus um curso para estudantes de 7º, 8º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Wanda Rocha Martins, no bairro Cassino, Rio Grande – RS, com o compromisso de mediar uma experiência mais orgânica e significativa de leitura, especialmente a leitura de poesia.

A principal motivação foi a vontade de dividir uma paixão, a poesia – ou a experiência do contato com a imagem poética – e seus desdobramentos, seus efeitos. A poesia é, de forma geral, um gênero literário distante do cotidiano da maioria dos jovens em idade escolar e, ainda hoje, quando aparece nas aulas, o foco restringe-se a questões como “O que o/a poeta quis dizer?”, “O que o texto ou o eu-lírico quis dizer?”, ou mesmo à identificação de metáforas e rimas, somente, além do uso recorrente como um pré-texto para o desenvolvimento de questões gramaticais.

É possível ir mais longe – mais que isso, é necessário ir além – no sentido de envolver os jovens leitores com quem se compartilha a leitura através da mediação, os alunos, realmente lhes proporcionando uma experiência significativa, com os

desdobramentos, os efeitos de entregar-se à poesia, transver¹, repensar e recriar o mundo através da experiência poética. Nesse sentido, Gaston Bachelard, na totalidade de sua obra, junto às contribuições de Octavio Paz, em *O arco e a lira* e Gilbert Durand, em *A imaginação simbólica*, principalmente, embasam a perspectiva de uma leitura que propõe a vivência da imagem poética, pelo devaneio, pela imaginação e sua potência criadora.

Essa perspectiva é uma postura frente à poesia, na qual o leitor ganha também o papel de criador, experimentando a autonomia na produção de sentidos. Assim, torna-se pertinente pensar a prática de mediação da leitura de poesia a partir do diálogo entre as teorias do Imaginário, mais especificamente dos autores citados, e aqueles que abordam e discutem os processos de ensino-aprendizagem, no âmbito da educação em geral e da literatura, de mediação de leitura e de produção de conhecimento dentro da sala de aula. Paulo Freire, Rildo Cosson e Lígia Chiappini Leite contribuem para a reflexão sobre o papel docente na formação de jovens leitores, de jovens pensadores e realizadores.

Nesta reflexão docente, direcionada não somente, mas especialmente aos profissionais das licenciaturas em Letras, formados ou em formação, compartilho, além de uma base teórica filosófica, os poemas e os demais recursos utilizados no desenvolvimento das aulas, como vídeos, imagens, história em quadrinhos e principalmente músicas. Chamo a atenção, também, para a riqueza do diálogo entre diferentes áreas, como a literatura e as artes, através da grata vivência de uma Oficina de Hip Hop, desenvolvida por artistas rio-grandinos – Dj. Magreen, Lara Dias Diaz e Thiago Madruga – em um dos encontros do projeto. A ideia da oficina teve como referência a Cooperifa, do poeta Sergio Vaz, em São Paulo, e os projetos desenvolvidos por André Dizéro, em Rio Grande, envolvendo educação e cultura Hip Hop.

A VIVÊNCIA DA IMAGEM POÉTICA ENQUANTO RESPOSTA AOS ENRIJECIMENTOS E POTÊNCIA DE CRIAÇÃO DE NOVAS REALIDADES

Em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire discorreu acerca do papel docente no que diz respeito ao significado de ensinar e tudo o que permeia tal verbo, enfatizando a importância de criar possibilidades para a construção, para a produção de conhecimento, numa perspectiva pela qual o mundo está

¹ Ideia presente em vários momentos da obra do poeta Manoel de Barros e dita nos seguintes versos: “A expressão reta não sonha/ Não use o traço acostumado [...] O olho vê,/ a lembrança revê,/ a imaginação transvê.// É preciso transver o mundo” (BARROS, 1996, p. 75).

sendo, está sempre sendo, ou seja, não é algo dado ou pronto a ser aprendido e/ ou analisado, mas criado, construído.

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p. 28)

Para Gaston Bachelard, “nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta” (BACHELARD, 2006, p. 1). Os estudos que compõem sua obra são comumente classificados em “face noturna”, voltada à arte poética, e “face diurna”, voltada à epistemologia e à história das ciências, problematizando a estabilidade de conceitos e chamando a atenção para a importância da abstração na produção de conhecimento.

Sua produção ancora-se no início do século XX, no contexto da revolução científica promovida pela Teoria da Relatividade, de Albert Einstein. O autor desenvolve suas pesquisas e proposições acerca da filosofia das ciências – a historicidade da epistemologia e a relatividade do objeto – em consonância com a novidade presente no pensamento de Einstein. O espírito científico proposto por Bachelard nasce da descontinuidade, da ruptura com o senso comum e, assim, o conhecimento ao longo da história não pode ser avaliado em termos de acúmulos e sim de rupturas, de reconfigurações. Em *A formação do espírito científico*, o autor apresenta o processo de reconstrução do saber científico, que segue, segundo ele, “a via natural do pensamento”, culminando na abstração (BACHELARD, 2006, p. 13). O filósofo aponta, no entanto, para uma tendência de geometrização das imagens, ou uma adequação ao que já existe, quando estas são substituídas por formas geométricas adequadas:

Não é de admirar que esta geometrização tão difícil e tão lenta apareça por muito tempo como conquista definitiva e suficiente para construir o sólido espírito científico, tal como se vê no século XIX. O homem apega-se àquilo que foi conquistado com esforço. Será necessário, porém, provar que essa geometrização é um estágio intermediário. (BACHELARD, 2006, p. 13-14)

Por muito tempo, aquilo estabelecido como conceito vem sendo pautado em um pensamento fechado e enrijecido, construído com base no positivismo, sem admitir a via da abstração como via de produção de conhecimento. O autor desenvolve um movimento que relaciona três estados do espírito (*concreto*, *concreto-abstrato* e *abstrato*) a três estados da alma (*alma pueril* ou *mundana*, *alma professoral* e *alma com dificuldades para abstrair e chegar à quinta-essência*) (BACHELARD, 2006, p. 14-16).

Os estados do espírito estão diretamente relacionados aos estados de alma. Passividade e aceitação acerca da primeira experiência do mundo externo são aspectos comuns entre o *estado concreto* e a *alma pueril ou mundana*. A partir dessa primeira experiência do externo, há a sua representação, como resultado da compreensão dogmática, mantendo-se no limite de uma espécie de reprodução dedutiva; esse aspecto une o *estado concreto-abstrato* à *alma professoral*. O *estado abstrato* e a *alma com dificuldades para abstrair e chegar à quinta-essência*, por sua vez, são, juntos, um exercício de liberdade e, com o desprendimento em relação à solidez do objeto no mundo, ultrapassando sua representação dentro dos limites do conhecimento já produzido, nasce a potência de gerar o novo conhecimento.

Ao acessar o terceiro momento, a mente ultrapassa os obstáculos epistemológicos apontados por Bachelard como causas de inércia, estagnação e até regressão do processo: a realidade, uma vez que “diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber” (BACHELARD, 2006, p. 20), e o senso comum, pois “a experiência comum não é de fato *construída*; quando muito, é feita de observações justapostas” (BACHELARD, 2006, p. 17).

Em contato com as teorias relacionadas ao Imaginário, predominantemente a face noturna de Gaston Bachelard, encontrei uma forma de olhar para a poesia que vai ao encontro de como entendo o processo de construção de sentidos em textos poéticos, principalmente pela pluralidade desses sentidos a partir da linguagem simbólica, isto é, pela potência criadora desta (GARCIA, 2019). Gilbert Durand, tendo como sua base, dentre outros, Bachelard, organiza de forma didática concepções acerca da leitura de símbolos, através do exercício imaginativo, em *A imaginação simbólica*, onde aborda as formas de representação do mundo através da consciência, direta e indiretamente. É compreendida como direta a representação que se dá pela ordem do sensível, pela percepção, e indireta aquela desenvolvida pela ordem da imaginação, pela memória. A memória atua por um processo no qual “o objeto ausente é re-presentado na consciência por uma imagem” (DURAND, 2000, p. 7), no sentido de ser transportado novamente ao presente, isto é, “re-presentificado” pelo movimento da imaginação. Seguindo ainda o pensamento do autor,

a consciência dispõe de diferentes graus de imagem [...], cujos dois extremos seriam constituídos pela adequação total, a presença perceptiva, ou pela inadequação mais extrema, isto é, um signo eternamente viúvo de significado, e veríamos que este signo longínquo não é mais do que o símbolo. (DURAND, 2000, p. 8)

Minha prática enquanto mediadora da leitura poética foi e é cada vez mais

fundamentada num horizonte de análise que demanda o transcender daquilo que é sensível, perceptível, isto é, que necessita da transfiguração sucessiva das imagens poéticas, realmente criando processos consecutivos e intermináveis de significação, ao fim dos quais se chega à revelação poética, ou epifania, como Durand denomina. Esse resultado é tão reconfigurável quanto as imagens iniciais do movimento, ou aquelas responsáveis por sua força criativa inicial.

A revelação apresenta-se ao fim do processo de transfiguração simbólica, no qual “o símbolo é recondução do sensível, do figurado, ao significado, mas também é, pela própria natureza do significado inacessível, epifania, isto é, aparição, através do e no significante, do indizível” (DURAND, 2000, p. 11). O significado no signo simbólico é preenchido indefinidamente por sua inadequação fundamental, ou seja, sua incapacidade de atingir o estado de objeto perceptível. Ele transborda do universo sensível para se manifestar na repetição incansável do ato epifânico.

O processo simbólico de transfigurações e ressignificações que culmina na epifania, explicado por Durand, é, para Bachelard, o devaneio poético. Em suas palavras, “o devaneio nos põe em estado de alma nascente” (BACHELARD, 2006, p. 15), ele “reanima o mundo das primeiras palavras” (BACHELARD, 2006, p. 180), sendo o poeta responsável por dar ao objeto “o seu duplo imaginário, o seu duplo idealizado. Esse duplo idealizado é imediatamente idealizante” (BACHELARD, 2006, p. 168). O símbolo transcende os sentidos já conhecidos, pertencentes ao domínio semântico e também para além deste, de um objeto, tornando-se imediatamente idealizante, ou, proponho dizer, “criante”. Ele ativa imediatamente a imaginação criadora, a qual acontece em estado de introspecção e entrega à poesia, ou de alma nascente, como menciona Bachelard.

O devaneio poético pode ser entendido como o efeito vivenciado pelo leitor de poesia, também um criador, pois, como o autor menciona, há a intenção de “dar a todo leitor de poemas uma consciência de poeta” (BACHELARD, 2006, p. 16). Através do devaneio poético, do devaneio acordado, consciente, quem lê encontra-se com seu eu singular e interior, despido das convenções do eu social. Por intermédio do poema, experimenta o encantamento, a inquietação, num movimento guiado pela imaginação, de forma a criar ou a recriar a si mesmo e o mundo, a partir do poema: “O devaneio ‘poetiza’ o sonhador”² (BACHELARD, 2006, p. 16).

² Sempre que ele menciona “sonhador”, relacionando-o ao devaneio, faz referência ao sonho acordado e consciente, o devaneio poético. Isso fica esclarecido na introdução de *A poética do devaneio*.

Compreendido na inquietação desencadeada pelo devaneio poético de Bachelard, está o assombro, descrito por Octavio Paz ao falar sobre o estado poético, realizado na experiência de ser outro. Em suas palavras:

Não é uma presença natural. É outro. Está habitado pelo Outro. A experiência do sobrenatural é experiência do Outro. [...] Em sua forma mais pura e original, a experiência da “outridade” é estranheza, estupefação, paralisia do ânimo: assombro. [...] O mistério – isto é, a “inacessibilidade absoluta” – não é senão a expressão da “outridade”, esse Outro que se apresenta como algo que não é como nós, um ser que é também um não ser. E a primeira coisa que sua presença desperta é a estupefação. [...] É um rosto no qual afloram todas as profundidades, uma presença que mostra o verso e o reverso do ser. (PAZ, 1982, p. 155-156)

A experiência da “outridade” é o vivenciar do sobrenatural do próprio eu, é apreender o mundo “num ato de participação irreduzível ao raciocínio lógico” (PAZ, 1982, p. 144-145), a partir da poesia. Ao desenvolver a ideia de revelação poética, Octavio Paz aborda o assunto através de exemplos da cultura oriental e menciona a experiência de acesso à “outra margem”. Ele apresenta essa experiência central do budismo pelas palavras de Hui-neng, chinês do século VII:

Aderir ao mundo objetivo é aderir ao ciclo do viver e do morrer, que são como ondas que se levantam no mar; a isso se chama: esta margem... Ao nos desprendermos do mundo objetivo, não há morte nem vida, e ficamos como água correndo incessantemente; a isso se chama: a outra margem. (PAZ, 1982, p. 147)

A essa vivência ele dá o nome, também, de “salto mortal” e explica que nela está subentendida “uma mudança de natureza – é um morrer e um nascer. Mas a ‘outra margem’ está em nós mesmos” (PAZ, 1982, p. 148). Acessar à “outra margem” é, portanto, vivenciar a revelação poética, a epifania, pelo devaneio poético. É esse o caminho incessantemente percorrido na experiência da leitura de poesia.

O leitor é um sonhador de imagens poéticas e, segundo Gaston Bachelard, um criador da linguagem. O teórico faz a diferenciação entre devaneio e sonho, que em francês possuem o mesmo radical, diferenciando-se pela regência do feminino – devaneio ‘*rêveries*’ e do masculino – sonho ‘*rêves*’. Ao contrário do sonho noturno, o devaneio é o sonho acordado, no qual a consciência tem papel atuante no trabalho com a linguagem poética, ou seja, é “quando a consciência imaginante cria e vive a imagem poética”, ato de “aumentar a linguagem, valorizar a linguagem, amar a linguagem” (BACHELARD, 2006, p. 5). Segundo ele,

Reanimar uma linguagem criando novas imagens, esta é a função da literatura e da poesia. [...] A imagem literária nos dá a experiência de uma criação de linguagem. Se examinamos uma imagem literária com uma consciência de linguagem, recebemos

dela um dinamismo novo. Portanto, acreditamos ter a possibilidade, no simples exame das imagens literárias, de descobrir uma ação eminente da imaginação. (BACHELARD, 2001, p. 5)

Trabalhar com literatura é instigante e lidar especificamente com o texto poético é desafiador, não raro a poesia é julgada difícil, ininteligível. Realmente ela é capaz de colocar o leitor em puro estado de inquietação, sem respostas, em um susto poético. Isso ocorre porque “o engajamento do ser imaginante é tal que ele deixa de ser simplesmente o sujeito do verbo adaptar-se. [...] a função do *irreal* vem arrebatá-lo ou inquietá-lo – sempre despertar – o ser adormecido nos seus automatismos” (BACHELARD, 1993, p. 18). A poesia não aceita a apatia, vivenciá-la faz despertar e, por sua vez, o despertar exige mais do que adaptação. Exige e motiva, acrescenta, mais do que interpretação ou compreensão, pois ler poesia e apreender o mundo através dela é, para além de compreendê-lo, criá-lo através da imaginação.

POESIA NA ESCOLA: LEITURA, MEDIAÇÃO, DIÁLOGOS E POSSIBILIDADES

Abordando o tema da leitura em diferentes momentos da formação escolar, Rildo Cosson aponta para um consenso, o de que a formação do leitor “passa necessariamente pela fruição do texto literário como uma das atividades centrais na criação e na manutenção do hábito e do gosto pela leitura”. Apresenta, também, uma constatação, infelizmente identificada na maioria das escolas: “as crianças costumam reagir positivamente à leitura ilustrada, mas a passagem para a leitura aplicada simplesmente não obtém o mesmo sucesso” (COSSON, 2015, p. 165). A leitura ilustrada, nesse contexto, é aquela desenvolvida no Ensino Fundamental I, por profissionais da Pedagogia, cujo propósito principal é o prazer, é incentivar o movimento imaginativo no contato com o livro, o qual, na maioria dos casos, contém a linguagem verbal e a não verbal contribuindo juntas para a produção de sentidos. A leitura aplicada, conforme o autor menciona, é desenvolvida no segundo ciclo do Ensino Fundamental e caracteriza-se pelo uso do texto literário como base para se desenvolver saberes ligados às regras da língua portuguesa, ou seja, a leitura literária, seja prosaica ou poética, acaba ocupando uma mera função auxiliar na disciplina de língua portuguesa.

A experiência do mergulho na leitura deixa de existir de uma etapa para outra, e é desolador que isso aconteça justamente pela prática docente de profissionais de Letras, teoricamente formados para mediar leitura literária tanto nas aulas de Língua Portuguesa, no caso do Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, quando se tem a disciplina de

Literatura. Nesse caso, que não é o foco aqui, mas é importante dizer, a vivência da leitura também não acontece em sua inteireza, pois em muitos casos ela passa a ter o objetivo de classificações, em períodos e escolas literárias.

O resultado dessa falta aparece na dificuldade dos alunos em desenvolverem produções textuais, ideias escritas e mesmo de compreenderem as regras gramaticais, pois se não há base para construção, não há produção, experimentação, e/ou envolvimento com as regras, indispensáveis para o desenvolvimento da produção. Não há como separar leitura, produção textual e saberes gramaticais no processo de aprendizagem, e a leitura, especialmente aquela simbólica, que ativa a imaginação criadora, precisa ter o papel principal, pois desperta nos alunos a vontade de mostrar, desenvolver suas ideias, naturalmente nascidas, criadas no processo.

Assim, chegamos a outro consenso, os professores de línguas e literaturas são, em tese, mediadores de leitura. Na prática, como isso funciona? Qual sua postura frente ao texto literário, simbólico, poético? Como se dá sua própria experiência enquanto, obrigatoriamente, leitor? Não tenho a intenção de responder a essas questões em relação a outros profissionais, mas em função delas, decidi compartilhar mais do que uma experiência, também uma reflexão teórica que mostra minha postura enquanto professora e mediadora de leitura poética, direcionada não só, mas especialmente aos profissionais de Letras, formados ou em formação.

Um das proposições dadas por Cosson é a expansão da leitura ilustrada para o Ensino Fundamental, com foco na fruição e no prazer, tendo práticas pedagógicas e objetivos bem definidos, que não podem ser confundidos pelo professor mediador com o ato de ensinar conteúdos e nem como uma atividade de lazer, simplesmente. (COSSON, 2015). Para o autor,

assim como é preciso superar a dicotomia da divisão ente leitura ilustrada e leitura aplicada em favor da presença de ambas na formação do leitor, também é preciso que se supere a oposição entre ensinar e mediar em favor da aprendizagem da leitura literária. Só assim [...] teremos um professor que ao ser mediador ensina e ao ser professor media, desenvolvendo a competência literária de seus alunos dentro de uma comunidade de leitores que elabora, recria, debate, enfrenta, questiona, adota, refunde e inventa na sala de aula e na escola os modos de ser e estar no mundo. (COSSON, 2015, p. 169-170)

O trabalho com o texto poético é uma forma de também entrar em contato com o universo das imagens, não através de desenhos, como é o mais comum na leitura ilustrada à qual Cosson faz referência, mas pelo jogo linguístico articulado nos poemas, que envolve metáforas, ritmo, através dos quais o leitor é levado às imagens. Imagens que se formam pelo trabalho minucioso com as palavras e só aparecem na imaginação de

quem lê. Há um mergulho que ultrapassa a leitura mais superficial, somente focada em métrica, rima e identificação de metáforas, indo, através do ritmo, ao encontro dos símbolos, que são por si fonte inesgotável de significação, de criação.

Gaston Bachelard demonstra esse movimento desenvolvendo as ideias de imaginação formal e imaginação material. Segundo ele, há na mente humana duas linhas de forças imaginantes diferentes:

Um grupo encontra seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, como o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever. Na natureza, longe de nós, já vivas, elas produzem flores.

As outras forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam época e história. Na natureza, em nós e fora de nós, elas produzem germes; germes em que a forma está encravada numa substância, em que a forma é interna. (BACHELARD, 2002, p. 1)

Dessas forças imaginantes originam-se, respectivamente, a imaginação formal e a imaginação material. A primeira, formal, a qual Bachelard relaciona ao florescimento, pode ser compreendida como aquilo que é ativado na mente no primeiro olhar para o texto poético, responsável pelo deslumbramento inicial da leitura, sendo mesmo a novidade na forma expressa pela linguagem que proporciona tal sensação. No momento de aprofundamento dessa leitura, há a transcendência do sensível, tornando-se possível chegar ao germe, do qual o teórico fala. O germe consiste na substância, ou matéria, que rege a forma de onde ela se origina. Essa matéria não é algo pronto e acabado à qual se tem acesso para poder proceder a análises poéticas, mas sim a própria força criadora presente no ser, no eu, e à qual este se conecta através da criação poética, em um processo simbólico. (GARCIA, 2019).

Sobre o ritmo, Octavio Paz afirma que não pode ser reduzido a esquemas de métrica e rima, pois ele “não é medida, mas tempo original” (PAZ, 1982, p. 69). Assim, o ritmo não interfere no sentido ou vice-versa, o sentido é ritmo e o ritmo é sentido. Segundo ele,

o ritmo provoca uma expectativa, suscita um anelo. Se é interrompido, sentimos um choque. Algo se rompeu. Se continua, esperamos alguma coisa que não conseguimos nomear. [...] Sentimos que o ritmo é um “ir em direção a” alguma coisa [...] Todo ritmo é sentido de algo. Assim, o ritmo não é exclusivamente uma medida vazia de conteúdo, mas uma direção, um sentido. (PAZ, 1982, p. 68 - 69)

O planejamento das atividades desenvolvidas no projeto/estágio partiu dessa perspectiva de olhar para o texto poético e suas imagens, contando com poetas e poemas diversos, assim como outros recursos, especialmente, a música. Não somente por ela ser próxima dos estudantes, no sentido de cotidiano, mas por, além disso, proporcionar um

estado muito semelhante ao estado poético, no sentido de mergulho em si mesmo e ativação da potência criadora, pelo ritmo, do qual não se separa a letra. Tanto é que muitos processos criativos têm início quando estamos imersos na experiência musical, seja ela qual for, a depender da cultura, das vivências e das preferências de cada um.

A escolha dos diversos materiais, embora pessoal, pretendeu ser aberta e múltipla em relação a poetas canônicos e não canônicos; poemas com e sem métrica e rimas; diferentes épocas e contextos de produção; músicas de diferentes estilos. Tudo foi organizado dentro de temáticas, conforme quadro a seguir.

QUADRO 1 – Proposta temática, poemas, músicas e demais recursos

| Proposta temática | Poemas | Músicas e demais recursos |
|--|---|--|
| Apresentação: conhecendo os alunos e suas leituras | | |
| O que é poesia? O que cabe em um poema? | “Não há vagas”, Ferreira Gullar. | música “Rap do Silva”, Bob Rum; HQ “A Música dos excluídos”, José Luís Salvador. |
| Poesia e arte nas periferias | “A vida é loka”, “Ao mestre, a flor”, “Revolucionário”, “Pé-de-pato” e “Meu coração é cheio de pássaros”, Sérgio Vaz. | Vídeo com entrevista do cantor Criolo ao ator Lázaro Ramos, no programa <i>Espelho</i> ; Vídeo “Rimas e Melodias – Cypher”; Vídeo “A Vida é Loka”, Sérgio Vaz. |
| O Amor e suas diferentes faces | “Fanatismo”, Florbela Espanca; “Soneto de felicidade”, Vinícius de Moraes; “O amor”, Manoel de Barros” | Música “Não existe amor em SP”, Criolo. |
| Oficina de Hip Hop | <i>Pacote Poético</i> , fanzine organizado por Thiago Madruga, especialmente para a oficina, contendo poemas e letras de Rap de diversos autores. | Presença de MC Lara Dias Diaz, MC Thiago Madruga, e DJ Magren, de Rio Grande. |
| Trabalho de pesquisa: entrando em contato com livros de poesia | Livros diversos de poesia | |
| Poesia, tempo, vida e morte: devaneios sobre inícios e fins | “Quanto tempo falta pra gente se ver...”, Bruna Beber; “O tempo”, Maria Teresa Horta; “Porém”, Sérgio Vaz. | Música “Epitáfio”, Titãs; Vídeo “Porém”, Sérgio Vaz. Imagem do filme <i>Alice através do espelho</i> . |

| | | |
|---|---------------------------|--|
| Apresentação dos trabalhos de pesquisa | | |
| Finalização com Sarau Poético: “Ser vida loka é...” | Livros diversos de poesia | Materiais para confecção de cartazes completando a ideia presente no poema de Sergio Vaz, “ser vida loka é...”, relacionando a outros poemas, músicas e vivências pessoais e/ou coletivas. |

FONTE: autora (2020)

O quadro serve como sugestão de materiais e de articulação entre eles, cujos desenvolvimentos e cujas análises cabem a cada profissional, tendo em vista seu público. Das atividades desenvolvidas, destaco algumas. A conversa inicial, momento de ouvir os estudantes sobre suas preferências em relação à arte em geral, leituras, músicas e o que mais tivessem vontade de compartilhar, a fim de conhecê-los, podendo o planejamento inicial ser repensado em função disso.

O trabalho orientado de pesquisa com obras de poesia, possibilitando uma experiência particular e única, mas ao mesmo tempo em conjunto com a turma e comigo, de contato com os livros físicos, autores e poemas diversos, em que os alunos puderam descobrir o que mais lhes tocava e quais as relações de sentido possíveis com suas vivências e com outras formas de arte e, então, apresentá-las, junto ao poema escolhido. Essa atividade foi muito gratificante, pois gerou muita reflexão, além de incentivar a criatividade, tanto que tivemos criações poéticas autorais, principalmente dos alunos mais tímidos.

Por fim, a oficina de Hip Hop, oportunidade muito rica de trabalho interdisciplinar e intercultural, cujos resultados positivos nascem na sala de aula, multiplicando-se pela vida afora. A ideia da oficina nasceu da admiração que, particularmente, tenho pelo projeto Cooperifa, do poeta Sérgio Vaz, trabalhado em alguns momentos do estágio, conforme mostra o quadro 1, e sobre o qual seu idealizador disse na ocasião de uma matéria escrita pela jornalista Gisele Alexandre para a revista Mural, da Agência Mural de Jornalismo das Periferias: “Não escrevemos para pessoas, escrevemos com elas” (VAZ, 2018). A matéria conta sobre como nasceu a Cooperativa Cultural da Periferia:

Em 2007, os poetas Sérgio Vaz, 54, e Marco Pezão, 67, atuantes nas periferias da zona sul de São Paulo queriam fazer algo diferente para ampliar a divulgação de artistas do bairro e descentralizar o acesso à cultura: criar uma Semana de Arte Moderna da Periferia. A referência era o movimento realizado

na década 1920 e que marca a história de São Paulo pelo chamado modernismo brasileiro. Foi assim que nasceu a Mostra Cultural da Cooperifa. (Cooperativa Cultural da Periferia). (ALEXANDRE, 2018)

Desde então o projeto cresceu, em 2019 produziu a 12ª mostra cultural, e hoje a Cooperifa é referência quando se fala em arte, educação e cultura na periferia. Semanalmente, acontece o sarau poético no bar do Zé Batidão, na periferia da cidade de São Paulo, do qual tive a enorme felicidade de participar, como ouvinte emocionada, no ano de 2018. Cinema na laje, Chuva de livros, Várzea poética, Poesia no ar, Ajoelhaço, Natal com livros, Canja poética, Sarau na escola, além da Mostra cultural, são algumas das intervenções realizadas pelo projeto. No *site* da Cooperifa, encontra-se: “O sarau da Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade” (COOPERIFA).

Convergindo com as práticas voltadas à arte, à educação e à cultura na periferia, a Cidade do Rio Grande, RS, conta com importantes projetos desenvolvidos por André Dizéro, artista rio-grandino, formado em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e Mestre em Artes Visuais, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Dizéro é conhecido por fazer parte do grupo de rap Dirth South, desde 2007, e fez do rap seu objeto de estudo e de intervenção, articulando pesquisa acadêmica e projetos culturais em diferentes espaços, dentre eles escolas públicas da cidade, aonde ele leva as oficinas de Hip Hop, motivo pelo qual destaco aqui a relevância de seu trabalho. Em entrevista concedida a Chay Cadaval para a revista virtual Arte no Sul, Dizéro menciona que por desejo dos alunos e dos professores as oficinas acontecem a convite das escolas, de forma gratuita, e também por contratos, como os firmados com o SESC e com a Prefeitura Municipal. O artista explica também a metodologia, desenvolvida em três partes:

A primeira é a parte histórica. A apresentação da história do hip hop, das referências, de como que o hip hop vem dos Estados Unidos pro Brasil, como que ele chega a Rio Grande. Nesse meio tempo eu apresento referências dos Estados Unidos, do Brasil e, também, da nossa cidade. Eu acho importante falar um pouco dos artistas daqui. Porque eles fazem parte desse movimento hip hop. Então, a primeira parte fica mais na questão histórica, filosófica. Eu contextualizo muito do momento político quando o hip hop nasce, o que estava acontecendo na sociedade, porque que o hip hop foi criado, como ele se desenvolveu.

Na segunda parte, já que na história do hip hop eu passo pelo rap, pelo DJ, pela dança e pelo grafite, eu explico o surgimento desses quatro elementos. E eu acabo

mostrando referências, mostro diferentes formas de rap, diferentes subgêneros que existem no rap. A gente constrói rimas, mostrando como se faz no papel mesmo. Então a galera acaba criando versos de uma forma mais criativa, mais poética, no caderno.

Na terceira parte, com esses versos que criam, eles acabam recitando. Então é a parte de quebrar todo gelo, quebrar toda vergonha, e levantar a autoestima. [...] Também é a parte da apresentação. Quando eles fazem uma rima, a gente faz uma roda onde todos acabam recitando em forma de poema. E isso é muito da hora, porque eles acabam desconstruindo toda essa baixa autoestima que acaba tendo nas escolas de periferia. É uma forma de resgatar a importância deles. (DIZÉRO, 2019)

Além disso, Dizéro diz que quando há investimento financeiro, através de contrato, leva consigo um Dj da cidade e/ ou um grafiteiro, o que proporciona a experiência de práticas artísticas com múltiplos elementos. O projeto de oficinas teve em 2020, segundo seu idealizador, em média, quinhentos alunos foram atendidos, em aproximadamente vinte escolas. Em 2017, foi premiado pelo Ministério da Cultura, quando o projeto “Hip Hop e Educação” foi destaque também pela Incubadora Cultura Viva, da FURG.

Quando perguntado sobre uma palavra representativa do movimento Hip Hop, ele diz que “o mundo depois do hip hop é um mundo que existe através da ótica do hip hop. Então, uma palavra pra representar o hip hop: reinvenção” (DIZÉRO, 2019). O rap, um dos elementos da cultura Hip Hop, tem uma forma poética de expressão, não só pelas rimas, insisto, mas por colocar seu leitor/ ouvinte em contato com imagens feitas de palavras, sem muitas explicações ou conduções, ele também produz o efeito de susto poético, de assombro, de estupefação, gerando um processo simbólico de transfigurações e ressignificações.

Na ocasião, Dizéro foi convidado para realizar a oficina, mas não pode estar presente em função de outros compromissos, o que não foi um problema, pois como ele mesmo fala, sempre que é possível leva consigo outros artistas engajados com as propostas envolvendo arte, educação e cultura Hip Hop, ou seja, a cidade conta com muitos talentos. A oficina aconteceu, protagonizada por três artistas rio-grandinos, Dj MaGreen, Lara Dias Diaz e Thiago Madruga, junto com os alunos, enquanto me detive à mediação, uma ouvinte atenta e encantada.

A Lara, MC sempre presente na Batalha de rima da Xavier³, em Rio Grande, falou sobre o espaço das mulheres na cultura Hip Hop, mostrando vídeos, a partir dos quais

³ Para compreender um pouco sobre a vivência na batalha de rima, segue um vídeo com a participação da Lara na Batalha da Xavier e outro de quando o evento foi realizado na Fearg (Rio Grande, 2017), respectivamente: www.youtube.com/watch?v=YnEVHw9FmUI e www.youtube.com/watch?v=61rUH1eF0Xw.

contou um pouco da história, desde a primeira MC brasileira até a atualidade. O Thiago⁴ desenvolveu um fanzine, presenteando a todos nós com uma seleção de diversos autores marginais, entre letras de rap e poemas. Falou sobre a questão da representatividade negra, ancestralidade e seus símbolos. Ele pediu que cada um de nós escolhesse um dos textos para ler e, a partir da leitura, conversarmos, foi dinâmico e muito interessante. O Dj Magreen⁵, artista de destaque na cena cultural rio-grandina, conhecido e admirado pelos estudantes, participou contribuindo com os demais no que diz respeito, principalmente, à arte da música em toca discos na cultura Hip Hop.

Essa foi uma das vivências mais enriquecedoras e gratificantes, principalmente porque os alunos por iniciativa própria mencionaram poemas e músicas trabalhados em encontros anteriores, fazendo relações e contribuindo com as falas dosicineiros, ou seja, ficou visível o resultado de um planejamento pensado com o objetivo de oferecer condições para a criação de conhecimento originado na leitura poética. Os alunos mostraram propriedade sobre o que diziam, tinham base e, além disso, produziram suas próprias iniciativas para as questões colocadas na conversa. Para mim, foi e ainda é emocionante, anos se passaram e ao longo deles fui descobrindo, através de mensagem, comentários, pedidos de sugestão de leituras e, até, através de poemas que recebi como presente surpresa, que não foi assim só para mim, mas para os alunos e os artistas convidados também. Por isso eu falei em resultados nunca acabados, lá no início do texto. Isso reafirma a riqueza dos diálogos entre diferentes saberes, culturas, a caminho da criação de novos conhecimentos e da reinvenção de cada indivíduo, da coletividade e do mundo.

Considerações finais

Para concluir, trago novamente questões mencionadas no início deste texto, cotidianamente presentes nas salas de aula quando a proposta de trabalho envolve poesia: “O que o/a poeta quis dizer?”, “O que o texto ou o eu-lírico quis dizer?”, somadas à prática simplificadora de identificação de rimas e de metáforas, as quais acabam sendo retiradas de seu todo de sentido, o poema, e descritas, explicadas, interpretadas

⁴ Thiago Madruga é um artista multimídia, com prática em intervenções urbanas, com interesse em arte contemporânea, arte urbana, arte ativista e história e cultura afro-brasileira. É graduado em Artes Visuais – Bacharelado, com ênfase em Poéticas Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPEL).

⁵ O trabalho do Dj Magreen pode ser conhecido através das mídias digitais, redes sociais: @deejaymagreen, @bemblackdjs e @agulhanabolacha (Instagram), Dj MaGreen (Facebook) e DJ MAGREEN (YouTube).

sozinhas, num horizonte de leitura baseado, muitas vezes, no senso comum, dentro de explicações já existentes, já postas.

Manoel de Barros, em *Só dez por cento é mentira*⁶: a desbiografia poética de Manoel de Barros, filme de Pedro Cezar (2009), afirma que poesia é “uma coisa que a gente não descreve, a gente descobre”, através da “artesanía”, da “armação de palavras com um canto (um gorjeio) dentro”. É por essa artesanía que somos levados às imagens, as quais, para o poeta mais menino – que diz ter somente infâncias, três infâncias – são “palavras que nos faltaram” (BARROS, 2009).

Por essa perspectiva, não há espaço para “o que o autor quis dizer” e nem mesmo para “o que o eu-lírico quis dizer”, pois a questão vai além do ultrapassar da barreira autor/eu-lírico, muito semelhante à barreira autor/narrador, no caso da prosa. O foco é compreender que a poesia não quer dizer, e mais do que dizer, ela mostra, ela apresenta, por meio de imagens às quais o leitor acessa quando se deixa levar pelo devaneio poético, pela sua imaginação, dando origem a novas imagens. O papel do professor, então, é de mediar o mergulho nas imagens poéticas. A partir daí, interessa que os jovens leitores consigam estabelecer relações de sentidos dessas imagens com suas vivências pessoais ou coletivas, descobrindo quais ideias nascem desse processo. A prática de escrita dessas ideias merece ser incentivada e precisa ser, também, mediada pelo saber profissional do professor.

Sobre o papel do professor mediador de leitura, Lígia Chiappini Leite disse, há décadas, algo pertinente e que gera uma reflexão importante ainda hoje. Segundo ela, “nosso papel é muito simples e, ao mesmo tempo, porque estamos professoralmente viciados, muito difícil”, é um papel que demanda algo muito sutil e igualmente potente, “uma presença meio ausente, e, no entanto, atuante: um apagar-se da figura de mestre que, muito embora, conduz o jogo, exerce uma condução que se deixa conduzir” (LEITE, 1983, p. 113).

A experiência da imagem poética envolve o ato de voltar-se ingenuamente para as coisas, no sentido de que nos leva a acessar um espaço em nós que reúne todas as possibilidades, onde repousa nosso ser da criação. Os jovens em idade escolar, em geral, têm essa capacidade ainda muito potente, pois os enrijecimentos dogmáticos não são tantos, e cabe, neste caso, ao professor mediar esse movimento. Isso exige preparação, planejamento e capacitação para abrir espaço e conduzir as práticas por uma perspectiva que tem a liberdade como princípio.

⁶ Manoel completa a ideia do título, dizendo que o resto é invenção e que tudo aquilo que ele não inventa é falso.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Gisele. “Não escrevemos para as pessoas, com elas”, diz Sergio Vaz sobre a Cooperifa. **Mural**, nov. 2018. Disponível em: www.agenciamural.org.br/nao-escrevemos-para-pessoas-escrevemos-com-elas-diz-sergio-vaz-sobre-cooperifa/. Acesso em: 20 maio 2023.
- ALT NISS; DJ MAYRA; DRIK BARBOSA; KAROL DE SOUZA; STEFANIE; TATIANA BISPO; TÁSSIA REIS. **Rimas e Melodias – Cypher**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=fGijK9-PsZk. Acesso em: 20 mar. 2022.
- BARROS, Manoel. **Biblioteca Manoel de Barros**. São Paulo: Leya, 2013.
- BEBER, Bruna. **Bruna Beber**. Disponível em: www.facebook.com/bruna.beber?fref=ts. Acesso em: 5 jan. 2016.
- BOB RUM. **Rap do Silva**. Disponível em: www.vagalume.com.br/bob-rum/rap-do-silva.html#ixzz3V9D1xVlx. Acesso em: 22 mar. 2022.
- COSSON, Rildo. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CRIOLO. **Entrevista com Lázaro Ramos inspira música de Criolo**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=eP86LuPwUYk. Acesso em: 20 mar. 2022.
- DIZÉRO, André. Hip Hop em ação: uma entrevista com André Dizéro. Entrevista concedida a Chay Cadaval. **Arte no sul**. Pelotas: UFPEL, 9 de out. de 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2019/10/09/hip-hop-em-acao-uma-entrevista-com-andre-dizero/>. Acesso em: 19 maio 2023.
- GARCIA, Elisa Moraes. **O voo a caminho das águas uterinas: uma leitura da origem do feminino alado na relação entre *Os anjos e Minha mãe, meu amor*, de Maria Teresa Horta**. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, FURG. Rio Grande, 2019.
- GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz: poesia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- HORTA, Maria Teresa. **Poesia reunida**. Lisboa: Dom Quixote, 2009.
- LEITE, Ligia M. Chiappini. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- SALVADOR, José Luis. Música dos excluídos; in **Plataforma HQ – nº02/ano 01 – Rio Grande: [s. n.]**, 2014.
- SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA: a desbiografia poética de Manoel de Barros. Direção e roteiro: Pedro Cezar. Produtora: Artesanato Eletrônico. Produção Executiva: Pedro Cezar, Kátia Adler e Marcio Paes. Direção de Fotografia: Stefan Hess. Montagem: Julio Adler e Pedro Cezar. Direção

de Arte: Marcio Paes. Música: Marcos Kuzca. Brasil, 2009. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0. Acesso em: 20 maio 2023.

VAZ, Sérgio. **A vida é loka**. Disponível: www.youtube.com/watch?v=d8M1HZd032. Acesso em: 15 mar. 2023.

VAZ, Sérgio. **Encontros Poéticos – Sérgio Vaz (teaser)**. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=V3ST576IY8A. Acesso em: 5 mar. 2023.

VAZ, Sérgio. **Poeta Sérgio Vaz**. Disponível em: www.facebook.com/poetasergio.vaz2/?fref=ts.
Acesso em: 23 maio 2023.

LEITURA DE CONTOS: uma experiência de mediação na universidade

Fernanda Gonçalves Vieira
Thalena Evangelista Santos

As experiências relatadas neste espaço referem-se à aplicação de um curso de extensão, “O estudo do conto”, oferecido na Universidade Federal do Rio Grande, em 2016, como uma vertente do projeto “Vem ler”, na intenção de formar leitores dentro das escolas de ensinos fundamental e médio, mas também entre graduandos de qualquer curso universitário. Assim, o objetivo era incentivar a leitura de narrativas curtas, com base em uma abordagem do gênero que enfocasse em algo além de características como, por exemplo, o número reduzido de personagens e ambientes e a extensão menor da narrativa se comparada a outras obras em prosa, como o romance, traços que, se vistos como única forma de pensar o conto, podem ser limitadores na interpretação do texto literário.

A primeira parte deste relato sintetiza os pressupostos que nos guiaram na mediação de leitura dos contos do programa, as reflexões teóricas de Julio Cortázar (1974) e Ricardo Piglia (1999) que propõem pensar a narrativa curta em sua potencialidade de extravasar os limites da história que conta, contendo, nas entrelinhas, uma referência à vida. A partir disso, posteriormente, relatamos a experiência de leitura de duas narrativas, “O espectro”, de Horacio Quiroga, e “A morta”, de Guy de Maupassant, demonstrando os objetivos da leitura e os meios utilizados para atingi-los. E, para o fechamento, discorreremos sobre o que logramos com o projeto de estudo de contos no que se refere à leitura dos textos, bem como sobre a contribuição dessa experiência para nossa formação.

A VIDA SINTETIZADA: APONTAMENTOS SOBRE O CONTO

As seguintes reflexões foram fundamentais para o desenvolvimento de nosso trabalho no curso, pois, embora dispensássemos a abordagem de aspectos teóricos

durante os encontros de leitura para focar no texto literário, o exercício não se deu sem esse tipo de embasamento. Para iniciar, parece-nos importante a definição do conto dada por Julio Cortázar (1974), o conto é “uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada” (p. 150). Para o crítico, assim como o fotógrafo, o contista limita sua produção artística para que seja significativa, para que configure, naqueles que a apreciam, uma abertura para algo que está além daquilo que é mostrado.

Ao longo do curso, buscamos assinalar que o texto literário não está desvinculado de situações perceptíveis no cotidiano de muitas pessoas, nem mesmo está desvinculado de outras produções artísticas como a música, o cinema, a fotografia, o desenho. Assim, concordando com Cortázar, propúnhamos as leituras dos contos visando salientar essas relações e com o intuito de aproximar os participantes aos textos, mostrando-lhes que a Literatura trata de temas próximos a nós.

O próprio Cortázar assinala que um bom tema é excepcional, característica que o escritor argentino compara a um ímã que “atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias” (p. 154). A partir disso, aponta, a significação é construída pelo contista através de um trabalho verbal e estilístico do tema e na estruturação do texto, podendo, inclusive, ser projetada para fora de seus próprios limites.

No entanto, para extrapolar a si mesmo, aponta Cortázar, é necessário que o conto possua uma intensidade que “consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige” (p. 157), ou, ainda, uma tensão “que se exerce na maneira pela qual o autor nos vai aproximando lentamente do que conta” (p. 158). Dessa forma, ajustando elementos formais e expressivos ao tema, o escritor consegue, segundo Cortázar, prender a atenção do leitor, tirando-o de sua realidade momentaneamente para depois colocá-lo novamente em contato com o seu mundo de uma forma mais profunda e enriquecida.

Para essa mesma compreensão aponta Ricardo Piglia (1999) ao assinalar que o conto sempre narra duas histórias. Conforme destaca, a surpresa ocorre quando o final da segunda história emerge na narrativa, os mesmos acontecimentos formam parte de duas lógicas distintas e, até mesmo, antagônicas. Segundo o crítico, essa segunda história “é construída com o não dito, com o subentendido e a alusão” (p. 91) e é o que fundamenta a forma do conto.

Ambas as contribuições assinaladas percebem o conto como narrativa que transcende a si mesma, destacando-o como construção textual capaz de remeter à realidade do leitor ou a uma realidade que lhe é perceptível, fazendo-o enxergar algo

além daquilo que é narrado, pois, nas palavras de Piglia (1999), a história oculta “reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” (p. 94).

Partindo desses pressupostos, considerando a Literatura, especificamente o conto, como arte que fala sobre a vida, possibilitando, dessa forma, a aproximação do leitor ao texto, desenvolvemos um trabalho de reflexão sobre o texto literário e de temas neles abordados, como as relações interpessoais, os sentimentos humanos, as injustiças e as desigualdades do mundo. A seguir, para exemplificar, relatamos como se desenvolveram dois encontros de leitura.

DOIS CONTOS EM UM CONTO: A LEITURA DE “O ESPECTRO”, DE HORACIO QUIROGA

Para este relato, escolhemos a leitura do conto “O espectro”, de Horacio Quiroga (1878-1937), que integra o livro *El desierto* (1924), visando demonstrar que de uma mesma narrativa podem surgir diferentes interpretações que não se excluem podendo, inclusive, se complementarem. O escritor Horacio Quiroga, nascido em Salto, no Uruguai, dedicou-se, dentre outros gêneros, à escrita de contos e tornou-se conhecido, principalmente, por suas narrativas no gênero terror.

O conto escolhido é narrado por um dos personagens, Guillermo, que começa informando o leitor, no final do primeiro parágrafo, sobre seu hábito de frequentar salas de cinema com sua amada Enid, com quem teve uma trágica história de amor da qual o resultado foi a morte de ambos, portanto, desde o começo da narrativa sabemos que os personagens são fantasmas.

Como forma de introdução ao tema, começamos a abordagem dessa narrativa trazendo uma obra cinematográfica para a discussão, *Os outros* (2001), de Alejandro Amenábar. No filme, mãe e filhos moram em uma casa isolada, enquanto aguardam o retorno do pai, ausente devido à guerra. Em meio a uma rotina rígida de cuidados para manter a casa às escuras, pois as crianças tinham sensibilidade à luz, a família passa a perceber fenômenos estranhos, o que os leva a crer que a casa é assombrada, algo que é confirmado ao final. Entretanto, ao contrário do que o espectador é levado a crer, pois a narrativa conduz ao entendimento de que a família é assombrada por espíritos que estão na casa, ao final compreende-se que a própria família assombra a casa e que os barulhos que escutavam e os fenômenos que presenciavam eram de pessoas que, ao contrário deles, estavam vivas.

Os participantes mostraram conhecer a narrativa cinematográfica e relataram o quanto, na primeira vez que assistiram, sentiram-se surpresos com as revelações da conclusão sobre a qual, ao longo do filme, haviam sido deixadas pistas que, primeiramente, conduziam o espectador a pensar que a família sofria por ser assombrada por espíritos, mas que, posteriormente, com a revelação final, expunham o seu significado oculto. Dessa forma, recorrer a essa produção serviu, inicialmente, para inserir os ouvintes do curso no gênero do conto, uma narrativa de terror sobre fantasmas, como o filme. Contudo, seu uso teve desdobramentos positivos durante a leitura do conto, estimulando os participantes, inclusive, ao ato de releitura para buscar “pistas” capazes de embasar a interpretação do final do conto.

Em grupo, feitos os comentários e inseridos no clima proposto pelo longa-metragem, iniciamos a primeira leitura do conto de Horacio Quiroga. O narrador conduz o leitor ao seu passado para que este entenda quais acontecimentos resultaram na morte dos personagens, traço da narrativa que, como observado pelos participantes, difere do longa-metragem *Os outros*, pois iniciamos a leitura do conto já com a informação de que os personagens estão mortos. Essa observação demonstra que, desde o início da leitura, começaram a relacionar ambas as narrativas pontuando diferenças e semelhanças, de modo que o conhecimento da história do filme serviu-lhes de base para a leitura do conto.

Dando seguimento à leitura, o narrador assinala o quanto foi arrebatador o sentimento que teve por Enid e a infelicidade que o atingiu por havê-la conhecido quando já era casada, uma barreira que talvez pudesse ser transposta, não fosse o marido Duncan Wyoming, um astro do cinema e o melhor amigo de Guillermo. Os três passam a conviver juntos e Guillermo ama a Enid em silêncio, amor que não é percebido por Duncan. O trio se desfaz quando uma gripe tira a vida do ator que, antes de morrer, havia pedido para que Guillermo amparasse sua esposa como a uma irmã demonstrando, dessa forma, o quanto confiava no amigo.

Após um longo período respeitando o matrimônio do amigo, Guillermo viu, na morte de Duncan, a liberação para concretizar seu amor, ao qual Enid, inicialmente, recusa, pois pensava nesse sentimento como um crime, mas logo cede e ambos passam a viver um relacionamento. Um dia, o casal decide ir ao cinema para acompanhar a estreia de um dos dois filmes que Duncan havia filmado antes de morrer. Ambos sentiram a presença de Duncan, como se, através de sua atuação na tela, os condenasse por haver traído sua confiança.

Sem entender o motivo, dia após dia, assistiam à exibição do filme e, cada vez mais, tinham a impressão de que o olhar do homem voltava-se para eles até o dia em que

tiveram a sensação de que Duncan saíra da tela para alcançá-los. Nesse dia, Guillermo havia levado um revólver para atirar contra o amigo, contudo, não sabe explicar como, acaba atirando em si mesmo e morrendo. Três dias depois, de alguma forma que não é explicada, Enid também morre.

A leitura desse conto suscitou diferentes interpretações. De forma geral, o texto foi entendido ou como a narrativa da vingança de um espírito que se sentiu traído ou como a narrativa da culpa que assombrou o casal. A primeira, baseada principalmente na condição espectral do casal, ser um fantasma não impede Guillermo de narrar a história, inclusive o personagem assinala que, às vezes, os vivos conseguem senti-los, de forma que a vingança de Duncan também seria possível, porque, enquanto vivos, o casal poderia ter sido vítima das ações de um espírito. A segunda é pautada na própria forma como o narrador referia-se ao seu amor por Enid, um sentimento “imaculado” que, para ele, é manchado pelo olhar acusatório de Duncan desde a tela, bem como a constante reiteração, por sua parte, do seu respeito ao matrimônio do amigo e da recusa inicial de Enid, como se quisesse assinalar a inocência de ambos, ou até convencer a si mesmo de que não haviam traído ninguém.

A divergência nas interpretações fez com que os participantes voltassem à leitura do conto para buscar “pistas”, assim como fizeram no filme de Alejandro Amenábar, para que pudessem embasar suas interpretações. Dessa forma, o longa-metragem que inicialmente serviu para introduzi-los ao gênero terror, estimulou-os ao movimento de retorno ao texto, incentivando-os a buscar embasamento para suas leituras dentro da própria obra literária.

O intuito, contudo, não era que os participantes chegassem a somente uma conclusão, mas mostrar-lhes como, conforme apontado por Piglia (1999), em uma história podemos encontrar outras histórias, sem que haja uma mais correta que a outra, a única condição é que estejam embasadas no que o próprio texto fornece. De forma que, juntos, ministrantes e participantes, concluímos que as duas interpretações podem ser vistas separadamente ou de forma complementar, pois o casal poderia estar sendo assombrado por Duncan e, ao mesmo tempo, serem corroídos pela culpa do sentimento que tinham um pelo outro.

MELANCOLIA, DEVANEIOS E APARIÇÕES: A LEITURA DE “A MORTA”, DE GUY DE MAUPASSANT

Neste relato, tenciona-se tecer algumas considerações sobre a leitura do conto “A morta”, de Guy de Maupassant (1850 – 1893) e elucidar algumas questões concernentes

às atividades reflexivas propostas ao longo das aulas ministradas relacionadas à obra literária. O escritor e poeta francês Henri René Albert Guy de Maupassant nasceu na comuna de Tourville-sur-Arques, localizada na região administrativa da Normandia. Aos 42 anos, tentou cometer suicídio por conta de transtornos decorrentes de sífilis, doença que ceifou sua vida no ano seguinte. O contista é conhecido por suas obras que versam sobre críticas sociais e aspectos psicológicos de seus personagens, em narrativas sobretudo realistas e fantásticas.

Antes da realização da leitura do referido conto, solicitou-se aos participantes que escrevessem quais frases eles imaginavam que estariam grafadas em suas lápides. Embora essa atividade tenha sido realizada antes da leitura da obra, a tarefa foi desenvolvida com o objetivo de propor uma reflexão acerca do desfecho do conto, após a apreciação do texto, com o intuito de verificar se as frases seriam mantidas ou modificadas depois da leitura.

Logo após a realização da primeira tarefa, os participantes assistiram ao videoclipe da música *Love you to death*, da banda Kamelot, de autoria do músico Roy Khan. O recurso contemporâneo foi apresentado com o objetivo de aproximar os participantes de uma obra similar à literária a ser discutida, permitindo, dessa maneira, que semelhanças existentes entre ambas produções – conto e música – fossem colocadas em relevo.

O texto escrito por Maupassant aborda o relato de um homem apaixonado que sofre por conta de um acontecimento trágico, que culminou no fim de seu relacionamento: sua amada foi acometida por uma enfermidade, aparentemente uma pneumonia, e faleceu. O narrador da obra supracitada é marcado a partir do uso da primeira pessoa do singular, em que ele se assume como *eu* logo na primeira frase do texto.

No primeiro parágrafo, o protagonista demonstra sentimentos de obsessão em relação à sua falecida companheira. No decorrer do texto, sua compulsão continua a ser evidenciada, além de ser possível constatar, também, que se tratava de um homem confuso, perdido e atordoado. Inicialmente, esses traços foram identificados pelos participantes a partir de afirmações em que o narrador admite não saber a causa da morte de sua companheira, além de não ser capaz de descrever de maneira exata os últimos momentos dela, pois o personagem reporta não ter essas recordações.

A intensidade dos sentimentos do narrador pela amada, a dor da perda e a desolação são elementos presentes na música composta por Roy Khan e no conto. Essas semelhanças foram assinaladas pelos participantes durante o exercício de reflexão acerca do texto e da música, realizado após a sua leitura da obra literária.

As características do narrador protagonista persistem e são intensificadas ao longo

da obra. Conforme a narrativa é desenvolvida, mais traços de insanidade e de desconexão com a realidade são colocados em evidência. Esses aspectos são importantes para a construção do conto, visto que abrem margem para possíveis ambiguidades, que trazem ao leitor algumas incertezas acompanhadas de variadas possibilidades de interpretação.

Apesar das incertezas evidenciadas pelo narrador personagem, alguns trechos da obra permitem ter acesso a lembranças que faziam parte de sua realidade, sendo possível identificar que se tratavam de acontecimentos recordados, e não de devaneios de um homem apaixonado, tomado por sentimentos taciturnos oriundos da perda. O narrador personagem, então, ao reviver as memórias referentes ao enterro de sua amada, apresenta ao leitor um acontecimento pontual, realmente vivido por esse sujeito.

Momentos como o sepultamento de sua companheira, em que o narrador protagonista fornece detalhes precisos que compreendem o momento mencionado, como a descrição do barulho das marteladas, a lembrança do caixão e das pessoas que compareceram ao funeral, permitem inferir que se tratam de recordações vívidas. Percebe-se que ele era torturado por sua própria mente ao revisitar esses momentos, fato que foi identificado pelos participantes, além de potencializar a caracterização do personagem como um sujeito melancólico e desolado.

O narrador, em estado latente de euforia e desorientação, decide ir ao cemitério. Ele adentra no local em busca do jazigo de sua amada. Durante esse trajeto, o protagonista revela estar horrorizado, tomado pelo medo e por delírios. De repente, ele avista um fantasma levantando-se de seu túmulo. A seguir, o espectro passa a ler as frases presentes em sua tumba, que o descreviam como um homem amoroso, bondoso e honesto em vida.

Entretanto, após visualizar as sentenças grafadas, a assombração, manuseando uma pedra pontiaguda, raspa os dizeres registrados em sua lápide. Substituiu-os por frases que indicavam que, ao longo de sua vida, aquele fantasma havia sido um homem impiedoso, hediondo, mentiroso, ladrão, que destratava seus familiares e outras pessoas de seu entorno.

Ao observar os arredores do cemitério, o narrador protagonista constatou que todos os fantasmas saíam de seus túmulos, apagavam seus epitáfios e, posteriormente, escreviam as verdades concernentes às suas vivências. Logo, deslocou-se em busca do local onde repousavam os restos de sua amada e, no lugar da frase presente em sua sepultura, o espírito da mulher revela que sua enfermidade foi provocada por uma saída durante uma noite de chuva, em que ela o traiu.

Quando o protagonista vai ao cemitério, ao caracterizar o espaço, elementos como a escuridão, o próprio lugar e sua atmosfera vão de encontro à desconexão do sujeito narrador com a realidade, o que torna sua narrativa contestável e ambígua, em que não é possível distinguir o real do irreal. O ambiente lúgubre e escuro torna seu relato dubitável, uma vez que os fantasmas podem ser frutos provenientes da imaginação de um sujeito que se encontrava atordoado em um local obscuro, comumente causador de medo.

Essa transição entre o que tende a parecer real, como a descrição do funeral de sua companheira, e os momentos de delírio do protagonista, constroem, pouco a pouco, incertezas no leitor, justamente para instigar questionamentos concernentes às falas proferidas pelo referido personagem. Esse descompasso entre realidade e os pensamentos confusos do narrador tendem a preparar o leitor para o desfecho da obra e suas múltiplas possibilidades de interpretação, além de marcar a alternância entre o realismo e o fantástico.

Dessa maneira, considera-se a possibilidade do medo exacerbado ter sido o fator responsável por suas alucinações. Nesse caso, as figuras fantasmagóricas seriam devaneios potencializados pela melancolia e morbidez do narrador, meramente quiméricos. Também há a possibilidade de tudo não ter passado de um pesadelo, ou, efetivamente, ele avistou os fantasmas vagando pelos túmulos do cemitério que abrigava múltiplos corpos, inclusive o de sua amada, além de todas as revelações serem consideradas reais a partir dessa perspectiva. Essas possibilidades de interpretação foram consideradas a partir das reflexões dos participantes.

É possível constatar que o narrador, ao referir-se aos sentimentos, fala apenas de seus próprios. Ao longo do texto, ele não versa sobre o quanto o casal se amou, ou sobre os sentimentos que sua falecida companheira tinha por ele. O narrador personagem salienta apenas os sentimentos que ele nutria por sua amada. Somente a frase escrita na cruz do túmulo de sua companheira sugeria a existência de afeto por parte dela: “Amou, foi amada e morreu” (MAUPASSANT, 2011, p. 116). No entanto, no final do conto, a sentença é substituída quando o espectro da mulher revela que, em vida, havia saído para traí-lo e, por isso, adoeceu.

Em contrapartida, ao falar sobre os bens materiais, é possível perceber que esses pertenciam ao casal, uma vez que há o uso do pronome possessivo *nosso* ao caracterizar o quarto, o leito e os móveis da casa. Tratam-se de indícios sutis relacionados ao final do conto, visto que, ao versar sobre bens materiais, ele poderia, de fato, classificá-los como pertencentes ao casal, usando, dessa maneira, o pronome possessivo no plural. No entanto, ao falar sobre o amor, por exemplo, o narrador faz afirmações apenas acerca de

seus sentimentos, o que torna questionável a existência da reciprocidade entre o casal. Esses aspectos foram percebidos pelos participantes a partir do retorno a esses trechos do texto, com a mediação das ministrantes.

Após a leitura do conto, a maioria dos participantes salientou que mudaria o texto relacionado à atividade desenvolvida antes da leitura do conto, referente às palavras grafadas em suas próprias lápides, optando por frases mais realistas, que caracterizassem o que eles, de fato, são, e não uma idealização. Os participantes também ressaltaram o fato de que todos tendem a cometer erros e a morte não pode simplesmente apagá-los, tornando-os imaculados.

Dessa forma, durante a atividade reflexiva, foram tecidos comentários acerca de hábitos que muitas vezes são perpetuados socialmente. Comentários direcionados ao costume de certas pessoas se tornarem veneráveis somente após a morte, sendo ressaltadas características positivas que, em vida, tinham pouca relevância.

Os participantes destacaram que, evidentemente, podem existir muitas hipocrisias estampadas não somente nas lápides, mas na sociedade como um todo. Sendo assim, a leitura do texto proporcionou ao grupo a oportunidade de discutir e discorrer acerca das possibilidades de interpretações relacionadas ao texto, bem como explorar recursos linguísticos e características do gênero. O processo de aprendizado foi construído a partir da troca de saberes e reflexões compartilhadas por todos os participantes e mediação das ministrantes do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, através desses relatos, demonstrar sinteticamente como foram desenvolvidas as atividades de mediação de leitura dos contos durante o curso de extensão mencionado. Conforme exposto, nos apoiamos, principalmente, nas contribuições de Cortázar (1974) e Piglia (1999) com o intuito de pontuar que o texto literário não está distante do cotidiano, posto que muitos de seus temas sintetizam quadros da vida.

Mesmo em contos de fantasmas, como os mencionados neste relato, percebemos fissuras que podem levar os leitores a refletir sobre questões cotidianas e, nesse ato, tem-se o texto que extrapola os limites da história que narra. Tanto no conto de Horacio Quiroga quanto no de Guy de Maupassant é possível perceber que o leitor é conduzido por uma narrativa que, paulatinamente, se mostra mais tensa, centrando-se em informações que vão intrigando e envolvendo aquele que a lê e, dessa forma, conforme

aponta Cortázar (1974), tira-o momentaneamente de sua realidade, para depois jogá-lo novamente nela com uma visão de mundo enriquecida.

Para nós, auxiliar na interpretação do dito, do diretamente exposto, é tarefa do mediador de leitura, mas, mais do que isso, auxiliar na compreensão do não dito, do subentendido, daquilo que é somente aludido parece potencializar o significado dessa tarefa, porque, conduzindo a leitura de Literatura, o mediador conduz à leitura das pessoas e do mundo. Lemos, em conjunto com os participantes do nosso curso, narrativas sobre assombrações, delírios e obsessões e, dentro dessas, narrativas sobre as ações e sobre os sentimentos humanos, sobre a dor e a tristeza de um amor inalcançável ou perdido, sobre a culpa e a decepção, sobre a hipocrisia, atitudes e sentimentos tão próximos e conhecidos de muitas pessoas que quando não são vivenciados são, ao menos, testemunhados, e que são revelados na leitura concluída e discutida. Assim como Piglia (1999), acreditamos que “na experiência renovada dessa revelação que é a forma, a literatura tem, como sempre, muito que nos dizer sobre a vida” (p. 114).

Dessa experiência, as maiores contribuições para a nossa formação, além da própria tarefa de mediar que por si só é enriquecedora pela atenção e dedicação que exige, foram as leituras dos participantes desse curso e das discussões surgidas nos encontros. Isso porque, para nós, mediar exige também uma abertura e uma disposição a ouvir o outro que, carregado de sua experiência no mundo, demonstrando o que consegue apreender do texto literário, também nos enriquece. E esse enriquecimento apenas se dá quando há diálogo, quando respeitamos a leitura do outro e a sua experiência nesse mundo. Acreditamos, então, que a Literatura tem muito a dizer sobre a vida e também sobre o viver e sobre o conviver.

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. **Válise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 147–163.

KAMELOT. **Kamelot - Love You To Death [Official Music Video]**. 4:48 min. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=y9BwQGYDLXg. Acesso em: 12 maio 2023.

KHAN, Roy. Love you to death. In: Kamelot. **Ghost Opera**. Steamhammer, 2007. Disponível em: www.letras.mus.br/kamelot/983465/traducao.html. Acesso em: 12 maio 2023.

MAUPASSANT, Guy de. A morta. In: MAUPASSANT, Guy de. **Contos escolhidos**. Alfragide: Dom Quixote, 2011.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo:

Companhia das Letras, 2004, p. 87-94.

QUIROGA, Horacio. O espectro. In: QUIROGA, Horacio. **A galinha degolada e outros contos**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 34-47.

THE OTHERS. Direção: Alejandro Amenábar. Produção: Fernando Bovaira, José Luis Cuerda, Sunmin Park. Roteiro: Alejandro Amenábar. [S. l.]: Dimension Films, 2001.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG

CAMPUS CARREIROS

CEP: 96203-900

editora@furg.br

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Instituto de Letras e Artes
E-mail: ila@furg.br
Tel: (53) 3233-6621
<https://www.instagram.com/socializandoaleitura/>

ISBN 978-65-5754-200-2



9 786557 542002